



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES - CCTA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES
EM REDE NACIONAL - PROFARTES

AILMA ALVES DE SOUZA ARRUDA

**ARTES CÊNICAS: CANTIGAS DE BRINCAR E O ENSINO DE ARTES NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE JOÃO
PESSOA**

JOÃO PESSOA - PB

2020

AILMA ALVES DE SOUZA ARRUDA

**ARTES CÊNICAS: CANTIGAS DE BRINCAR E O ENSINO DE ARTES NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE JOÃO
PESSOA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e submetida à banca de defesa, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes.

Linha de pesquisa: Processo de Ensino, Aprendizagem e Criação em Artes

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Barbosa Schulze.

JOÃO PESSOA - PB

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação Seção de Catálogo e Classificação

A779a Arruda, Ailma Alves de Souza.

Artes Cênicas: Cantigas de Brincar e o Ensino de Artes
nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em Escolas do
Município de João Pessoa / Ailma Alves de Souza Arruda.

- João Pessoa, 2020.

170 f. : il.

Orientação: Guilherme Barbosa Schulze.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Artes Cênicas. 2. Cantigas. 3. Proposta Curricular.
I. Schulze, Guilherme Barbosa. II. Título.

UFPB/BC

AILMA ALVES DE SOUZA ARRUDA

**ARTES CÊNICAS: CANTIGAS DE BRINCAR E O ENSINO DE ARTES NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE JOÃO
PESSOA**

Aprovada em: 10, julho, 2020.

BANCA EXAMINADORA



Orientador: **Prof. Dr. Guilherme Barbosa Schutze**



Examinador Interno: **Prof. Dr. Fernando Antonio Abath Luna Cardoso Cananéa**



Examinador Externo: **Prof. Dr. Vanildo Mousinho Marinho**

Suplente Externo: **Profª. Drª Maria Fabricia de Medeiros**

João Pessoa

2020

À minha mãe, Francisca, e a meu esposo, Vando, pois eles fizeram toda diferença na minha vida em relação aos meus estudos. Nunca me deixaram desistir dos meus objetivos, até mesmo nos momentos mais difíceis. A eles meu eterno agradecimento e amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois, ele foi, é, e sempre será minha força nessa jornada em busca de meus objetivos.

Aos meus filhos, Mariana e João Gabriel, que sempre me inspiraram para continuar estudando e que hoje compartilham comigo todas as minhas conquistas.

Ao meu esposo Vando, que sempre me incentivou, me ajudou nos momentos difíceis e cuidou da nossa família no momento em que precisei me dedicar mais aos estudos.

A minha mãe Francisca e a minha irmã Ailda, que sempre colocam meu nome em suas orações em todas as etapas da vida que vivenciei até aqui.

Aos familiares que me incentivaram e torceram por mim durante todo esse processo do mestrado.

Ao Professor Dr. Guilherme Barbosa Schulze, que desde o começo acreditou na minha proposta, valorizou meus conhecimentos e os conduziu de forma tão tranquila e sábia.

A todos os professores do Profartes que contribuíram muito no meu aprendizado.

À secretaria do Profartes, que sempre esteve à disposição nos auxiliando na parte burocrática e documental necessária.

Aos colegas da turma do Profartes pelos momentos de troca de conhecimento, carinho e amizade. Em especial Joht Cavalcanti, Sandra Buriti, Shirley Batsi e Juliana Marques, que estiveram comigo em todos os momentos deste mestrado.

Às crianças das Escolas Municipais David Trindade e Índio Piragibe, pela acolhida, envolvimento, carinho e respeito pelo trabalho. Sem elas, esta pesquisa não seria realizada.

Às professoras, cuidadoras, aos pais e a toda a equipe das Escolas Municipais David Trindade e Índio Piragibe, que apoiaram, acreditaram e sempre se colocaram à disposição.

E por fim, a todos os amigos e amigas que, direta ou indiretamente, me apoiaram, incentivaram e torceram por minhas conquistas.

Criar vivências de aprendizagem para que as pessoas aprendam a dar respostas, sempre resultantes de processos significativos e afirmativos, talvez seja a primeira lição a ser aprendida. É fundamental aprender a dizer sem medo, a questionar com sede de troca de ideias, a proclamar a sua verdade com amor. Aprender a dar respostas saudáveis, vivenciais. É aprender a respeitar sua própria corporeidade, suas próprias pautas, suas próprias necessidades. Esta talvez seja a tarefa extraclasse da escola: deixar-se encantar pelos potenciais dos alunos, pela aprendizagem.

(GONSALVES, 2014, p. 19)

RESUMO

Esta pesquisa teve como propósito trabalhar os conteúdos de Artes Cênicas com as cantigas de brincar em duas turmas de Primeiro Ano em Escolas públicas do Município de João Pessoa, cujo objetivo principal foi de organizar uma proposta curricular para o ensino de Arte Cênica para essas turmas. Com referencial teórico baseado em: metodologias do ensino de teatro como Viola Spolin; sobre cantigas de brincar do livro de Idelette Fonseca dos Santos e Maria de Fátima de Mesquita Batista; documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, a Base Nacional Comum Curricular, e as Propostas Curriculares do Município de João Pessoa e do Estado da Paraíba; e com o livro da coleção Ligamundo para a série do Primeiro Ano. Para conseguir o resultado, foi utilizada a pesquisa participante, de natureza aplicada, pois trabalhou-se com os métodos e currículos utilizados no ensino de Artes Cênicas. O suporte científico foi o indutivo, pois foi aplicada e analisada uma experiência prática. O objetivo de estudo foi a pesquisa descritiva, pois se verificaram dados do contexto de ensino de Artes Cênicas, em particular o teatro, e com isso foi possível organizar a proposta curricular para as duas turmas do Primeiro Ano das escolas escolhidas para a aplicação. A abordagem foi qualitativa, pois fez-se relato e analisou-se todo o processo. Na coleta de dados, foram levantados bibliografias e documentos, relatos da experiência e avaliações coletivas com os educandos. Foram elaborados planos de aulas/oficinas para serem aplicados em duas salas de aula do Primeiro Ano do Ensino Fundamental em duas Escolas do Município de João Pessoa, e participaram delas todos os educandos destas salas, de faixa etária de seis a nove anos de idade. O resultado da pesquisa foi a elaboração de uma proposta curricular com conteúdos para quatro bimestres, com sugestões de planos de aula equivalentes ao ano letivo dessa série. Percebeu-se também que os planos de aula e seus conteúdos foram eficazes para ser aplicados nas turmas com educandos dessa faixa-etária, devido à percepção, compreensão e habilidades deles nas aulas/oficinas. E assim pudemos concluir que as aplicações das aulas/oficinas foram eficazes no desenvolvimento do conhecimento sobre as Artes cênicas, pois os resultados foram sempre satisfatórios em todos os encontros.

Palavras-chave: Artes Cênicas. Cantigas de Brincar. Jogos Teatrais. Proposta Curricular.

ABSTRACT

This research has as its purpose to work with contents from Scenic Arts with play songs with two First Year classes in Public Schools in João Pessoa county, which main objective was to organize a curricular proposal for the teaching of Scenic Arts of these classes. With a theoretical referential based on: teacher teaching methodologies such as Viola Spolin; about play songs from the Idelette Fonseca dos Santos and Maria de Fátima de Mesquita Batista's book; documents such as the National Art Curriculum Parameters, and National Common Curriculum Base, and the Curriculum Proposals of the João Pessoa County and the state of Paraíba; and with the books from the Ligamundo collection for the First Year grade. To achieve the result, it was utilized a participant research, with an applied nature, because we worked with the methods and curriculum used in teaching Scenic Arts. The scientific support was inductive, for it was applied and analyzed with a practical experiment. The study objective was a descriptive research, because we verified data from the context of teaching Scenic Arts, with theater in particular, and with that it was possible to organize a curricular proposal for the two First Year classes chosen for the application. We used a qualitative approach, for it was made a report and all process was analyzed. In the data collection, it was brought up bibliographies and documents, experience reports and collective evaluations from the students. We developed classes/workshops plans to be applied in two classes of the First Year of Elementary School in two Schools of the João Pessoa County, and all students of these classes participated, with an age range from six to nine years old. The research result was the elaboration of a curriculum proposal with contents for four bimesters, with class plans suggestions equivalents for the school year of this grade. It was perceived also that the class plans, and its contents were effective to be applied to classes for students of this age range due to perception, comprehension and their abilities in classes/workshops. Therefore we can conclude that the application of the schools/workshops were affective in developing the knowledge about Scenic Arts, for its results were always satisfactory in all encounters.

Keywords: Performing Arts; Play Songs; Theatrical Games; Curricular Proposal.

LISTA DE IMAGENS

Foto 1. Movimento físico do esqueleto no espaço.....	64
Foto 2 Dança em círculo com a cantiga.....	65
Foto 3. Caminhada em três ritmo.....	67
Foto 4. Jogo tradicional Passarás.....	67
Foto 5. Jogo do espelho.....	68
Foto 6. Dança em círculo da cantiga.....	69
Foto 7. Jogo da bola invisível.....	70
Foto 7.1. Jogo do pula corda invisível.....	71
Foto 8. Jogo imitando animais.....	72
Foto 9. Jogo parte de um todo.....	73
Foto 10. Imitando profissões 1.....	74
Foto 11. Imitando profissões 2.....	75
Foto 12. Pega com explosão.....	76
Foto 13. Pega em câmera lenta.....	77
Foto 14. Cena tomando café.....	80
Foto 15. Indo para escola.....	80
Foto 16. Cena da escola.....	81
Foto 17. Cena do Cravo e a Rosa.....	81
Foto 18. O cravo doente.....	82
Foto 19. A rosa visitando o cravo.....	82
Foto 20. Demonstração de fotos das aulas/oficinas para a turma.....	82
Foto 21. Caminhada ao acaso.....	83
Foto 22. Movimentos da cantiga.....	84
Foto 23. Passarás em grupo de 4.....	85

Foto 24. Passarás com a turma.....	85
Foto 25. Jogo do espelho.....	86
Foto 26. Dança “Samba lê lê”.....	87
Foto 27. Dança roda pião.....	90
Foto 28. Dança pula pião.....	90
Foto 29. Imitando bailarinas.....	92
Foto 30. Imitando malabaristas.....	92
Foto 31. Jogo do pega com explosão.....	94
Foto 32. Dança “escravos de Jó”.....	94
Foto 33. Cena indo para a escola.....	97
Foto 34. Cravo brigando com a Rosa.....	97
Foto 35. Cravo no hospital.....	97
Foto 36. Rosa pôs-se a chorar.....	97

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PME	Plano Municipal de Educação
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
POC	Ponto de Concentração

SUMÁRIO

1 ABREM-SE AS CORTINAS: INTRODUÇÃO	15
2 BASTIDORES DAS CENAS: INÍCIO DA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA, EDUCACIONAL E ACADÊMICA	19
2.1 O despertar para a arte.....	19
2.2 O despertar para o processo de pesquisa	21
3 ESTUDO DE TEXTO: CONTEÚDOS DE ARTES CÊNICAS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL	25
3.1 Textos de 1971 a 1997.....	25
3.2 Textos de 1997 a 2015.....	30
3.3 Textos de 2018 a 2019.....	32
4 O LABORATÓRIO: CANTIGAS DE BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	38
4.1 Entendendo os estágios de desenvolvimento da criança	38
4.2 O papel da cantiga no desenvolvimento da criança	42
5 ENSAIOS: CANTIGAS DE BRINCAR, UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE TEATRO NA ESCOLA.....	47
5.1 O jogo teatral como prática educativa e criativa.....	47
5.2 A fusão da cantiga no jogo	49
5.3 Componentes do plano de aula de teatro	51
6 CENAS: DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA.....	58
6.1 O quem, o onde e o quê.....	58
6.1.1 O quem.....	58
6.1.2 O onde.....	60
6.1.3 O quê.....	61
6.2 Descrição da experiência na Escola Municipal David Trindade	63
6.3 Descrição da experiência na Escola Índio Piragibe	83

7 APLAUSOS: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA	99
8 CRÍTICA: CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICES	118
APÊNDICE 1.....	119
APÊNDICE 2.....	120
APÊNDICE 3.....	121
APÊNDICE 4.....	122
APÊNDICE 5.....	123
APÊNDICE 6.....	124
APÊNDICE 7.....	125
APÊNDICE 8.....	126
APÊNDICE 9.....	127
APÊNDICE 10	128
APÊNDICE 11.....	129
APÊNDICE 12.....	130
APÊNDICE 13.....	131
APÊNDICE 14.....	132
APÊNDICE 15.....	133
APÊNDICE 16.....	134
APÊNDICE 17.....	135
APÊNDICE 18.....	136
APÊNDICE 19.....	137
APÊNDICE 20.....	138
APÊNDICE 21.....	139
APÊNDICE 22.....	140
APÊNDICE 23.....	141
APÊNDICE 24.....	142
APÊNDICE 25.....	143
APÊNDICE 26.....	144

APÊNDICE 27.....	145
APÊNDICE 28.....	146
APÊNDICE 29.....	147
APÊNDICE 30.....	148
APÊNDICE 31.....	149
APÊNDICE 32.....	150
APÊNDICE 33.....	151
APÊNDICE 34.....	152
APÊNDICE 35.....	153
APÊNDICE 36.....	154
APÊNDICE 37.....	155
APÊNDICE 38.....	156
APÊNDICE 39.....	157
APÊNDICE 40.....	158
APÊNDICE 41.....	159
ANEXOS	160
ANEXO 1	161
ANEXO 2	166

1 ABREM-SE AS CORTINAS: INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como tema “Artes Cênicas: cantigas de brincar e o ensino de Artes nos anos iniciais do Ensino Fundamental em escolas do Município de João Pessoa” e partiu da necessidade de contribuir com uma proposta curricular para o ensino e aprendizagem do conteúdo de Artes Cênicas por meio das cantigas de brincar, a qual, como analisei em documentos referentes ao conteúdo para essa área, pode ser melhorada.

Hoje, o ensino das Artes Cênicas na Paraíba segue a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Proposta Curricular Estadual da Paraíba (PCEPB) de 2019 e os livros didáticos o Plano Nacional de Livros Didáticos (PNLD) do governo federal para educandos do Primeiro Ano e demais séries do Ensino Fundamental. No entanto, as cantigas de brincar estão incluídas como conteúdo individualizado, mas a ideia é experimentá-las como recurso didático de sensibilização para conteúdos de Artes Cênicas e aplicação destes no Primeiro Ano do Ensino Fundamental.

O ambiente de análise são duas salas de Primeiro Ano das Escolas Municipais de Ensino Fundamental David Trindade (EMEFDT) e Índio Piragibe, ambas localizadas no bairro de Mangabeira, em João Pessoa (PB). Na EMEF Índio Piragibe sou professora de Artes Cênicas desde o ano de 2009, e de teatro na EMEFDT, desde 2015. Devido à programação de aulas do mestrado profissional em 2018, com o intuito e compromisso de dar conta das demandas às quais me propus, optei pelo afastamento de uma das escolas, permanecendo na docência de apenas uma delas, a EMEFDT. Com meu afastamento de uma das escolas, a proposta inicial era de desenvolver a pesquisa somente na EMEFDT, pois lá funcionavam duas salas do Primeiro Ano, sendo essas essenciais para a pesquisa; mas no ano de 2019, quando seria aplicada a proposta de aula/oficina¹, a escola só ofertou uma turma do Primeiro Ano e por isso foi necessário escolher outra escola para completar a pesquisa. Optou-se, assim, pela EMEF Índio Piragibe, pois ainda havia contato e vínculo com a comunidade escolar. Como não era a professora de Arte dos educandos do Primeiro Ano das duas escolas escolhidas, pois com a licença fiquei lecionando aulas somente para o Fundamental II, foi preciso aplicar as aulas/oficinas nas turmas de Primeiro Ano no horário de aula das professoras de Arte destas escolas.

¹Nome dado a um modelo de aula usado por Isabel Barca em Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. ***Para uma educação de qualidade***. Que enfatiza “o aluno, agente de sua formação com ideias prévias e experiências diversas e o professor, investigador social e organizador de atividades problematizadoras” (p.133 2004).

A hipótese da pesquisa era de que as cantigas de brincar, que ajudam a reafirmar a identidade dos educandos e salvaguardar a tradição de brincadeiras trazidas por nossos familiares, poderiam ser incluídas na aula de forma lúdica com uma linguagem brincante e de fácil compreensão. Além do que, as cantigas serviriam como sensibilização para os conteúdos básicos de Artes Cênicas. E, supondo que os educandos já as conheciam, pois eu percebia isso quando as trabalhava em minhas aulas, ficariam mais suscetíveis à aceitação dos conteúdos de Artes Cênicas.

O objetivo geral foi organizar uma proposta curricular para aulas de Artes Cênicas utilizando as cantigas de brincar como recurso didático na sensibilização para os conteúdos e aplicação dessa proposta no Primeiro Ano do Ensino Fundamental. Para alcançar nosso objetivo geral, foi necessário passar pelos específicos, que foram: levantar e descrever referências literárias sobre currículo e ensino de Artes Cênicas, com o propósito de embasar teoricamente a proposta curricular para o segmento do Primeiro Ano do Ensino Fundamental; pesquisar e descrever referências literárias sobre as cantigas de brincar na escola, educação e arte, como também referências sobre o desenvolvimento da criança, para que estas fossem material didático base na aplicação da pesquisa; relatar as experiências feitas nas aulas de Artes Cênicas com as cantigas de brincar, tendo a intenção de analisar a efetivação da proposta.

Esta é uma pesquisa participante, a metodologia deste trabalho é de natureza aplicada, uma vez que trabalhamos com o método indutivo, pois partiu-se da observação de caso concreto da realidade escolar, ou seja, o ensino das Artes Cênicas na escola de Ensino Fundamental. Este constitui-se um método empírico proposto pelos filósofos Bacon, Hobbes, Locke e Hume, para os quais o conhecimento é fundamentado na experiência.

A abordagem foi qualitativa, pois ofereceu diferentes possibilidades de realizar a pesquisa, que no primeiro momento foi bibliográfica e documental até o estudo de caso e as técnicas do método etnográfico, em que se descreve em diário de campo a realidade observada. O procedimento técnico foi baseado na pesquisa bibliográfica de livros de referência da área, dicionários, catálogos, artigos científicos e periódicos; e da pesquisa documental como leis, decretos, documentos escolares, planos didáticos, de trabalho, cadernos, revistas e currículo do ensino de Artes Cênicas.

Os instrumentos de trabalho citados acima foram de grande importância para nosso estudo. Os dados coletados da pesquisa bibliográfica e documental nos deram orientações para a melhor escolha metodológica e para a seleção de currículos para a área de

conhecimento em questão, além de relatos da experiência em processo e avaliações coletivas com os educandos.

Para a organização da proposta curricular foi preciso: levantar e descrever referências literárias sobre currículo e ensino de Artes Cênicas, como as de Viola Spolin (2014), e documentos nas esferas federal, estadual e municipal, como os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997), Proposta Curricular Municipal e Estadual (2004 e 2019) e a Base Nacional Comum Curricular-BNCC (2018); pesquisar e descrever referências literárias sobre as cantigas de brincar na escola, educação e arte, como os trabalhos de Santos e Batista (1993), Farias (2013), Silva (2019) e Braga (2017); e relatar as experiências feitas nas aulas de Artes Cênicas dos dois Primeiro Ano do Ensino Fundamental. Com os dois primeiros objetivos específicos, foi possível a organização dos planos de aula e, com eles, a aplicabilidade prática. Com o relato de experiência e levando em consideração também as colaborações dos educandos tornou-se viável a aplicabilidade nestas salas do Primeiro Ano e, com isso, a organização da proposta curricular final.

Este trabalho dissertativo teve como principal base os referenciais teóricos de: Viola Spolin (1987; 2014); Ingrid Dormien Koudela (1984); Presto (2017); Cancioneiro da Paraíba, de Santos e Batista (1993); a Proposta Curricular do Município (2004); a BNCC (2018); Proposta Curricular do Estado da Paraíba (2019). Com esse material prepararam-se melhor os planos das aulas/oficinas – nome dado ao método aplicado nas turmas –, planejamento do semestre e os encontros com os educandos.

Esta dissertação está dividida em oito capítulos. Todos os títulos fazem referência a uma montagem e desenvolvimento de um espetáculo, seguidos de subtítulos relacionados aos conteúdos abordados nos capítulos. O primeiro capítulo é esta introdução, que descreve o assunto abordado da pesquisa. No segundo capítulo, está inserida parte da minha trajetória como artista, professora e pesquisadora, descrição dos documentos nacionais, estaduais e municipais relevantes de orientação para o ensino da área de Artes Cênicas, os objetivos, a justificativa e o método escolhido para esta pesquisa.

O terceiro capítulo se refere aos conteúdos e métodos existentes com respeito ao ensino de Artes Cênicas para o Ensino Fundamental, baseados em documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997), a BNCC (2018), as Propostas Curriculares do Município de João Pessoa (2004) e a do Estado da Paraíba (2019), o livro didático para o segmento do Primeiro Ano escolhido pelo polo das escolas, e livros de metodologias de ensino de teatro para crianças.

O quarto capítulo é o registro do levantamento sobre a literatura relacionada às cantigas de brincar na educação, na escola e o seu papel no desenvolvimento da criança. No quinto capítulo está a sugestão de uma metodologia de ensino de teatro na escola com os jogos teatrais e as cantigas de brincar. No sexto capítulo, estão as descrições das experiências nas Escolas escolhidas, em que se expõe o relato das aulas/oficinas na primeira Escola Municipal David Trindade e na segunda a Escola Municipal Índio Piragibe. No sétimo capítulo, estão as análises da experiência da aplicação das aulas/oficinas nas duas escolas.

E por fim, no oitavo capítulo, estão as considerações finais desta etapa da pesquisa. Nas considerações finais, comento sobre pontos importantes neste percurso todo, como os objetivos, a aplicação da proposta, os planos de aula, as conquistas, os documentos trabalhados e as sugestões para continuidade desta pesquisa.

É de suma importância este estudo teórico-prático, pois, poderá influenciar uma proposta da categoria docente para um possível debate sobre a Proposta Curricular para o Município de João Pessoa, já que a mesma não é revista desde 2004. Tem importância também para mim, já que leciono essa disciplina no município, enriquecendo meu trabalho e consequentemente viabilizando conhecimento sobre as Artes Cênicas para os educandos.

2 BASTIDORES DAS CENAS: INÍCIO DA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA, EDUCACIONAL E ACADÊMICA

Neste capítulo, irei expor sobre minha trajetória no teatro, na minha carreira profissional em educação e minhas buscas pelas pesquisas acadêmicas, que culminaram nesta proposta curricular metodológica para o Primeiro Ano em Escolas Municipais de João Pessoa.

2.1 O DESPERTAR PARA A ARTE

Relembrando a minha ligação com o Teatro, percebo que a aproximação com essa arte se deu desde os meus 16 anos de idade, quando fiz o curso de Formação do Ator, em 1995, no Teatro Santa Roza e Espaço Cultural, ambas instituições da cidade de João Pessoa (PB). Participava de espetáculos de teatro, como também de teatro de bonecos. No ano de 2004, passei na seleção para ingressar como aluna no curso de licenciatura em Educação Artística, com habilitação em Artes Cênicas, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e me formei como professora em 2008.

No final de 2007, prestei concurso público para professora de Artes Cênicas do Município de João Pessoa, fui classificada em 2008, ano que conclui minha graduação, e em 2009 nomeada para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Índio Piragibe, localizada no bairro de Mangabeira, um dos bairros mais populosos da cidade de João Pessoa. No início de 2009, fui convocada e já encaminhada para essa escola, onde teria que trabalhar com alunos do Ensino Fundamental I, que abrange as séries iniciais, do Primeiro ao Quinto Ano. Há 10 anos, dedico-me ao ensino das Artes Cênicas para o Ensino Fundamental I e, nessa trajetória, experimentei alguns planos de aula que elaborei baseados em estudos de livros de autoras como Viola Spolin (1987; 2014), Ingrid Dormien Koudela (1984) e nos documentos que se referem a minha área de ensino e educação, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (PCN, 1997). Em 2015, passei em outro concurso da educação do Município de João Pessoa, desta vez para professora de teatro, linguagem das Artes Cênicas. Fui encaminhada para a Escola Municipal de Ensino Fundamental David Trindade, localizada também no bairro de Mangabeira, em João Pessoa. Nesta escola, passei a lecionar nas turmas do Ensino Fundamental II, turmas que vão do 6º ao 9º ano. Desde então ensino Artes Cênicas/teatro, tanto para o Ensino Fundamental I, quanto para o Fundamental II. No ano de 2015, fiz

especialização em Psicopedagogia Institucional no Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa – CINTEP e, em 2016, concluiu o curso, tornando-me especialista nessa área, que também faz parte da educação. Depois de muito pensar, senti a necessidade de ampliar meus conhecimentos e minhas pesquisas metodológicas para alcançar maior qualidade profissional na área que leciono. Com esse desejo de me qualificar mais na minha profissão, fiz a seleção para o Mestrado Profissional em Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no ano de 2018, e nessa seleção, fui aprovada para dar início a uma nova trajetória.

Tirei licença para cursar o mestrado profissional, uma vez que não conseguiria conciliar as aulas da pós-graduação com 40 horas/aula semanais que tinha que lecionar em duas escolas. A licença foi na Escola Municipal Índio Piragibe, pois, nesta eu trabalhava pela manhã e, como a carga horária do mestrado era maior à noite, para mim ficaria difícil desempenhar minha função depois de um dia inteiro de trabalho, estudos noturnos e ainda acordar cedo para cumprir o horário determinado das aulas matinais. Fiquei somente dando aula na Escola Municipal David Trindade, para o Fundamental II, enquanto estava estudando no mestrado.

Quando iniciei o mestrado, o projeto inicial tinha como foco as metodologias e currículo para o ensino de Artes Cênicas com respeito ao Ensino Fundamental todo, mas com o passar do tempo, nas aulas do mestrado, meu projeto de pesquisa foi sendo modificado, afunilando mais o foco até chegar ao Primeiro Ano do Fundamental I, pois via que ainda havia pouca atenção no que se refere ao currículo e metodologias de arte para esta série inicial.

As propostas metodológicas que utilizava, no começo de meu percurso docente, além de inspiradas nos livros de jogos teatrais, como os de Viola Spolin e Ingrid Dormien Koudela, eram também baseadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte - PCN (1997). Somente no ano de 2012, pude ter acesso à Proposta Curricular Municipal de João Pessoa (2004), sendo este documento muito importante para os profissionais de educação, pois, nele estavam discriminados os conteúdos para cada série do Ensino Fundamental. Ao ter contato com esse documento, percebi que ele não contemplava conteúdos para o Primeiro Ano, então tive que continuar fazendo adaptações para esta série, criando meus próprios planos de aula, experimentando conteúdos de Artes Cênicas como os jogos dramáticos e teatrais, com os conteúdos de outras áreas como a música, o desenho, a pintura e a literatura infantil.

A Proposta Curricular de João Pessoa precisa ser reelaborada, pois, já tinha havido várias mudanças em leis referentes aos segmentos do Ensino Fundamental e seus currículos, mas até o momento não houve convocação dos órgãos responsáveis para debater com a classe

educacional sobre essas mudanças em leis e currículos. Alguns documentos importantes para os dias atuais, que norteiam a educação, foram criados a partir de 2018. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2018) é um destes documentos. A BNCC contém orientações para o ensino de Arte e demais áreas de conhecimento da educação, principalmente no que diz respeito ao currículo básico obrigatório, com objetivos para desenvolver as habilidades e competências dos educandos nos conteúdos determinados.

No ano de 2019, também foi concluída a Proposta Curricular Estadual da Paraíba (PCEPB), que tem a mesma função de orientar os profissionais da educação sobre o currículo em cada série. Temos também, no ano de 2018, a ampliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que contempla agora a área das Artes desde o Primeiro Ano do Ensino Fundamental, fazendo com que algumas editoras publicassem livros didáticos para esses segmentos agora contemplados. Então, temos hoje mais materiais didáticos que podem estar contribuindo para fundamentar teoricamente essa proposta curricular em Artes Cênicas para o Primeiro Ano das escolas em que leciono.

2.2 O DESPERTAR PARA O PROCESSO DE PESQUISA

O ensino de Artes Cênicas nas Escolas Municipais de João Pessoa já vem acontecendo, de forma específica, desde o concurso que a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) fez em 2007, em que havia vagas para professores dessa área. Antes desse concurso, as vagas eram destinadas à Arte em geral, não levando em conta as habilitações específicas que o curso de Educação Artística tinha. Essa mudança aconteceu devido às alterações ocorridas nas instâncias nacionais, com a separação de áreas, amparadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), e aqui também na PMJP, através da Resolução 009/2006, feita pelo Conselho Municipal de Educação (CME) que propõe a implantação do ensino de Arte em todas as séries e modalidades nos níveis infantil e fundamental. Nessa Resolução, em seu Art. 3º, determinam-se as principais linguagens artísticas que caracterizam o Ensino de Arte: as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Mesmo que esta mudança incluísse essas quatro linguagens das Artes no Ensino, o concurso para professores do Município de 2007 sugeriu uma divisão de vagas nas áreas somente para Artes Visuais, Música e Artes Cênicas. Uma mudança que fortaleceu esse debate e valorização das áreas das artes foram as criações dos cursos de bacharelado e licenciatura na UFPB de forma separada. No ano de 2006, na UFPB, já começava a primeira turma de licenciatura em Música e ofertados os cursos nas áreas de Artes Visuais, e Teatro, embora o curso de bacharelado em

Música já existisse desde 1978. Somente o curso de Dança demorou mais um pouco para ser implantado, só teve início no ano de 2012.

Essa divisão das áreas da Arte no concurso é fruto das modificações em leis que vinham acontecendo no país e em João Pessoa. E por mais que existissem professores de Artes Cênicas na rede municipal, esse concurso proporcionou a entrada de um número maior e, com isso, favorecendo maior debate sobre metodologias e currículos para essa área, e não mais o ensino de Arte de forma polivalente.

É a partir desse debate, com vários questionamentos e dúvidas, que começam a se moldar, de forma particular, cada plano, proposta metodológica e currículo do Ensino de Arte para cada segmento do Ensino Fundamental. Mas, havia ainda uma grande inquietação, não existia uma proposta clara para o Ensino Fundamental I, principalmente para o Primeiro Ano, uma vez que não tinha sido criado nenhum documento que orientasse esse segmento, mesmo aquele já incluído na mudança de oito para nove anos do Ensino Fundamental, sugerido na Lei 11.274/2006. Com isso, cada professor tinha que buscar suas próprias propostas para esse segmento, visto que muitos foram designados para ele depois do concurso.

Por isso, esta pesquisa teve como objetivo geral organizar uma proposta curricular para aulas de Artes Cênicas utilizando as cantigas de brincar como recurso didático na sensibilização para os conteúdos e aplicação dessa proposta no Primeiro Ano do Ensino Fundamental. Seguindo os passos dos objetivos específicos, que foram: levantar e descrever referências literárias sobre currículo e ensino de Artes Cênicas; pesquisar e descrever referências literárias sobre as cantigas de brincar na escola, educação e arte; e relatar as experiências feitas nas aulas de Artes Cênicas dos dois Primeiro Ano do Ensino Fundamental. O Primeiro Ano foi escolhido porque a proposta curricular do Município de João Pessoa, de 2004, não aponta currículo de Arte para tal série, visto que esse documento é anterior às mudanças ocorridas no ano de 2006, através da Lei 11.274, incluindo os nove anos para o Ensino Fundamental.

Quando comecei a dar aulas para o Ensino Fundamental I, em 2009, aqui em João Pessoa já haviam sido implantadas as orientações da lei Nº 11. 274, de 6 de fevereiro de 2006, que fez alterações no Art. 32 da LDB de 1996, estabelecendo que o Ensino Fundamental fosse de oito para nove anos de vivência em meio escolar. O prazo determinado nessa lei, para implantação dessa mudança, seria até o ano de 2010. Aqui em João Pessoa já se respeitavam essas modificações, porém, sem um documento que orientasse a questão curricular para esse segmento do Primeiro Ano.

Os educandos poderiam entrar na escola a partir dessa série do Primeiro Ano, na idade de seis anos e é nessa etapa da vida que os educandos estão mais abertos e preparados para desenvolver-se em um coletivo. Então, foi a partir da minha vivência de 10 anos em sala de aula, nestas turmas do Ensino Fundamental I, que pude sugerir cantigas já conhecidas por mim e do meu ambiente de trabalho como um dos temas da proposta curricular desta pesquisa. A razão da escolha sobre o tema “cantigas de brincar” se deu simplesmente pela percepção do dia a dia do espaço escolar, onde as cantigas eram muito utilizadas nos anos iniciais pelas professoras pedagogas como material didático de alfabetização. Percebi que poderia utilizar as “cantigas de brincar” também como material didático de apoio para desenvolver a aprendizagem dos conteúdos das Artes Cênicas. Depois dessa percepção, tive a oportunidade de aplicar as “cantigas de brincar” em minhas aulas como experimento, o que sempre foi muito eficaz como forma de sensibilização para iniciar uma aula de Artes Cênicas e seus conteúdos, mas, nunca formalizado como pesquisa.

As cantigas são atrativas, e os educandos as conhecem bem, pois, trazem-nas de outras experiências, do ambiente familiar, de creches, das mídias como também da escola. Uma das formas de aprendizagem se dá pela associação de um conteúdo já existente, ligando-o a um novo e, com isso, acomodando cognitivamente as novas informações. Partindo dessa informação é que nasceu a ideia de formalizar o tema das cantigas de brincar como parte desta pesquisa.

Para as aulas/oficinas, termo utilizado para descrever a prática pedagógica desta pesquisa, foram sugeridas, por mim, um total de 10 cantigas de brincar conhecidas e que agora, com a pesquisa, foram embasadas pelo livro “Cancioneiro da Paraíba” de autoria conjunta de Idelette Fonseca dos Santos e Maria de Fátima de Mesquita Batista (1993). Com essas cantigas, foi possível trabalhar o jogo dramático, a dramatização, como também experimentar os jogos teatrais que trabalham com “O onde”, “O que” e “O como”, elementos da prática educativa teatral sugerida nos livros de Viola Spolin (1987; 2014) e adaptando-os para as canções escolhidas. Foi a partir daí que pensei em como contribuir para o ensino de Artes Cênicas para o Primeiro Ano do Ensino Fundamental, usando as cantigas de brincar, sem deixar de seguir as sugestões de documentos já aprovados como a BNCC, Proposta Curricular Estadual da Paraíba (2019) e livros didáticos do PNLD.

A escola escolhida para aplicar a proposta curricular para o segmento do Primeiro Ano, inicialmente foi a EMEF David Trindade, pois ofertava duas salas de Primeiro Ano em 2018. No entanto, no ano de 2019, aconteceu um imprevisto e a EMEFDT reduziu uma das salas do Primeiro Ano, ofertando só uma sala dessa série, então foi necessário procurar outra

escola para concluir a pesquisa. A escola escolhida foi a EMEF Índio Piragibe, escola esta em que eu também trabalhava antes da licença, e com cuja comunidade escolar ainda mantinha contato.

No andamento da aplicação da proposta foram anotados os resultados das duas salas do Primeiro Ano do Ensino Fundamental. A duração da aplicação foi de um bimestre para cada sala, num total de 20 horas/aula, com duas aulas semanais como previstos para o ensino de Arte. Foi possível fazer 10 encontros em cada sala para desenvolver as aulas/oficinas. Nessas aulas/oficinas, aconteceram as explicações, a interação, como também partes práticas em Artes Cênicas, em que cada encontro, necessariamente, não dependia do outro, pois se completavam ciclos em cada um.

3 ESTUDO DE TEXTO: CONTEÚDOS DE ARTES CÊNICAS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Neste capítulo, irei relatar mais especificamente algumas mudanças que aconteceram no Brasil sobre o ensino de Arte e seus conteúdos. Os textos se dividirão: de 1971 a 1997, em que se explica sobre as leis que regulamentam o ensino de Arte no Brasil até a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais; dos anos de 1997 a 2015, em que se explica sobre a influência dessas leis e documentos nacionais aqui no Município de João Pessoa; e de 2018 a 2019, em que se explica sobre os novos documentos lançados mais recentemente sobre currículo.

3.1 TEXTOS DE 1971 A 1997

O ensino de Arte na escola, divididas em suas linguagens (Artes Plásticas, Artes Cênicas e Música), só foi regulamentado depois da Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, lei que fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º grau, pois incluía no currículo a Educação Artística para o ensino, mas não como forma de disciplina obrigatória, e sim como atividade educativa.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (BRASIL, 1997, p. 24), afirma-se que: “[...] Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada ‘atividade educativa’ e não disciplina [...]”. Com essa mudança, vieram também algumas dificuldades, pois não havia profissionais habilitados para ensinar essa atividade e ainda conseguir dominar todos os conteúdos das três áreas sugeridas pelo documento. Então, inicialmente, foram feitas capacitações de curta duração para tentar sanar essa necessidade, mas houve dificuldades, uma vez que não havia material científico elaborado com bases metodológicas, didáticas e artísticas para dar conta de um vasto e aberto campo de conhecimento como é o da Arte.

Com essa polivalência, pela qual o professor tinha que dominar todas as áreas, se diminuía a capacidade de desenvolver as habilidades específicas em uma área com mais aprofundamento. Então, ao mesmo tempo em que a mudança advinda da lei foi uma conquista, foi também um momento de certo retrocesso, pois fez com que se retomasse uma

ideia de currículo que trabalhava de forma tradicional, com ênfase na expressão do educando e ou reprodução de obras de arte, como se fazia anteriormente, sem uma exploração aprofundada, expressiva e crítica dos conteúdos das Artes. Isso é citado no PCN de Arte:

Pode-se dizer que nos anos de 1970, do ponto de vista da arte, em seu ensino e aprendizagem foram mantidas as decisões curriculares oriundas do ideário do início a meados do século 20 (marcadamente tradicional e escolanovista), com ênfase, respectivamente, na aprendizagem reprodutiva e no fazer expressivo dos alunos. Os professores passam a atuar em todas as áreas artísticas, independentemente de sua formação e habilitação. Conhecer mais profundamente cada uma das modalidades artísticas, as articulações entre elas e conhecer artistas, objetos artísticos e suas histórias não faziam parte de decisões curriculares que regiam a prática educativa em Arte nessa época (BRASIL, 1997, p. 24).

Diante dessa realidade, cresce a insatisfação dos profissionais dessa área de conhecimento, pois queriam melhorias no ensino-aprendizagem dessa disciplina e isso serviu de estímulo para que se debatesse mais sobre a problemática e dificuldades, favorecendo assim para uma evolução do ensino de Arte no país, pois é diante desses debates, sugestões e soluções que são resolvidas as lacunas encontradas na prática.

A partir do ano de 1980 é que se começa uma busca para tentar modificar esse quadro de dificuldades estabelecido no ensino de Arte. É nesse período que acontece um movimento na comunidade universitária, a nível nacional, juntamente com os educadores, para se debater Arte na escola, suas dificuldades e sugestões para melhorias. Esse movimento é chamado de Arte-educação. Desse movimento, começa-se a ampliar mais o pensamento com sugestões, aprimoramento e desenvolvimento, tanto para a formação do professor quanto para a estrutura metodológica e didática do ensino de Arte e seus conteúdos. Com essas dificuldades que teve o ensino da Arte nas escolas, as instituições governamentais chegaram a pensar em retirar a obrigatoriedade dessa disciplina do ensino. Mas, com a organização e pressão dos profissionais da área, foi possível reverter o quadro, como é citado no PCN de Arte:

Em 1988, com a promulgação da Constituição, iniciam-se as discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que seria sancionada apenas em 20 de dezembro de 1996. Convictos da importância de acesso escolar dos alunos de ensino básico também à área de Arte, houve manifestações e protestos de inúmeros educadores contrários a uma das versões da referida lei, que retirava a obrigatoriedade da área (BRASIL, 1997, p.25).

Com a luta da classe de professores dessa área e de estudiosos que acreditavam no ensino de Arte como parte fundamental na vida e desenvolvimento dos educandos, foi possível aprovar a obrigatoriedade do ensino de Arte através da Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional Básica (LDBEN) de N° 9394/1996. Mesmo aprovada, faltando algumas reivindicações sugeridas pela classe de professores, foi com essa pressão que as instâncias governamentais voltaram atrás e incorporaram a Arte como disciplina, agora sendo obrigatória na Educação Básica como é citado na própria Lei 9.394/1996 no Art. 26, §2º, em que se diz que “[...] O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica [...]”; sendo essa uma conquista para os professores da área, que na época se uniram para proteger esse direito aos educandos e aos próprios profissionais da área.

Essas mudanças e debates, depois dos anos de 1990, vieram influenciar não só a importância de Arte nas escolas, como também influenciar a forma de ensinar, pois preocupavam-se agora com as habilidades do fazer, do apreciar e do contextualizar a obra artística, coisas que antes não se conseguia, pois tal classe profissional ainda estava em formação, ainda desarticulada e muito desvalorizada pelas instâncias políticas. As orientações sobre essas habilidades foram influenciadas pela “Abordagem Triangular”, uma teoria sistematizada por Ana Mae Barbosa (1991) que propunha mudanças sobre o ensino de Artes Visuais, em meados das décadas de 1990, e que foram revisitadas pela autora durante toda a sua carreira. Foram grandes estudos e debates para repensar e melhorar o ensino de Artes. Em um dos trechos do livro didático da coleção “Ligamundo”, explica-se sobre essa Abordagem Triangular:

A abordagem triangular é uma ferramenta para diferentes construções dentro do amplo e multifacetado campo da arte/educação. Apoia-se em três bases: o contextualizar, o fazer e a leitura da obra de arte e da imagem, entendida esta como cultura visual [...]. Isso porque Ana Mae Barbosa tem como campo de pesquisa as artes visuais na composição da sua abordagem. O que não impede que utilizemos suas conceituações para pensar os processos de ensino-aprendizagem nas demais linguagens artísticas- dança, música e teatro, expediente já amplamente explorado em pesquisas e práticas em arte/educação (PRESTO, 2017, p. 3).

Como cita o texto, a abordagem servirá como base também para as outras linguagens da arte. O livro da coleção “Ligamundo” também traz essa proposta metodológica, sendo esta muito importante e utilizada por professores, e servirá de sugestão para qualquer educador que queira segui-la.

No final do século XX e início do século XXI houve mais modificações, no que diz respeito à forma de ensinar e desenvolver habilidades nos educandos sobre o conteúdo de Arte. As metodologias e teorias passam a circular mais pelo meio educacional e entre

professores de arte, possibilitando a troca de experiências que vinham acontecendo em todo o país.

Especificamente para o ensino de teatro, teremos como sugestões algumas metodologias experimentadas que se desenvolveram no mundo e no Brasil. Dentre algumas das metodologias desenvolvidas e aplicadas para o ensino de teatro, estão: o jogo de aprendizagem *brechtiano*, trabalhado aqui no Brasil por Ingrid Dormien Koudela (1991), os Exercícios e Jogos para ator e não ator de Augusto Boal (1985), o jogo dramático de Peter Slide (1978) e os jogos teatrais de Viola Spolin (1987, 2014). Tais trabalhos são de grande referência nos estudos científicos da categoria docente para melhorar as práticas educativas com crianças e adolescentes em relação ao ensino de teatro. Mas trataremos dessas metodologias e teorias mais adiante.

Ainda nesse período de final de século XX e início de século XXI, percebe-se a necessidade de se fazer um documento norteador para os professores sobre orientações quanto ao ensino de arte e seu currículo. Foi então que, depois da LDB (1996), no ano de 1997, houve a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN, que são um conjunto de livros que orientam sobre currículo os profissionais de educação em suas respectivas disciplinas. O volume 6 orienta o ensino-aprendizagem de Arte dos dois primeiros ciclos do Ensino Fundamental, e o volume 7 vai orientar, da mesma forma, os dois últimos ciclos envolvidos pelo Fundamental II. É importante salientar que até aqui, nos PCN, não estava incluído o Primeiro Ano do Ensino Fundamental, pois ainda não tinha sido incorporado a duração de 9 anos para o Ensino Fundamental.

A partir de então, as orientações educacionais, curriculares, metodológicas vão ser amparadas por esse documento e, por isso, houve um aumento de estudos desse material em todo o país por parte de professores e acadêmicos. O que é de grande importância nesse documento, além do objetivo de valorização da Arte como área de conhecimento, é a contribuição e organização sobre os conteúdos a serem desenvolvidos, e o quanto este conhecimento será importante para o desenvolvimento do educando. Estão descritos no documento os conhecimentos a serem alcançados pelos educandos:

É importante que os alunos compreendam o sentido do fazer artístico; que suas experiências de desenhar, cantar, dançar ou dramatizar não são atividades que visam distraí-los da “seriedade” das outras disciplinas. Ao fazer e conhecer arte o aluno percorre trajetos de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. Além disso, desenvolvem potencialidades (como percepção, observação, imaginação e sensibilidade) que podem alicerçar a consciência do seu lugar no mundo e também contribuem inegavelmente para sua

apreensão significativa dos conteúdos das outras disciplinas do currículo (BRASIL, 1997, p. 32).

Em relação aos conteúdos no PCN de Arte, houve uma redefinição para as áreas, agora não mais para Artes Cênicas, e sim como área de conhecimento específica de Dança e de Teatro, com orientações separadas; separadas somente para questões de direcionar conteúdos e orientações para cada área, mas ainda se praticava o ensino em conjunto nas escolas, pois o curso acadêmico da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, daqui de João Pessoa, ainda se apresentava com habilitações em Artes Cênicas. Com essa separação na linguagem cênica, foi possível aprofundar os estudos em relação a cada área e nas formações dos professores e, com isso, explorar mais os conteúdos junto aos educandos. Os conteúdos eram para ser trabalhados com os educandos para que, além de desenvolverem uma experiência artística e estética com a Arte, também fossem motivados ao conhecimento próprio individual e sua relação com o meio social e cultural. Com isso, a possibilidade de desenvolver as habilidades em relação à criação, sensibilização, percepção e cognição. Essa questão dos avanços no conhecimento dos educandos sobre a disciplina é descrita também no documento do PCN:

Tal aprendizagem diz respeito à possibilidade de os alunos desenvolverem um processo contínuo e cada vez mais complexo no domínio do conhecimento artístico e estético, seja no exercício do seu próprio processo criador, por meio das formas artísticas, seja no contato com obras de arte e com outras formas presentes nas culturas ou na natureza. O estudo, a análise e a apreciação das formas podem contribuir tanto para o processo pessoal de criação dos alunos como também para o conhecimento progressivo e significativo da função que a arte desempenha nas culturas humanas (BRASIL, 1997, p. 41).

Diante dessa importância, o ensino-aprendizagem em Arte é justificado e fundamental no espaço escolar, pois ele abre perspectivas em relação ao desenvolvimento individual e coletivo do educando.

Com relação às habilidades a serem desenvolvidas em dança e teatro especificamente, estas estarão voltadas para as atividades de produzir, fruir e refletir sobre as manifestações artísticas dessas áreas. Os educandos precisariam praticar com experiências corporais, vocais e imaginárias, sempre inspirados por outras obras de arte já elaboradas, tanto no meio artístico profissional quanto nos seus trabalhos desenvolvidos na sala de aula. A fruição estaria na apreciação das obras de artes com que tivessem contato, como também as dos próprios educandos.

A reflexão estaria presente nos debates e diálogos após terem estudado, visto e feito algum trabalho de Arte. Quanto às atividades de dança, estariam ligadas à compreensão e

percepção do movimento, do corpo como instrumento de comunicação e de autoconhecimento. No teatro, as atividades estariam ligadas à compreensão e percepção do movimento, da oralidade, do jogo, dentro do seu meio social e cultural. Mesmo essas áreas sendo distintas, a sua prática tem muitas coisas em comum, pois trabalha como instrumento o corpo como forma de expressão.

3.2 TEXTOS DE 1997 A 2015

Seguindo as orientações do PCN de Arte (1997) e das leis vigentes até o momento, a Prefeitura Municipal de João Pessoa cria sua Proposta Curricular em 2004. Nesse período, ainda não havia sido elaborada a Lei 11.274 de 2006, que estabelecia o Ensino Fundamental de 9 anos, nem a Resolução CNE/CEB Nº 7 14/12/2010, que sugeria novas diretrizes curriculares para o Ensino Fundamental de 9 anos.

Na Proposta Curricular Municipal de João Pessoa de 2004, expõem-se os conteúdos para as disciplinas, tanto para o Fundamental I (Anexo 01) quanto para o Fundamental II. Essa proposta traz a distribuição dos conteúdos por série. Convém lembrar que, como não estava incorporado o ensino de nove anos do Ensino Fundamental, não existia ainda a série do Primeiro Ano, tendo sugestão de conteúdo somente a partir da Primeira Série, hoje o Segundo Ano do Ensino Fundamental. A proposta foi criada em colaboração com educadores da rede Municipal da época, em oficinas e formações, com divisões de cada segmento. Essa produção coletiva e dialogada entre professores e Prefeitura foi um passo importante, pois os profissionais da educação estão sempre em contato com sua comunidade em sala de aula e conhecem a necessidade e realidade em que atuam. Esse processo está informado no documento, na parte da metodologia do trabalho:

Tanto os conteúdos, quanto as possibilidades metodológicas, apresentados nesse documento, resultaram de um processo participativo de construção, potencializado nos encontros e oficinas pedagógicas, realizadas por componente curricular, com educadores da rede municipal de ensino das várias modalidades e segmentos de ensino. Algumas situações didáticas, registradas no capítulo de possibilidade metodológicas foram reproduzidas dessas oficinas, de livros, revistas, como também, utilizando a inventividade (PMJP, 2004, p. 43).

Essa Proposta Curricular Municipal chegou até às escolas, mas há relatos de que nem todos os professores têm acesso a ela. Nela, a distribuição de conteúdo só foi feita a partir da antiga Primeira Série, hoje Segundo Ano, até à oitava série, hoje Nono Ano. Assim, deixou-se de fora o Primeiro Ano, antiga Alfabetização, pois nessa época o ensino de nove anos não

havia sido ainda incorporado nas escolas, e a Alfabetização também não fazia parte dessas instituições públicas. As sugestões de conteúdos e objetivos para a disciplina de Arte na Proposta Curricular de João Pessoa de 2004 estão distribuídas nas quatro linguagens: Artes Visuais, Música, Dança e Teatro (Anexo 01). Todas as áreas deveriam ser trabalhadas em cada série, divididas por bimestre, tendo o professor que dar conta dessas áreas todas, exigindo dele novamente uma polivalência.

Só a partir do Concurso público para professor da Prefeitura Municipal de João Pessoa, que aconteceu em 2007, foi que começou a se colocar em prática essa divisão por área, convocando os aprovados para trabalharem em suas habilitações. Nesse concurso, as vagas foram para Artes Cênicas, Artes Visuais e Música. Houve também outro concurso para professor do Município em 2015, e este convocava profissionais para as quatro áreas das Artes: Teatro, Dança, Artes Visuais e Música.

Ainda sobre a Proposta Curricular de João Pessoa de 2004, no que diz respeito ao teatro e a dança, os conteúdos e objetivos estão alinhados com o PCN de Arte (1997), sugerindo uma evolução dos conteúdos dentro de suas particularidades. No teatro, indo desde os jogos dramáticos, elementos do teatro, dramaturgia, história e estética até ao folclore. Na dança, sugere-se desde a consciência corporal, movimento, danças individuais e coletivas, espaço, até às danças folclóricas. São sugestões de conteúdos bem organizados e significativos, foram bem pensados e debatidos pelos próprios educadores de artes que participaram da formação na construção da Proposta Curricular, pois provavelmente se basearam na sua própria prática educativa e estudos. Sobre isso, o documento (PMJP, 2004, p. 46) afirma que:

Nesta proposta curricular, as possibilidades metodológicas estão dispostas por modalidade de ensino, área de conhecimento e eixo temático e consistem em orientações simples e/ou sugestões de atividades que suscitem um fazer em conjunto, pensando e articulando com a realidade (PMJP, 2004, p. 46).

Esse documento foi elaborado no ano de 2004. Depois dele, a Prefeitura de João Pessoa elaborou um documento sobre diretrizes e metas da educação, o Plano Municipal de Educação - PME, publicado em 2015, onze anos depois. O PME serve para direcionar uma prática educacional por dez anos, de 2015 a 2025. O documento descreve, no geral, sobre as metas para esse período nos diversos segmentos da educação básica como também suas especificidades. Há no documento (PMJP, 2015, p. 7) uma passagem sobre sua finalidade:

O PME se constitui através do processo democrático e participativo, com a finalidade de trazer as diretrizes, os projetos e as metas educacionais a serem executados no período de 10 (dez) anos, garantindo assim a qualidade de construção e implementação das mesmas (PMJP, 2015, p. 7).

As orientações nele são bem amplas, pois descrevem as metas a serem alcançadas pela Educação Municipal. Para isso, precisarão de um acompanhamento, revisão e registro da Secretaria de Educação junto às escolas para ver se essas metas, ao longo dos 10 anos, foram alcançadas. Existem ainda muitas brechas que poderiam ter sido revistas com mais profundidade. Por exemplo, no quesito que diz respeito às metas a serem alcançadas no Ensino Fundamental, não são citadas as Artes como parte integrante dessa construção da aprendizagem em estratégias de ações, somente na seção referente à Educação Infantil é que serão citadas como estratégia para o desenvolvimento do educando. Defendo esse cuidado na elaboração de um documento tão importante, pois, além de ele ser norteador para dez anos, a Arte nesse processo poderia ser de grande valia para o educando em sua aprendizagem. Essa área de conhecimento poderia ajudar muito no desenvolvimento educacional dos educandos da Educação Básica como um todo, e por sua vigência estar prevista para dez anos, fica estagnado todo um possível avanço na educação com ajuda das Artes.

3.3 TEXTOS DE 2018 A 2019

Outro documento que vem sendo debatido é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018. Já foi lançada a versão Nacional e a Estadual, mas a Municipal ainda não foi sequer debatida, pois não houve nenhuma convocação à classe de professores para se pensar nessa proposta. No documento, o de âmbito nacional, estão descritas as orientações também por disciplina. Sua intenção é a de direcionar os conteúdos, seus objetivos e habilidades a serem alcançadas. Sobre Arte, o documento descreve que é uma prática importante no ambiente escolar, pois possibilitará saberes em relação às produções artísticas, tanto de artistas quanto dos próprios educandos. Por mais que seja um documento importante para a Educação, houve alguns retrocessos no que diz respeito ao ensino de Arte, pois dividiu as linguagens da arte em unidades temáticas, limitando o profissional de atuar em sua área específica, trazendo a questão da polivalência novamente e indo de encontro às conquistas desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB de 1996 e PCN de Arte. A LDB e o PCN de Arte tratavam as Artes como áreas de linguagens, e por isso foi possível a criação de cursos universitários das áreas afins separadamente pelo país.

Na unidade temática do teatro e da dança da BNCC (2018), os currículos destas disciplinas estão descritos nos “contextos e práticas”, “elementos da linguagem” e “processos de criação”, para todo o Ensino Fundamental. Nesse documento, são incluídos os nove anos para o Ensino Fundamental e, portanto, incorporando o Primeiro Ano que é o foco para esta pesquisa. O ensino de nove anos para o Ensino Fundamental foi regulamentado pela CNE/CEB nº 7 de 14 de dezembro de 2010, como cita a Proposta Curricular do Estado da Paraíba:

O Ensino Fundamental de nove anos no Brasil está regulamentado pelas Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental de nove anos (Resolução CNE/CEB nº 7, de 14 de dezembro de 2010), que estabelece o atendimento de alunos entre os 6 e 14 anos, configurando-se como o período mais longo da educação básica (PARAÍBA, 2019, p. 72).

A Proposta Curricular do Estado da Paraíba (2019) já vem com orientações para esse segmento do Primeiro Ano também. Nesse documento, já se mostram bem divididos os conteúdos das linguagens das áreas das Artes, trabalhando em cima da proposta da BNCC, mas reforçando e respeitando as áreas de linguagens das Artes, dando parecer favorável ao professor para que trabalhe em sua área de estudo, sem precisar ser um polivalente, respeitando assim as diretrizes legais vigentes no momento.

Isso é garantido no §6º do Art. 26 da Lei 9.394/1996, que sugere o currículo das artes nas quatro linguagens para a Educação Básica. O texto diz que “[...] as artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o §2º deste artigo [...]”. E o §2º diz que “[...] o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica [...]”.

Com essa orientação nas leis Nacionais, o professor poderá se dedicar somente a sua área e, com isso, melhorar a aprendizagem específica em cada linguagem, pois assim terá mais tempo durante o ano para trabalhar todo o conteúdo sugerido.

Para orientação ao ensino de dança e teatro, estão descritos na Proposta Curricular do Estado (2019) os “objetivos de aprendizagem”, os “conteúdos” e as “habilidades” (Anexo 2), bem alinhados à BNCC (2018), com diferenças somente em alguns pontos. Os pontos a que me refiro estão acrescentados no texto do documento como sugestões para melhorar o ensino de artes na escola, como por exemplo o aumento da carga horária em relação à disciplina de artes, que não é sugerido na BNCC.

A BNCC propõe as áreas artísticas em unidades temáticas, fazendo com que seja interpretada a polivalência das áreas das artes para cada ano. Sendo assim, pode-se entender

que até se diminuiria a carga horária de aulas, pois quanto mais conteúdo de todas as áreas para ministrar, menos possível seria aprofundar os conteúdos de uma área da arte específica. Essa sugestão de aumento de aulas de arte na Proposta Curricular Estadual se deve ao fato de que, para se trabalhar as quatro linguagens, seria necessário mais tempo, não só duas horas/aula, e sim oito horas/aula semanais, sendo duas aulas para cada linguagem. Mas essas modificações, segundo o documento, poderão ser incorporadas nas escolas até o ano de 2021. Há, porém, dúvidas sobre esse acréscimo, pois até o momento não há nenhuma discussão sobre essa possibilidade pelos órgãos competentes junto à classe de professores da área. O acréscimo dessas horas/aula só seria possível se os órgãos competentes tiverem interesse em modificar a estrutura de carga horária nas escolas, incorporando, por exemplo, os modelos de escolas em tempo integral², para não prejudicar as outras disciplinas tão importantes quanto à de Arte. Isso mexeria na estrutura da escola, seria preciso construir mais salas e espaços educativos como também a contratação de profissionais, então seria uma reforma mais ampliada, precisaria de muita vontade e desempenho por parte dos órgãos competentes, mas não seria impossível lográ-lo.

Quanto aos objetivos de aprendizagem na Proposta Curricular Estadual da Paraíba (2019), estão sugeridos no documento o vivenciar, conhecer, praticar, refletir sobre as práticas artísticas dos envolvidos com a dança e teatro, seja através dos trabalhos dos artistas seja dos próprios educandos.

Em relação aos conteúdos, estão presentes na proposta os jogos, os jogos teatrais, as brincadeiras, as narrativas orais, a consciência corporal, os sentidos, o movimento, as dramatizações, as danças populares. Esses conteúdos estão incluídos como sugestão para o primeiro ciclo, de que faz parte o Primeiro Ano.

No documento Estadual, dispõe-se também um mapa de dimensões para orientar os profissionais, o quanto de dimensões deve ser trabalhado por segmento. Essas dimensões estão de acordo com a BNCC e abordam seis aspectos do conhecimento, são eles: “Criação, Crítica, Estesia, Expressão, Fruição e Reflexão”. Além dessas seis dimensões, a Proposta Curricular do Estado da Paraíba acrescenta mais uma, a “relacional”. Esta última dimensão, que foi acrescentada na proposta do Estado, se justifica pela questão da inclusão, pois cria

² Proposta educacional de escolas que promovem a ampliação de tempo, espaço e oportunidades educativas com uma jornada de no mínimo 7 horas diárias. O direito a esta proposta está citado na LDBEN Lei nº 9.394/1996 no Art. 34 e na Resolução Nº 7 de 14 de dezembro de 2010, em que se fixam Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental de 9 anos.

possibilidade de uma maior e melhor prática com respeito à diversidade. No texto da proposta está registrada a importância de mais uma dimensão, ele relata que:

Outro ponto importante são os campos de experiência, e que são expressados nesse documento por meio de sete dimensões da experiência humana, intimamente relacionadas com a Arte e seus processos de ensino. Seis dessas dimensões já constam na Base: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão. Considerando o contexto da educação inclusiva e da diversidade, pautada no respeito às diferenças, limites e possibilidades de cada ser humano, acrescentamos a dimensão relacional (PARAÍBA, 2019, p. 131).

Então, como foi descrito, a Proposta traz algumas modificações em relação à BNCC, uma delas está relacionada à aplicabilidade, quando acrescenta mais tempo para as aulas; e a outra modificação é o acréscimo nas dimensões, pensando numa característica mais diversificada e atual dos educandos.

Em seguida, com as conquistas desses documentos, são ampliados mais materiais didáticos que melhoram as condições do ensino de Arte no país. Foi criado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) a proposta do livro didático para o componente curricular Arte tanto para o Ensino Fundamental I quanto para o II em 2018. Neste mesmo ano, foram feitas as escolhas, pela escola e professores de arte, do livro para o Ensino Fundamental I. Chegaram para a escola cinco propostas de editoras diferentes para esse segmento.

Pelo que foi analisado, os livros trazem conteúdos de todas as linguagens das artes, seguindo a orientação da BNCC, em que se colocaram essas linguagens como unidades temáticas. Essa decisão propiciou a produção desses livros novamente com formato de polivalência, sugerindo conteúdos para todas as áreas das artes em cada livro de cada série. Mesmo assim, esse acesso mostra-se como um avanço em relação às conquistas da categoria e para os educandos, uma vez que antes não havia nenhum.

Os livros que chegaram à escola foram das Editoras: Moderna (com duas coleções diferentes); FTD; Ática e Saraiva. Os professores têm o direito e dever de analisar e escolher os livros, e estes servirão para três anos de uso naquela unidade escolar. A PMJP fez um chamamento dos professores para fazer uma escolha em conjunto, mas deixou claro que isso não era empecilho para escolha individual por escola. A coleção que foi escolhida para o Polo 1 da Prefeitura, que envolve a Escola Municipal David Trindade e Índio Piragibe, foi o da Editora Saraiva, com a coleção *Ligamundo* (2017).

Na coleção *Ligamundo* (2017), foi feita uma pesquisa de quantidade de conteúdos relacionados às Artes Cênicas, chegando num total de 22 conteúdos para a coleção toda, do Primeiro ao Quinto Ano, sendo assim pouco conteúdo para cada área das artes em cada livro.

Essa situação é muito complicada, pois se o professor não dominar os conteúdos das outras áreas, pois não é sua obrigação, ficará impossibilitado de trabalhar o livro todo durante o ano letivo, tendo que adaptar e acrescentar conteúdos de sua área baseando-se em outras fontes para cumprir sua carga horária durante o ano.

O livro do professor dessa coleção *Ligamundo* é de autoria de Rafael Presto, Caio Paduan, Tatiana Machado e Valquiria Prates (2017). O livro se inicia com o sumário do qual constam os tópicos: “Apresentação; Orientações gerais; e Reprodução do livro do estudante com orientações específicas”. Nas Orientações gerais, estão inseridos os capítulos: 1- “A Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, que traz subtítulos como “Um breve panorama das visões de ensino-aprendizagem em artes” e “Mas, afinal por que ensinar arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental?”; 2 – “Breve histórico da relação das linguagens artísticas com o ensino formal”, em que se especifica cada área das Artes; 3 – “Proposta teórico-metodológica da coleção”, “Abordagem triangular ampliada”, “Eixo de aprendizagem em Arte, Percursos pedagógicos no ensino de arte, Estratégias e debates pedagógicos no ensino de arte”; 4 – “Organização da obra”, que se subdivide nos tópicos: “material impresso, material digital do professor, temas campos de experiência e macrotemas”; 5 – “Os objetivos de conhecimento e habilidades da BNCC”; e 6 – “Bibliografia”. Na bibliografia chamo a atenção para os autores referenciados como: Augusto Boal (1977), Ingrid D. Koudela (2002), Sábato Magaldi (2001), Isabel Marques (2010), Lenira Rengel (2006), Arão Paranaguá de Santana (2000) e Viola Spolin (2008; 2001), todos reconhecidos no ensino de Teatro e Dança na educação e escola.

Os conteúdos do livro do Primeiro Ano dessa coleção estão divididos em duas unidades, e nestas estão inseridas as variadas linguagens artísticas. Em relação ao conteúdo de Artes Cênicas, nessas duas unidades, estão os conteúdos relacionados à Dança: “A dança de todas as coisas”, em que se explora a observação e imitação do movimento da natureza; “movimento e noção de espaço”; “A dança de Kazuo Ohno” e a criação de sua técnica “butô”; “Dança é movimento”, “O corpo e seus movimentos”, estudo de movimentos do corpo no cotidiano, nas brincadeiras e jogos infantis; “Dança, teatro e animação no estudo da imagem sobre o espetáculo ‘Têtes à Têtes’”; e “Representação do corpo em movimento”.

Em relação aos conteúdos de Teatro, são: “Histórias de onde eu vivo”, relacionado às histórias, jogos e brincadeiras tradicionais da comunidade do educando; análise da peça “Quem tem medo do Curupira”, trazendo aqui, nesse conteúdo também o tema do folclore; “Interpretando um personagem”, estabelecendo uma relação com as interpretações de personagens de brincadeiras tradicionais; “Interpretação de outras lendas folclóricas”, sugerindo as contações de histórias e sua interpretação; “Corpo que conta histórias”,

trabalhando as histórias do cotidiano utilizando o corpo e também explorando os espaços; reflexão de espetáculos de Histórias Infantis como “Chapeuzinho vermelho”, “Os três porquinhos”...; “Linguagem corporal” através dos jogos teatrais como o “espelho”, “máquina maluca dos corpos”; e expressões fisionômicas.

Com esses conteúdos introdutórios da linguagem cênica no livro, poder-se-ão explorar mais profundamente os planos desta proposta curricular, trabalhando vários conteúdos que se interligam, podendo ainda adaptar e acrescentar conteúdos novos para o Primeiro Ano das Escolas inseridas nesta pesquisa.

4 O LABORATÓRIO: CANTIGAS DE BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Antes de explicar sobre a importância das cantigas no desenvolvimento da criança, explicarei os estágios de desenvolvimento da criança na perspectiva de Henri Wallon, que estão explicadas no livro *Henri Wallon: Psicologia e Educação* (2012). Esse livro é dividido em artigos, em que cada artigo fala de um estágio de desenvolvimento da criança segundo a teoria de Henri Wallon, e foi escrito pelos autores: Suely Amaral, Alice Beatriz B. Bastos, Leila Christina Simões Dér, Lúcia Helena Costa, Márcia Pires Duarte, Maria Lúcia C. R. Gulassa, Shirley Costa Ferrari e Abigail Alvarenga Mahoney. Depois dessa explicação, atome-ei ao estágio da criança com o qual estamos trabalhando nesta pesquisa e à importância das cantigas de brincar em seu desenvolvimento.

4.1 ENTENDENDO OS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O ser humano passa por etapas de aprendizagem durante a sua vida. Cada etapa é fundamental para preparar e organizar o pensamento, e com isso, acomodar as informações novas que virão com os anos. No livro *Henri Wallon: Psicologia e Educação* (2012) estão descritos os estágios de desenvolvimento do ser humano da teoria de Wallon. Esses estágios são divididos em: Impulsivo Emocional, que é vivenciado na idade de 0 a 1 anos; Sensorio Motor e Projetivo, na idade de 1 a 3 anos de vida; Personalismo, de 3 a 6 anos; Categorical, de 6 a 11 anos; e Puberdade e Adolescência, que virá dos 11 anos em diante. Com esses estágios, poderemos entender como o desenvolvimento e aprendizagem se dá nas pessoas ao longo de sua vida (MAHONEY, 2012).

O primeiro estágio é o Impulsivo Emocional, explicado no livro por Duarte e Gulassa (2012), que acontece na idade de 0 a 12 meses. Dentro desse ano, a criança terá dois momentos: um que vai até três meses e o outro do terceiro ao décimo segundo mês, que é quando se fecha essa etapa e a criança estará preparada para vivenciar a próxima passagem. Nos três primeiros meses desse estágio, a criança não faz atividades estruturadas, ela faz movimentos bruscos e impulsionados por sensações internas e externas ao indivíduo, devido às quais os músculos podem relaxar ou enrijecer. Depois dos três meses até o décimo segundo mês, os movimentos já são mais compreendidos pela criança e usados para se expressar com o

meio social. Utilizar-se-ão alguns sentimentos como alegria, raiva, medo e demais sensações. Nesse momento, o indivíduo começa a perceber a comunicação através do corpo. Na teoria *walloniana*, o movimento é importante para a comunicação, sendo, portanto, fundamental no processo de aprendizagem. Isso é garantido no texto citado adiante:

O movimento ocupa lugar de destaque na teoria *walloniana*. Desde o início da vida, ele é uma das principais formas de comunicação da vida psíquica com o ambiente externo. É uma das grandes possibilidades de tradução do mundo interno da criança, uma vez que ela se fez entender por gestos que representam suas necessidades e seu humor (DUARTE; GULASSA, 2012, p.23).

Ao chegar nessa fase, na qual percebem que podem ter comunicação através do gesto, estarão prontos para o próximo estágio. Quando a criança chegar à idade escolar e puder trabalhar as Artes Cênicas, irá precisar ter consciência de uma das maiores ferramentas de comunicação que é o corpo.

De acordo com Costa (2012), o segundo estágio da teoria de Wallon é o do sensório motor e projetivo, a idade vivenciada de um a três anos. Nesse estágio, a criança se agarra, se segura, aponta, senta, anda e começa a falar. Com isso, começa a se expressar através do corpo, fala com mais objetividade e estará preparando seu emocional e cognitivo para o próximo estágio onde passará por eles um a um. Aqui, a criança estará imitando todos em seu meio exterior como forma de modelo de expressão de pensamento e com isso estará explorando as possibilidades de comunicação entre ela e os seus. Estará desenvolvendo o intelecto de forma gradativa em sua mente diante da realidade que a cerca.

A criança vai repetindo movimentos de ações e ou de manipulação de objetos que ela pretende dominar e, com isso, vai aprimorando sua motricidade diante da realidade, dando-lhe mais independência em sua caminhada na aprendizagem. Ao se movimentar, através do caminhar, a criança passará a explorar mais os objetos em localidades que estavam mais distantes, o que até então não era possível. Com essa exploração do espaço, também irá trabalhar a linguagem e a fala. Quando consegue andar e desenvolver a linguagem, estará entrando na segunda parte desse estágio, que é o projetivo. A esta altura, a criança usará bastante os gestos para expressar o seu pensamento. O gesto será seu meio de comunicação mais eficaz.

O gesto, bem amadurecido nessa etapa, proporcionará ferramentas para a aprendizagem de Artes Cênicas mais tarde. Sobre o gesto nesse estágio, convém citar Costa (2012, p. 33), que explica que “[...] o gesto, portanto, precede a palavra; a criança não é capaz de imaginar sem representar [...]”. Isso quer dizer que o desenvolvimento do ser passa pela

função motora. O gesto e a imitação do outro serão a base para desenvolvimento da sua personalidade, cuja construção se dará no próximo estágio.

O terceiro estágio é o do Personalismo, explicado no livro por Bastos e Dér (2012), que compreende o período de 3 a 6 anos de idade da criança. Nele, haverá a presença de três momentos na ação da criança: a fase de oposição, a de sedução e a da imitação. Nesse estágio, a criança começa a se perceber diferente do outro e vai construindo sua personalidade. É a fase em que se percebe dentro de um contexto social em que existe o eu e o outro. A criança começa a falar muito o *eu* e o *meu*, termos característicos do indivíduo se posicionando como ser.

Na fase de oposição, a criança tem a necessidade de confronto, ela tem prazer em se posicionar de forma contrária ao pensamento do outro: isso também faz parte da sua construção de personalidade. É um posicionar-se no mundo. A fase da sedução é contrária à de oposição, agora ela irá tentar chamar a atenção para si, de forma a conquistar a atenção de todos ao seu redor. É a fase em que necessita da aprovação do outro sobre suas ações. E, por fim, a fase da imitação, é aquela em que a criança vai imitar os personagens que estão ao seu redor, pelos quais sentem admiração. Os gestos simples aqui passam a ser próprios de personagens que são imitados pela criança. Nessa fase do estágio, a criança tem como referência a família. Nessa idade, poderá ser iniciada a ida à escola, onde terão papéis a se inspirar, para imitar também. Com a experimentação de personagens, ela vai criando seus modelos a seguir, vão se distinguindo e se demarcando entre quem é ela e quem é o outro através da percepção afetiva. Com essa habilidade, ela está pronta para o próximo estágio que é o categorial.

O quarto estágio é o Categorical, explicado no livro por Amaral (2012), que vai dos seis aos onze anos de idade. A criança continua a se desenvolver nas funções motoras e afetivas, mas nesse estágio ela irá desenvolver melhor o campo do intelecto. Nesse estágio, ela já se posiciona concretamente dentro de vários grupos. Em relação ao gesto, está mais apurado, organizado e pronto para se posicionar em qualquer situação. Sobre o gesto e evolução do intelecto nesse estágio, é oportuno citar Amaral (2012, p. 52):

No plano motor, os gestos estão mais precisos e localizados, de forma que ela pode selecionar o gesto adequado à ação que deseja realizar. Pode também planejar mentalmente o movimento e prever etapas e consequências do deslocamento, o que garante uma desenvoltura maior na exploração do ambiente e nas atividades de conquista do mundo objetivo (AMARAL, 2012, p.52).

Quando a criança chega a esse estágio, ela terá consciência de seus gestos, poderá entender e associar o gesto ao pensamento e por isso estará apta a começar a exercitar as práticas das Artes Cênicas de forma mais consciente, com mais propriedade de seus movimentos e de seu raciocínio. Essa prática exercitará muito as funções motora, afetiva e da inteligência.

Esse estágio é marcado por duas fases. A primeira vai até os nove anos e ainda é cheia de sincretismo. O segundo acontece depois dos nove anos, em que a criança irá se posicionar para tentar organizar seu meio. Essas duas fases irão nortear o desenvolvimento da inteligência. As funções motoras, afetivas e intelectuais se desenvolvem na criança de forma unificada e não de forma fragmentada, razão por que essas três funções precisam estar bem preparadas, bem vivenciadas e fortalecidas até aqui para vivenciar o próximo estágio.

O quinto estágio de Wallon explicado por Dér e Ferrari (2012), é o da Puberdade e da Adolescência, que se desenvolve a partir dos 11 anos em diante. Nesse, a pessoa já percebe sua identidade e sua autonomia, mas é também um estágio em que existirão crises que causarão impactos na sua vida afetiva, cognitiva e motora. É um rompimento da infância e é o elo para a fase adulta. Será, naturalmente, complicado sair de um estágio a que estava habituado e ir para o próximo, em que acontecem mudanças significativas e visíveis.

Em relação aos movimentos corporais nesse estágio, o jovem os faz de forma exagerada, pois ainda está descobrindo novas possibilidades de se expressar diante de tantas modificações físicas. Em relação à afetividade, torna-se muito intenso: os sentimentos são intensamente vivenciados, o sexual extremamente afluído e causa-se impacto a quem está ao seu redor. É, porém, com esses conflitos de sentimentos que o jovem está tentando se firmar como pessoa. Agora o adolescente vivencia inúmeras situações em que a imaginação é muito bem desenvolvida, e tudo que é novo e contraditório é atrativo. Sente a necessidade de vivenciar novas experiências, se arrisca e mergulha de cabeça em tudo, de forma psicológica.

Então, nesse estágio será interessante aprofundar as atividades teatrais, pois estarão expressando seus sentimentos de forma intensa através de atuações e podendo fazê-lo sem restrições e com avaliações ao final de exercícios. Isso favorecerá o amadurecimento da pessoa (DÉR; FERRARI, 2012). Quando o jovem consegue equilibrar esse turbilhão de emoções, passa a racionalizar as suas ações e canalizar para um lado profissional, então o jovem estará caminhando para a fase adulta, que é a da responsabilidade e do compromisso com sua vida e com o social.

4.2 O PAPEL DA CANTIGA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Entendendo os estágios de desenvolvimento da criança e do adolescente, vamos nos ater ao terceiro e quarto estágio, pois a idade trabalhada nesta pesquisa é a desse período dos estágios. Os estágios, nessa idade dos educandos, são de transição, do personalismo para o categorial. A criança estará tanto no personalismo, principalmente na fase de imitação de suas referências, no caso da escola, tendo como referência um professor e os colegas; quanto no categorial, em que se posiciona de modo mais seguro e com mais consciência dos seus gestos e atitudes, pois está desenvolvendo suas funções de forma mais apurada.

Por isso, a importância de, às vezes, o professor/orientador estar fazendo junto com o educando, pois ele se inspira ao imitar tanto no professor quanto nos amigos que estão no jogo, ao mesmo tempo em que constrói sua personalidade. No estágio categorial, tem-se propícia ocasião para desenvolver os conteúdos de Artes Cênicas, pois a associação do conteúdo com as suas vivências nos exercícios se torna proveitosa para a aprendizagem. Esses exercícios terão características de brincadeiras, pois, ao brincar, a criança aprende, vivendo de forma lúdica, assimilando o conteúdo na sua prática. A autora Lia Franco Braga (2017, p.53) nos descreve como a brincadeira é importante no desenvolvimento da criança:

A brincadeira revela-se como um processo de descoberta que tem desdobramento no presente e que contribuirá para o desenvolvimento da mesma, na vida cotidiana e no futuro, por se tratar de um período fértil para a elaboração das primeiras noções referentes ao contato pessoal e ao convívio social (BRAGA, 2017, p. 53).

E é nessa perspectiva, no mundo da brincadeira, que vão sendo inseridos os conteúdos de Artes, que servirão para o desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo, pois trabalharão a movimentação corporal, seu relacionamento com a turma e as tomadas de decisões individual e coletivamente, além do posicionar seus pontos de vista diante do outro, possibilitando um aprendizado qualitativo entre comparações de situações vividas pelas crianças dentro dessa convivência social escolar. O caminho da ludicidade é uma sugestão apropriada para esse desenvolver da criança em todos os seus sentidos.

Lia Franco Braga (2017, p. 53-54) afirma também que o lúdico é fundamental para esse desenvolver, pois, ela se envolve com situações de aprendizado, sem propor uma forma rígida e obrigatória, exigida às vezes pelas escolas. Ela explica isso nesse trecho:

Portanto, o lúdico e a criatividade apresentam-se como pilares que mobilizam as vivências e as descobertas infantis. Inserida nesse contexto, a criança expressa a sua

forma de pensar, atribui sentidos e significados à sua vida e ao relacionamento com outros seres. Sua entrada nesse mundo novo mostra a possibilidade de descobertas que atribuem sentido às cores, aos seus aromas, aos seus gestos e ao seu olhar. Mundo que ganha vida, a partir do desenvolvimento de sua percepção (BRAGA, 2017, p.53-54).

Os conteúdos de Artes Cênicas já começam a ser trabalhados nesse brincar, nesse mundo lúdico, pois os primeiros passos são os jogos sensoriais e de relacionamento, passando pelos movimentos corporais próprios das crianças nas brincadeiras, como o pular, correr, andar, se agachar. Isso tudo amadurece o sensorio-motor, interligado à personalidade e ao cognitivo, confirmando as passagens de estágios do “personalismo” para o “categorial”, sem apagar as vivências adquiridas no anterior, mas sim se desenvolvendo um dentro do outro.

E para apresentar os conteúdos de Artes Cênicas aos educandos dessas turmas do Primeiro Ano é utilizada a música, em especial as cantigas. Elas foram escolhidas como tema, pois, a partir de uma vivência de experimentos em salas destas séries, foi possível perceber que são atrativas, envolventes e fazem parte da vida cotidiana dos educandos, seja por meio familiar, escolar ou midiático. Por isso o início das atividades cênicas com as cantigas nesta pesquisa, para verificar se realmente esse fato é verdadeiro.

A autora Cleidiane de Oliveira Silva (2016, p. 3) comenta que as cantigas no Brasil foram introduzidas pelos europeus, mas já têm uma peculiaridade local, regional, com características de nosso povo. Segundo ela, as cantigas hoje conhecidas no Brasil têm origem europeia, mais especificamente, portuguesa ou espanhola. E acrescenta que “[...] não é notável, porém, esta origem, pois as mesmas já se adaptaram tanto ao folclore brasileiro que são o retrato do país [...]”.

Então, as experiências com as cantigas estão inseridas em nossa cultura há muito tempo, tanto que já as incorporamos às nossas características socioculturais, sendo elas nossa herança cultural. E, como nossos educandos vivem nessa sociedade, é provável que em algum momento de sua vida tenham tido contato com essas cantigas, seja por meio dos familiares, escola ou mídias. Assim, esse material didático é de grande importância para a associação dos conhecimentos diversos, visto que acomodamos as informações novas às informações já existentes que temos na nossa vida. Elas também não deixam de ser pertinentes à aprendizagem dos educandos, pois ela é de caráter lúdico, sendo assim mais atrativa para os envolvidos.

Elaine Gebrin Farias (2013, p. 27) descreve sobre a importância das cantigas no desenvolvimento da criança:

As cantigas de roda foram sendo alteradas gradativamente, e hoje passa a ser usada como mecanismo não apenas de diversão, mas também de socialização, uma vez que a brincadeira é a linguagem da infância, onde a criança significa e ressignifica o seu mundo, constrói sua autonomia e forma os alicerces que lhe servirão para trilhar a vida adulta (FARIAS, 2013, p.27).

Essa informação nos dá respaldo sobre a aplicabilidade das cantigas, pois elas possivelmente ajudarão o educando a se relacionar de forma harmoniosa com seus pares, além de trabalhar novos conteúdos e desenvolver novas habilidades.

Sobre o desenvolver as habilidades, voltemos ao educando quando está no estágio “personalismo”, que vai dos 3 aos 6 anos de idade, onde sente a necessidade de tanto ser de oposição, de sedução, quanto de imitação, sendo esses posicionamentos pertinentes ao seu desenvolvimento. Em relação à situação de sedução, o educando tentará chamar para si a atenção no decorrer da atividade, mostrando para os demais o seu jeito de fazer. Na questão da oposição, também será possível verificar essa postura, pois questionará o fazer do outro, porque para o educando o certo é o que ele faz. Em relação à imitação, é provável que se espelhe no professor ou num colega que admira para reproduzir suas movimentações. Essa imitação faz parte do desenvolvimento da sua personalidade, pois vai selecionando suas escolhas e dando forma às suas versões da realidade.

As autoras Alice Beatriz B. Iziuke Bastos e Leila Christina Simões Dér (2012, p. 43-44) explicam sobre essa imitação nessa etapa da vida da criança:

Nesse sentido, busca ampliar e enriquecer as possibilidades de sua pessoa pelo movimento de incorporação do outro, utilizando-se da imitação para isso. Essa incorporação do outro exige um movimento de interiorização e exteriorização que torna possível copiar e assimilar as qualidades e méritos da pessoa-modelo, e posteriormente, reproduzi-los de forma enriquecida, como uma manifestação nova da pessoa. Esse duplo movimento caracteriza a imitação do personalismo (BASTOS; DÉR, 2012, p. 43-44).

Quanto ao estágio categorial, os educandos ainda estão entrando nele. Mas é provável que já se vejam alguns sinais, pois quando chegam a esse estágio as habilidades são incorporadas ao estágio anterior. O educando poderá perceber melhor seus movimentos, tendo agora consciência deles. Então, as cantigas serão mais desenvolvidas, aproveitadas, incorporadas ao conhecimento cognitivo, motor e afetivo que lhe servirão como base para todas as suas ações que virão posteriormente.

Cleidiane de Oliveira Silva (2016, p. 2) explica como a música influencia nesse desenvolver:

A música, ao ser explorada pedagogicamente, contempla todos os aspectos da criança, ou seja, aspectos cognitivo/linguístico, psicomotor e afetivo/social. Ela é capaz de globalizar todos esses fatores, contribuindo positivamente para o desenvolvimento integral da criança. Além disso, as atividades musicais favorecem a autoestima, a socialização, a participação e a cooperação entre os alunos. Possibilita vivências e descobertas que se transformam em experiências concretas e com as cantigas de roda o resultado é extremamente satisfatório. Elas são totalmente favoráveis ao processo e por isso justifica-se a importância de estarem sendo cotidianamente resgatadas dentro do universo escolar (SILVA, 2016, p. 2).

Esse entendimento se dá sobre as cantigas de roda, mas, o nosso foco é nas cantigas de brincar, categoria em que estão inseridas as cantigas de roda, mostrando-se assim uma justificativa também aplicável às cantigas de brincar. Fica mais claro e objetivo o uso das cantigas de brincar nas atividades escolares com os educandos do Primeiro Ano. São importantes recursos para o processo de desenvolvimento dos educandos, pois, como vimos, elas têm caráter de brincadeiras, um formato lúdico, e a associação dos conteúdos por meio delas fica mais prazerosa, de fácil acomodação e associação. Também trabalham as funções motoras, afetivas e cognitivas de forma integrativa, respeitando os estágios de desenvolvimento e de capacidades de compreensão dos educandos.

Outra importante informação para que entendamos a importância das cantigas no desenvolvimento da criança é que, no geral, a música é uma das artes que já está presente nas vidas dos educandos desde o seu nascimento. Por isso, há fácil aceitação da sonoridade de uma música que, mesmo desconhecida, ao ouvir várias vezes, torna-se parte do aprendizado dessa pessoa. Sobre o uso da música no cotidiano escolar, o livro *Educação Infantil: Saberes e práticas de Inclusão* (BRASIL, 2006, p.37-38) traz a seguinte colocação:

A música está presente na vida em diversas situações e em todas as culturas. É compreendida como linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e de comunicar sensações, sentimentos e pensamentos. Na Grécia antiga, a música era considerada fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da matemática e da filosofia. A presença da música em diversas situações faz com que a criança inicie seu processo de musicalização de forma intuitiva. Além do poderoso meio de integração social, a música é excelente instrumento para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e do autoconhecimento, visto que proporciona a interação entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, como também a promoção da comunicação social (BRASIL, 2006, p.37-38).

Portanto, a música, no geral, tem uma potencialidade de exploração muito grande em favor da aprendizagem do educando, e por isso as ações didáticas que a utilizarem serão de suma valia. O professor pode utilizá-la de forma equilibrada, nem só para entretenimento, deixando o educando brincar livre sem nenhum olhar pedagógico, nem só para aprendizagem

de outro conteúdo, deixando muito engessado o aspecto de liberdade na brincadeira, o que limitaria a expressão verdadeira.

5 ENSAIOS: CANTIGAS DE BRINCAR, UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE TEATRO NA ESCOLA

Vimos, no capítulo anterior, a importância das cantigas no desenvolvimento afetivo, sensório-motor e cognitivo da criança. Iremos agora explicar sobre essa aplicação dentro do processo de ensino de Teatro na escola. Iremos verificar primeiramente métodos que são utilizados para o ensino de Teatro na educação e na escola, com as experiências das autoras Viola Spolin (1987, 2014) e Ingrid Dormien Koudela (1984). Explicaremos também sobre a proposta curricular desta pesquisa com a fusão do jogo teatral e cantiga de brincar.

5.1 O JOGO TEATRAL COMO PRÁTICA EDUCATIVA E CRIATIVA

No primeiro capítulo do livro *Improvisação para o Teatro* (1987), a autora Viola Spolin escreve como acontece a experiência criativa do “aluno-ator”. Essa experiência é possível através da “espontaneidade”. A espontaneidade pode ser explorada, segundo a autora, através de sete aspectos. Um deles é “o jogo”, pois, por meio dele, haverá um empenho em solucionar um problema, sem se preocupar com a atuação, simplesmente se ocupando da participação e do “ponto de concentração”, o “POC”. Sobre os procedimentos da oficina a autora sugere alguns pontos necessários como a “instrução”, o “POC” e a “avaliação”. Todos os jogos terão as “instruções” do “professor-diretor” para que o “aluno-ator” não saia do foco. No processo, são importantes também as decisões em grupo, favorecendo o desenvolvimento da aprendizagem e sua socialização. E, no final de cada experiência, convém sempre fazer a “avaliação” coletiva, que servirá para a organização do pensamento sobre o processo cênico trabalhado.

Na obra *Jogos Teatrais o Fichário* de Viola Spolin (2014), os jogos são divididos por seções de A, B e C, em um crescente de dificuldades para o participante. Cada “ficha” vem com o nome do jogo, descrição, instruções, como avaliar, os objetivos e, no final da “ficha”, as áreas de experiências que se interligam, sendo este um material didático importante para o professor se informar sobre aquele jogo e poder escolher com qual quer trabalhar com seus educandos, respeitando sempre seu estágio de desenvolvimento. A autora, Ingrid Dormien Koudela (1984, p.41) explica o que é trabalhado em cada seção:

O corpo dos jogos teatrais está dividido em três seções A, B e C. A seção A é composta de uma seleção de jogos teatrais e de jogos tradicionais. Contém material básico, que pode ser retirado da sequência e apresentado com objetivos educacionais específicos. A seção B é uma seleção de Jogos Teatrais, acrescidos da estrutura

dramática: Onde (Lugar e/ou Ambiente), Quem (personagem e/ou relação) e O Que (atividade). A seção C contém uma seleção adicional de Jogos Teatrais (KOUDELA, 1984, p.41).

Então, neste trabalho, como os educandos são crianças ainda iniciando no ambiente escolar, foram escolhidos somente jogos da seção A, a fim de introdução para conhecimento da metodologia e da linguagem teatral. Também foi escolhida essa seção por ter dentro desses jogos os jogos tradicionais, podendo fazer fusões com as cantigas escolhidas para o desenvolvimento das aulas/oficinas. Mesmo passando somente pela primeira seção dos jogos do fichário, algumas cantigas já sugerem a iniciação dos princípios básicos de entendimento da estrutura dramática, como o “Onde”, o “Quem” e “O Que”, pois, na própria letra da cantiga sugerem-se histórias, locais, ações e personagens.

No geral, uma das partes fundamentais para desenvolver o jogo, é que o educando encontre a espontaneidade dentro da vivência, para que possa ter uma experiência criativa. Para isso, o educando terá que estar relaxado, mas atento às “instruções” do jogo, a fim de resolver os problemas que estão inseridos no próprio ato de jogar. Sobre a questão da espontaneidade, Viola Spolin (1987, p. 4) ainda explica:

Através da espontaneidade somos reformados em nós mesmos. A espontaneidade cria uma explosão que por um momento nos liberta de quadros de referências estáticos, da memória sufocada por velhos fatos e informações, de teorias não digeridas e técnicas que são na realidade descobertas de outros. A espontaneidade é um momento de liberdade pessoal quando estamos frente a frente com a realidade e a vemos, a exploramos e agimos em conformidade com ela. Nessa realidade, as nossas mínimas partes funcionam como um todo orgânico. É o momento de descoberta, de experiência, de expressão criativa (SPOLIN, 1987, p. 04).

Essa espontaneidade é prevista em uma vivência com o jogo, pois os educandos estarão envolvidos com a atividade, sem perceber que estão construindo conhecimento de forma dinâmica, pois estão dentro de um método lúdico. Essas ações possibilitam o desenvolver em todas as funções, sensoriais, motoras, afetivas e cognitivas no ato de jogar, pois estão abertas aos estímulos exteriores.

O jogo é um método eficaz no desenvolvimento dos educandos, pois no estágio em que eles se encontram, com as funções afetivas, sensoriais e motoras mais desenvolvidas, estão mais preparados para associar as informações subjetivas que vinculam os movimentos ao pensamento criativo, desenvolvendo assim o cognitivo, tudo integrado em um mesmo processo no ato de jogar, como afirma Spolin (1987, p. 5):

O crescimento ocorrerá sem dificuldade no aluno-ator porque o próprio jogo o ajudará. O objetivo no qual o jogador deve constantemente concentrar e para o qual toda ação deve ser dirigida provoca espontaneidade. Nessa espontaneidade, a liberdade pessoal é liberada, e a pessoa como um todo é física, intelectual e intuitivamente despertada. Isto causa estimulação suficiente para que o aluno transcenda a si mesmo – ele é libertado para penetrar no ambiente, explorar, aventurar e enfrentar sem medo todos os perigos (SPOLIN, 1987, p.5).

Esse perigo de que a autora fala nos remete ao fato da timidez, do medo de se expor, do medo de errar, que geralmente as pessoas têm no ato de se apresentar na frente de seus pares. Não é diferente com o educando, principalmente porque no estágio em que ele se encontra, construindo suas experiências cognitivas, motoras e afetivas, ainda traz inseguranças sobre os vários caminhos para suas escolhas. E no jogo, essas escolhas ficam mais claras, mais espontâneas, pois ele não tem muita preocupação em se expor, porque estão tão envolvidos, que não terão tempo para se preocupar com o ponto de vista do outro, estão psicologicamente ocupados com outro problema a resolver, a solucionar. Spolin (1987, p.4) explica sobre isso:

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem para oferecer – é este exato momento em que ela está verdadeiramente aberta para recebê-las (SPOLIN, 1987, p. 4).

E é a partir desse princípio que este experimento irá utilizar a cantiga de brincar, dentro dos jogos teatrais, incorporando as experiências dos educandos em relação às movimentações já praticadas na cantiga de brincar e associando ao jogo teatral. Acrescente-se também que, com a cantiga em jogo, a criança fica mais segura, precisando somente adicionar novas vivências.

5.2 A FUSÃO DA CANTIGA NO JOGO

Conhecendo um pouco sobre os jogos teatrais e como eles funcionam, escolhi as cantigas, de acordo com o conhecimento prévio que eu tinha, aplicando-as às aulas de Arte, baseando-me também para esta pesquisa no livro *Cancioneiro da Paraíba* (1993), onde tinham também as cantigas escolhidas registradas e, com isso, pude preparar os planos de aula que foram aplicados nas aulas/oficinas nas escolas escolhidas. As cantigas escolhidas para fazer parte desses planos foram: “Pé de chuchu nasceu”; “Passarás”; “Samba lê lê”; “Sapo

cururu”; “Barata mentirosa”; “O pião”; “Marcha soldado”; “Escravos de Jó”; “Atirei o pau no gato”; e “O Cravo e a Rosa”, seguindo essa ordem respectivamente nos planos de aula, com uma cantiga para cada aula/oficina.

O livro *Jogos Teatrais o Fichário de Viola Spolin* (2014) é composto por fichas, em que cada uma vem com um jogo teatral, trazendo todas as orientações sobre a atividade para o professor. As fichas que foram utilizadas nessa pesquisa foram somente as da sessão A, pois elas trazem estruturas básicas para o entendimento da linguagem cênica, sendo o suficiente para essa faixa etária do Primeiro Ano. As fichas escolhidas foram: “A2-Sentindo o eu com o eu” e “A8 - Caminhada no espaço #3: Esqueleto”; “A3 - Ouvindo o ambiente” e “A5 - Passa-passa gavião”; “A15 - Espelho”; “A22 - Pular corda”; “A 25 - Parte do todo #1: Objeto” e “A41 - Fisicalizando um objeto”; “A29 - Jogo de identificação de objetos”; “A36 - Três mocinhos de Europa”; “A55 - Pegador / Pegador com explosão” e “A56 - Câmera lenta /Pegar e congelar”; “A72 - sílabas cantadas”; e “A76 - Construindo uma história”.

É muito importante também explicar como foi a ligação de cada cantiga com cada jogo. No jogo de “sentir o eu com o eu”, ainda sentados, foi o momento inicial de sensibilização, percepção e atenção para as partes do corpo, como forma de preparação para a etapa seguinte. A ideia de usar a cantiga “Pé de Chuchu nasceu” está ligada principalmente com o jogo de “caminhada no espaço e esqueleto”, pois nesses dois jogos cada educando precisaria sentir seu corpo e suas articulações em movimento, pois ao cantar a música poderiam fazer associação do seu corpo com o crescimento da planta, em que as movimentações dos galhos poderiam ser seus membros.

A segunda cantiga “Passarás” está associada principalmente com o jogo “passa, passa gavião” que é uma variação da cantiga, mas antes da brincadeira foi preciso retomar a questão de sensibilização e percepção dos sentidos, iniciada na aula/oficina anterior, de modo que escolhi o jogo de concentração “ouvindo o ambiente”. A terceira cantiga foi a “Samba lê lê” que foi associada ao jogo do “espelho”, pois a própria música sugere alguns movimentos que todos fazem ao mesmo tempo. O jogo do “espelho” possibilitou explorações de outros movimentos corporais, que foram utilizados posteriormente na música e, ao invés do sambar como conheciam, tiveram que sambar com todas as partes do corpo.

A quarta cantiga foi “Sapo cururu” e o jogo “pular corda”, estes associados devido ao movimento de pular existente tanto na brincadeira quanto no animal da cantiga. A quinta cantiga foi “Barata mentirosa” associada ao jogo “parte de um todo” e “fizicalizando um objeto”. Nestes jogos, eles tinham a opção de imitar individualmente e em conjunto um objeto ou algo vivo; por isso fez-se a adaptação para a imitação dos animais até chegar à barata da

canção. A sexta cantiga foi “O pião” e o jogo foi “identificação de objetos”. Esse é um jogo sensorial e a associação é por ser um objeto o pião. A sétima cantiga foi “Marcha soldado” e o jogo foi “Três mocinhos da Europa”. Nesse jogo, havia sugestão de imitação de profissões, e sendo o soldado uma profissão foi esse o motivo que ligou a cantiga ao jogo.

A oitava cantiga foi “Escravos de Jó” e o jogo foi “pegando o pegador e câmera lenta”. Nesses, a associação foi devida aos jogos trabalharem os ritmos e com isso adicioná-los ao compasso da cantiga. A nona cantiga foi “Atirei o pau no gato” e o jogo foi “Sílabas cantadas”, pois o jogo sugeria trabalhar as separações de sílabas de uma palavra usando a melodia de uma música e, como a cantiga já sugere trabalhar algumas divisões silábicas no próprio cantar, ela foi a escolhida para fazer par nessa aula/oficina. A décima cantiga foi “O Cravo e a Rosa” e o jogo foi “construindo uma história”. Estes foram ligados simplesmente por ter na cantiga uma história com personagens, local e ações, que é o que o jogo propunha na criação.

Os planos foram preparados com esses jogos e com essas cantigas de brincar citadas no parágrafo anterior. Foi seguido o modelo utilizado geralmente pelas escolas, discriminando os conteúdos, objetivos, procedimentos metodológicos, duração por hora/aula e avaliação (os planos de aulas/oficinas seguem nos apêndices).

5.3 COMPONENTES DO PLANO DE AULA DE TEATRO

Os conteúdos trabalhados nas aulas/oficinas são as cantigas de brincar e os jogos teatrais principalmente. Além desses conteúdos, estão sendo aprofundados e desenvolvidos outros, como por exemplo: os movimentos corporais, noção espacial, brincadeiras, narrativas orais, consciência corporal, os sentidos, dramatizações, que fazem parte implicitamente dos conteúdos principais. Tais conteúdos estão alinhados e de acordo com a Proposta Curricular Municipal (2004) – mesmo esta não contendo conteúdos para o Primeiro Ano, mas sim no que abrange o currículo geral para o Fundamental I –, com o PCN de Arte, com a BNCC e com a Proposta Curricular do Estado da Paraíba; mas de forma específica, somente para a área do teatro, não seguindo um currículo polivalente. Com isso temos uma proposta curricular alternativa para os professores desta área. É uma proposta alternativa porque os professores de Artes Cênicas poderão utilizar tanto essa proposta curricular em seu ano letivo, se assim preferirem, como também podem utilizar o livro didático com o conteúdo sugerido pelo mesmo, que contém conteúdos para todas as áreas das artes.

No Parâmetro Curricular Municipal (p. 244, 2004), os conteúdos para o “eixo temático: teatro” sugerem trabalhar expressão corporal, expressão verbal, jogos, brincadeiras, danças teatro de bonecos, temas transversais e de datas comemorativas com finalidade para desenvolvimento expressivo do corpo e respeito à cultura do país.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997), as atividades artísticas, em particular as de teatro, tem como orientações trabalhar os conteúdos para melhorar a expressão, a criatividade, a imaginação e o emocional dentro de atividades individuais e coletivas, pois assim o educando estará aprendendo a se relacionar com o outro e com o meio, e com isso desenvolvendo sua aprendizagem. O documento afirma que:

O teatro, no processo de formação da criança, cumpre não só função integradora, mas dá oportunidade para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com os seus grupos. No dinamismo da experimentação, da fluência criativa propiciada pela liberdade e segurança, a criança pode transitar livremente por todas as emergências internas integrando imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio (BRASIL, 1997, p. 57).

Em relação à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, ela nos indica que os conteúdos trabalhados no eixo do teatro servirão como experiência física, social e cultural, proporcionando desenvolvimento do educando através das ações, da expressão e das encenações feitas por ele durante os exercícios, além de trabalhar as funções motor-sensorial, a afetividade e o cognitivo. Em relação a trabalhar o teatro no meio escolar, o documento nacional afirma que:

O Teatro instaura a experiência artística multissensorial de encontro com o outro em performance. Nessa experiência, o corpo é lócus de criação ficcional de tempos, espaços e sujeitos distintos de si próprios, por meio do verbal, não verbal e da ação física. Os processos de criação teatral passam por situações de criação coletiva e colaborativa, por intermédio de jogos, improvisações, atuações e encenações, caracterizados pela interação entre atuentes e espectadores (BRASIL, 2018, p. 194).

Já na Proposta Curricular do Estado da Paraíba (2019), o documento nos sugere trabalhar com a cultura local, trazendo como início da experiência artística teatral para esses educandos as vivências com as raízes culturais que estão na nossa sociedade como:

Lendas, Parlendas e outros elementos da cultura popular brasileira, paraibana e local, inclusive de diferentes matrizes estéticas e culturais utilizando-se do faz de conta e da confecção de elementos cênicos. E esses têm como objetivos de aprendizagem caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças,

canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais (PARAÍBA, 2019, p.163).

Dessa forma, baseando-se em tais documentos, a proposta curricular aplicada nesta pesquisa fica afinada com essas orientações nacionais e regionais no que diz respeito ao ensino de teatro.

Prosseguindo com a explicação dos planos de aula desenvolvidos nesta pesquisa, passemos agora aos objetivos a serem alcançados com os conteúdos sugeridos. Os objetivos são: conhecer as cantigas de brincar através do cantar; exercitar os jogos teatrais que passam pelo perceber o corpo; reconhecer o corpo e os espaços para ações cênicas; interagir com outros colegas; expressar-se individualmente e coletivamente; desenvolver a capacidade motora, afetiva e cognitiva dentro da proposta do jogo, resolvendo os problemas que o envolvem. E com esses objetivos específicos, poderão expressar-se, interagir e compreender sobre as experiências vivenciadas em sala e relacioná-las às produções artísticas que estão na sociedade. Esses objetivos também estão amparados e alinhados pelos quatro documentos que citamos anteriormente.

No Parâmetro Curricular Municipal (2004) os objetivos encontram-se a partir de cada eixo temático. No teatro, por exemplo, está implícito junto aos conteúdos o objetivo de “priorizar o desenvolvimento das capacidades expressivas e instrumentais do corpo, possibilitando a apropriação corporal pelas crianças de forma que possam agir com cada vez mais intencionalidade” (p. 244, 2004). Esse objetivo é um pouco limitado para a amplitude que têm os conteúdos de teatro, porém não é possível aprofundar os objetivos a partir daquele documento, pois o mesmo não contempla o Primeiro Ano e, sendo assim, só foi possível verificar esse objetivo no geral para o eixo temático teatro, visto que os demais objetivos são referentes às outras séries.

No Parâmetro Curricular Nacional de Arte (1997, p. 39), os objetivos do ensino de arte para o Ensino Fundamental são:

No transcorrer do ensino fundamental, o aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística nas diversas modalidades da área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), tanto para produzir trabalhos pessoais e grupais quanto para que possa, progressivamente, apreciar, desfrutar, valorizar e julgar os bens artísticos de distintos povos e culturas produzidos ao longo da história e na contemporaneidade (BRASIL, 1997, p. 39).

Mesmo falando sobre todas as linguagens artísticas, esses objetivos acima citados não deixam desamparada a área de conhecimento específico. Falam em experienciar a arte sobre

as culturas diversas que estão na nossa sociedade e nossas raízes, a fim de entender o meio e suas expressões artísticas como forma de participação nesse meio social.

No documento Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), os objetivos estão dentro de três perspectivas: os “contextos e práticas”; “elementos da linguagem”; e “processo de criação”. Em relação ao primeiro, os “contextos e práticas”, estes estão relacionados ao reconhecer as diversas manifestações culturais existentes no nosso meio como forma de desenvolver a percepção e o imaginário, para que tenham uma base para a sua produção individual e coletiva. Na segunda, o “elemento da linguagem”, o objetivo é descobrir as formas de teatralidade inseridas nas atividades que estão desenvolvendo em suas práticas e aprimorar sua capacidade de criação individual e coletiva. Na terceira, o “processo de criação”, os objetivos estão relacionados ao experimentar técnicas referentes ao teatro em sua prática, a fim de desenvolverem as funções sensoriais, motoras, afetivas e cognitivas a partir das expressões corporais, verbais e não verbais.

Os objetivos referentes à Proposta Curricular do Estado da Paraíba (2019, p.127) não contrariam os objetivos propostos nos documentos citados anteriormente. Eles estão, antes, correlacionados, visto que um foi referência para o outro e que também servem como base para esta proposta de trabalho. O documento cita:

O Ensino de Artes Visuais, de Dança, de Música e de Teatro, na formação dos (as) estudantes, enquanto direito que favorece o exercício da imaginação, a ampliação da capacidade de pensar, de se expressar, de criar, de se comunicar, de ler e ver o mundo, contribui para seu amplo desenvolvimento cognitivo, emocional e psicomotor, ao longo de seu percurso escolar, além de contribuir com a evolução de competências relacionadas com as habilidades práticas básicas de cada área, assim como capacidades relacionais de interação, cooperação e empatia (PARAÍBA, 2019, p. 127).

E com esses quatro documentos foi possível embasar a proposta metodológica desta pesquisa, tendo em vista alcançar essas habilidades previstas nos objetivos gerais e específicos propostos. É oportuno agora dissertar sobre os planos de aula que desenvolvi para esta pesquisa. As aulas/oficinas foram desenvolvidas no ambiente escolar, dentro das salas do Primeiro Ano das Escolas Municipais David Trindade e Índio Piragibe, com todos os educandos da turma.

As aulas/oficinas seguem um procedimento metodológico de: aula expositiva das atividades; as práticas com o cantar das cantigas de brincar; a aplicação dos jogos teatrais em grupos que vão de quatro a sete educandos por vez, enquanto os demais assistem à experiência dos próprios colegas; e a avaliação coletiva. Na avaliação coletiva, pergunta-se

sobre a cantiga, explanando sobre as referências que os educandos têm sobre as mesmas, e sobre o jogo trabalhado, fazendo com que reflitam sobre a experiência vivenciada na prática. Essa avaliação coletiva permite que eles possam assimilar o que foi feito e associar a vivência com sua aprendizagem. É uma organização do pensamento sobre o conteúdo trabalhado e vivenciado de forma oral e corporal. Nessas conversas, os educandos podem expressar-se através da fala sobre o que solucionaram e aprenderam.

Por fim, em algumas aulas, foi passado vídeo da cantiga trabalhada naquele dia. Esse material midiático serviu de inspiração também para que registrassem em desenhos as atividades práticas e imagens das cantigas. Mas, ao longo da pesquisa, foram-se ampliando os planos de aula e preenchendo o tempo de aula somente com conteúdos de Artes Cênicas, que era um dos objetivos a ser alcançados e, por isso, foi retirado o vídeo da aula no decorrer dos encontros. Lembrando que o vídeo era um recurso didático para completar o tempo de aula estipulado, mas não deixa de ter seu valor em uma sala de aula, pois com ele se ampliam outras perspectivas de ver o mesmo conteúdo.

A retirada do vídeo da aula se justifica também porque os educandos foram pegando afinidade com a metodologia da aula/oficina, e o aproveitamento do jogo com as cantigas foi ampliado, com variações do mesmo jogo, com repetições para melhor entendimento, e assim toda a aula/oficina foi mais preenchida com atividades relacionadas a uma prática cênica.

Sobre esses procedimentos metodológicos citados com respeito à proposta aplicada nas salas do Primeiro Ano, a Proposta Curricular do Estado da Paraíba (2019, p.166), em um dos seus parágrafos, referencia que:

Para a criança, brincar é aprender é estar em contato consigo mesmo, com o outro e com o novo. Assim, seria natural para a criança o fazer teatral, o vivenciar papéis, o faz de conta. Para o Ensino de Teatro na escola, é importante propor o jogo teatral, considerando não apenas os aspectos cognitivos a serem alcançados, mas também que as crianças sejam capazes de explorar sua criatividade, uma vez que essa pode transformar a relação do sujeito com o conhecimento (PARAÍBA, 2019, p.166).

Vimos que, além dos jogos teatrais sugeridos nas possibilidades metodológicas dessa citação, outros recursos foram utilizados nas aulas/oficinas, mas que não deixam de estar inseridos no mundo da Arte de forma integrada.

Ainda em relação à estrutura da aplicação das aulas/oficinas, seguimos agora com a questão do tempo utilizado para desenvolver as atividades. O tempo previsto para cada aula/oficina é de uma hora e meia, ou seja, duas horas/aula, pois este é o tempo determinado pelo Município para desenvolver o componente curricular de Arte nas escolas.

Por último, está inserido nos planos de aula o espaço para a avaliação. Nessa parte, estará envolvido todo o processo, desde a presença dos educandos até a colaboração em suas falas. Então, é uma avaliação contínua, percebendo a evolução do desempenho das crianças ao longo das aulas/oficinas. É preciso observar tanto o nível de envolvimento dos educandos quando estão jogando, quanto os dos que estão como espectadores assistindo aos colegas jogarem, pois se aprende tanto fazendo quanto vendo, e assim se perceberá se estão compreendendo e desenvolvendo as habilidades esperadas. Se os educandos despertarem para outros focos, é importante que se reorientem as instruções do jogo imediatamente, a fim de que não se dispersem do foco esperado. Por isso, a importância da revisão dos planos das aulas aplicados na primeira escola e sua reorganização, caso necessária, retirando o que não funcionou, para poder aplicar na outra escola, e assim chegar à finalidade, que é aperfeiçoar a metodologia aplicada.

É importante também escutar as observações dos educandos em relação à prática e a cantiga, para que possamos ter certeza da assimilação do conteúdo que foi trabalhado em sua parte verbal e corporal. Em relação à frequência, tanto na participação quanto na vinda destes educandos à escola, é um ponto importante para se ter noção do funcionamento da proposta, pois, percebido o desinteresse dos educandos, será o momento de se refletir novamente sobre as atividades. A minha participação nesse processo, além de aplicar o jogo junto às cantigas, é de estar atenta a cada movimento, a cada comentário dos educandos, pois essa atenção me proporcionará melhorar as próximas aulas/oficinas, adaptando a metodologia para que alcance o perfil das turmas.

É importante salientar ainda que cada sala de aula é um mundo diferente do outro, pois estamos lidando com pessoas diferentes, mas a proposta metodológica preparada servirá como uma diretriz para quem queira experimentar. Ficando claro que sempre precisamos estar atentos à recepção dos educandos sobre essa metodologia e conteúdo para que façam suas adequações para suas turmas, para isso será sempre importante fazer as conversas de sondagem para ver se estão entendendo o conteúdo trabalhado e se esses conteúdos estão sendo associados à sua aprendizagem.

Perceberemos que estão aprendendo os conteúdos no momento em que falarem sobre os jogos e cantigas de forma explicativa como também associando informações da sua prática de uma aula para outra, vendo assim a evolução do conhecimento sobre os conteúdos base do ensino de Artes Cênicas. Essa avaliação ao final das sessões também é sugerida por Viola Spolin, no que diz respeito aos jogos teatrais, quando a autora cita que:

A avaliação se realiza depois que cada time terminou de trabalhar com um problema de atuação. É o momento para estabelecer um vocabulário objetivo e comunicação direta, tornada possível através de atitudes de não-julgamento, auxílio grupal na solução de um problema e esclarecimento do Ponto de Concentração. Todos os membros, assim como professor-diretor, participam (SPOLIN, p.24, 1987).

Dialogar sobre os problemas que vivenciaram na prática e como os solucionaram é importante, pois estarão organizando seu pensamento e com isso associando esses conteúdos de forma consciente.

Ainda sobre a avaliação, o documento da Proposta Curricular do Estado da Paraíba (2019, p. 167) descreve que:

[...] avaliar é uma ação processual, além de considerar o desenvolvimento do (a) estudante em sua individualidade na sua trajetória. Não deve esperar, portanto, que o processo avaliativo gere apenas notas quantitativas que levem a progressão do (a) estudante, mas sim centrar o fazer pedagógico nele, para que, verdadeiramente, a aprendizagem se concretize. O (a) professor (a) deverá considerar todo o percurso do (a) estudante e sua construção ao longo desse processo (PARAÍBA, 2019, p. 167).

Esses pontos são importantes em relação à proposta desta pesquisa aplicada, visto que, com ênfase no conteúdo, nos objetivos, nos procedimentos metodológicos, no tempo de aula e nas avaliações, podemos organizar todo o nosso trabalho educacional. O entendimento desse processo didático parte do planejamento antecipado e com base nos documentos e referências que nos auxiliam sobre o trabalho com teatro para o Primeiro Ano do Ensino Fundamental.

O formato desta proposta pode ser estendido para todos os bimestres e para outras séries, utilizando o mesmo passo a passo, começando com as cantigas de brincar e escolhendo um jogo teatral que pode ser até das seções B e C do fichário, desde que seja adequado para acompanhamento de uma cantiga, e sempre pensando na habilidade que se deseja que o educando alcance.

6 CENAS: DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

6.1 O QUEM, O ONDE E O QUÊ

Começo explicando sobre a escolha deste subtítulo: “O quem, O onde e O quê”. Aqui estou fazendo uma analogia dos princípios básicos da estrutura dramática dos jogos teatrais de Viola Spolin com informações importantes da pesquisa. Os educandos da pesquisa serão “O quem”, o local de desenvolvimento da pesquisa será “O onde” e as ações desenvolvidas nas aulas/oficinas serão “O quê”. Todos os jogos feitos nas aulas/oficinas são exercícios básicos da sessão de “orientação” propostos por Viola Spolin.

As sessões de “orientação” são exercícios básicos sobre técnicas do jogo teatral e que, passando por essa base, poderão se desenvolver nos exercícios mais aprofundados de sua metodologia que são: O Onde, O Quem e O Quê. Nesta pesquisa, foram utilizadas nas aulas/oficinas as “sessões de orientações” encontradas no livro *Improvisação para o Teatro* de Viola Spolin de 1987, que são os mesmos exercícios do livro *Jogos Teatrais o Fichário de Viola Spolin* (2014), os da sessão A.

6.1.1 O QUEM

Este “Quem” aqui, nesta passagem do texto, se refere à descrição dos participantes da pesquisa, no caso, o perfil dos educandos das duas salas do Primeiro Ano das escolas trabalhadas, os da Escola Municipal David Trindade e os da Escola Municipal Índio Piragibe.

Na Escola Municipal David Trindade foi me passada uma lista com dados dos educandos e, nessa lista, havia informações com os nomes, as datas de nascimento, o contato dos responsáveis e se têm Bolsa Família³ ou não. Em relação à quantidade, a turma do Primeiro Ano A tem 27 educandos, dos quais 12 são meninas e 15 são meninos. Baseando-nos nas datas de nascimento, podemos identificar que, um dos educandos completou oito anos em 2019, pois nasceu em 2011; 18 educandos completaram sete anos em 2019, pois nasceram no ano de 2012; e sete completaram seis anos, pois nasceram no ano de 2013; e uma não tem a data de nascimento listada. Aprofundando mais esse perfil, irei descrever também a faixa

³Programa do Governo Federal de transferência de renda às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza, para ajudar a garantir o direito à alimentação, educação e saúde. Um dos critérios também para ter direito a esse auxílio, é a frequência mínima de 85% do educando na escola, para as famílias que tem filhos de 6 a 15 anos. O programa foi criado no ano de 2004, no Governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

etária por gênero, então temos relacionando-a aos educandos: 1 com oito anos; 11 com sete anos e 3 com seis anos. Relacionando-a às educandas, temos: 7 com sete anos; 4 com seis anos e 1 cuja data de nascimento não vem descrita na lista encaminhada pela escola.

Com essas informações, podemos perceber um número maior de educandos masculinos; e também maior na faixa etária de sete e seis anos do que as educandas. Essa é uma preocupação, a princípio, pois como são dez educandos que completaram seis anos neste ano de 2019, poderia ser uma variante para a modificação na proposta metodológica, pois, segundo o estágio Walloniano (2012), seis anos ainda representam a fase inicial de desenvolvimento cognitivo. Mas não foi precisa a modificação na proposta metodológica, pois os educandos conseguiram passar pelas atividades com bastante envolvimento e vontade de entender.

Em relação ao Bolsa Família, no total, 15 educandos fazem parte desse programa, 5 não têm Bolsa Família e sobre 7 deles não havia informação na lista se faziam parte do programa. Sendo assim, mais da metade da turma faz parte do programa, e isso nos remete a entender um pouco da situação financeira das famílias, pois sabemos, através do site da Caixa do Governo Federal (BRASIL, 2020), que participam desse programa famílias que precisam ter filhos matriculados em escolas e uma renda *per capita* de até R\$ 178,00 mensal.

É importante refletir sobre esses dados antes de iniciar a pesquisa para entender que nós professores não podemos estar exigindo que os educandos comprem materiais didáticos para desenvolver as aulas, e também para que percebamos que podemos estar ofertando variados recursos didáticos e tecnológicos para aqueles que não têm acesso a esses mecanismos de aprendizagem, diminuindo assim as diferenças de acesso à educação.

Concluindo, aqui, um pouco sobre o perfil dos educandos da sala do Primeiro Ano da Escola Municipal David Trindade com informações importantes, estas nos dão uma noção de como trabalhar com eles. Uma das informações mais importantes é a que diz respeito à faixa etária, pois isso influenciará na percepção deles em relação ao conteúdo desenvolvido, se pensarmos na questão dos estágios de desenvolvimento da criança.

Na Escola Municipal Índio Piragibe, a segunda escola onde foi aplicada a proposta metodológica e curricular, a lista que me foi passada continha 28 educandos matriculados e, ao longo do ano, 3 foram transferidos. Então, essa sala concluiu o ano com 25 educandos frequentando regularmente. Em relação ao gênero, dos que frequentaram até o fim do ano, 11 são meninos e 14 são meninas. Em relação à faixa etária: 1 com nove anos, pois é de 2010; 1 com oito anos, pois é de 2011; 14 com sete anos, pois são de 2012; 7 com seis anos, pois são de 2013; e 1 sem data de nascimento na lista informada pela escola.

Aprofundando mais, descreveremos sobre a faixa etária por gênero. Temos, em relação aos educandos: 1 de nove anos, sendo esse educando uma pessoa com deficiência, 9 de sete anos, e 1 de seis anos. Em relação às educandas temos: 1 com oito anos, 5 com sete anos e 6 com seis anos, e uma educanda sem a data de nascimento na lista fornecida pela escola, e por isso não foi possível identificar ao certo sua idade. Além de o número de meninas ser maior nesta sala do Primeiro Ano, temos também o número de meninas com idade menor que os meninos, pois a maioria delas completaram seis ou sete anos no ano de 2019, ano em que foi aplicada a proposta.

Mesmo com essa diferença de idade dos meninos para as meninas, não foi preciso fazer modificação na proposta metodológica curricular, pois as mesmas acompanharam a aplicação tão bem quanto os outros com idade maior. A preocupação era com a questão cognitiva, pois esta vai ficando mais apurada a partir dos sete anos, quando está já inserida no estágio categorial (Teoria Walloniana 2012). Mas, por isso não ser uma estatística fechada, visto que estes educandos de seis anos conseguiram realizar as atividades assim como os demais, dependem também dos estímulos que eles têm na sua vivência escolar e familiar.

Na descrição dos educandos dessa Escola Índio Piragibe, chamo a atenção para um dado importante, pois nesta turma há um educando com Transtorno do Espectro Autista - TEA⁴. Por essa razão, precisei ter um cuidado e um olhar mais crítico na questão dos exercícios, pois o educando que tem essa especialidade geralmente tende a não querer participar devido a dificuldades de relacionamento e sensibilidade a barulho. Então, precisarei sempre estar atenta ao envolvimento desse educando na parte prática para saber se o estamos incluindo, pois isso é o correto e é o seu direito.

Na Proposta Curricular Estadual (2019), essa questão da inclusão é reafirmada quando fala-se das dimensões que os educandos precisam experimentar. A “dimensão relacional” está nesse documento justamente para que atentemos para esses pontos da inclusão e da diversidade dos educandos das escolas. Sempre existiu essa diversidade, mas não havia esse olhar específico e cuidadoso diante desses variados casos.

6.1.2 O ONDE

⁴ “O Transtorno do Espectro Autista (TEA) engloba diferentes condições marcadas por perturbações do desenvolvimento neurológico com três características fundamentais, que podem manifestar-se em conjunto ou isoladamente. São elas: dificuldade de comunicação por deficiência no domínio da linguagem e no uso da imaginação para lidar com jogos simbólicos, dificuldade de socialização e padrão de comportamento restritivo e repetitivo” (VARELA, 2020).

Esse termo “O onde” se referirá às escolas em que foi aplicada a pesquisa. A Escola Municipal David Trindade está localizada no Prosind no bairro de Mangabeira. Um dos mais populosos, segundo o Censo 2010, na cidade de João Pessoa (PB). A Escola tem uma estrutura de 14 salas de aula, mas que, nesse ano de 2019, foi reduzida para 12 salas, pois foi necessário aumentar o número de educandos por sala e por isso diminuindo duas salas referentes ao ano anterior. Contém também uma sala de laboratório de informática e uma sala de mídias.

Há ambiente para sala de secretaria, direção, sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado), sala dos professores, sala de dança e sala de especialistas. Conta também com cantina, refeitório, quadra poliesportiva, e banheiros femininos e masculinos. A Escola tinha outras duas salas, uma para o Pré-escolar e outra para biblioteca, que hoje estão interditadas, pois a estrutura física está comprometida. Das duas salas que foram fechadas dentre as 14, uma ficou para sala de brinquedos e a outra para sala de reforço ou de reposição de aula de algum professor. Este ano de 2020 a escola está passando por reformas e acredita-se que serão feitos os reparos necessários das salas e ambientes que precisarem. A escola funciona nos turnos da manhã e da tarde, sendo de manhã para o Ensino Fundamental I e mais uma sala da Pré-escola, e a tarde com o Ensino Fundamental II e mais uma sala da Pré-escola.

A Escola Municipal Índio Piragibe fica localizada no bairro de Mangabeira VII na cidade de João Pessoa. A Escola tem uma estrutura com 11 salas de aula. Tem também uma sala de informática, uma sala para biblioteca, uma sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado), e uma sala de multimeios. Tem o ambiente da secretaria, sala de direção, sala de especialistas, sala dos professores, cantina, refeitório, quadra poliesportiva e banheiros femininos e masculinos. Os turnos funcionam manhã, tarde e noite, sendo de manhã o Ensino Fundamental I, à tarde o Ensino Fundamental II e à noite Educação de Jovens e Adultos (EJA) com os ciclos do I ao IV.

6.1.3 O QUÊ

O termo “O quê” dessa parte do texto se refere às ações desenvolvidas, ou seja, as aulas/oficinas que foram aplicadas nas duas turmas do Primeiro Ano das duas escolas escolhidas para esta pesquisa. Chamam-se aulas/oficinas porque têm todas as características de aula, com parte expositiva dialogada sobre a teoria, prática, avaliações; e por outro lado têm seu aspecto de oficinas porque são atividades lúdicas, com cantos e jogos que são

concluídas por dia, com começo meio e fim, mas que também podem servir de sequência para a outra aula.

As aulas/oficinas foram aplicadas nas salas de aula do Primeiro Ano, com todos os educandos dessas salas, e acompanhadas pelas professoras de artes dessas escolas. Foram feitas nos horários de aula de Arte daquela turma. No caso da EMEF David Trindade aconteceram nas primeiras aulas da quinta-feira; e na EMEF Índio Piragibe aconteceram nas primeiras aulas da segunda-feira. As duas primeiras aulas acontecem no horário de 7h às 8h:30, durando 45min cada uma.

Como não sou a professora dessas turmas, pois, na David Trindade, trabalho com o Ensino Fundamental II e, na Escola Índio Piragibe, precisei tirar licença, as professoras de Arte dessas turmas são outras, e estas se dispuseram a acompanhar todo o processo. A professora da David Trindade é professora contratada e a do Índio Piragibe faz parte do quadro de efetivas, ambas da Prefeitura Municipal de João Pessoa.

Na turma do Índio Piragibe, também havia a presença da cuidadora, pois na sala havia o educando com TEA, e este precisava do serviço dessa profissional. Essa cuidadora sempre estava auxiliando o educando nas participações dele nos exercícios, o que facilitou bastante meu trabalho e possibilitou que ele participasse mais, pois tinha nela uma figura conhecida e de sua confiança.

Eu apliquei minhas aulas/oficinas, enquanto elas me acompanharam em todas as atividades, observando, ajudando às vezes na questão do comportamento e também tirando fotos quando eu solicitava.

As aulas/oficinas partem de uma estrutura fixa, mas podendo ser modificada caso necessite, de uma aula para outra. A estrutura da aula/oficina segue com: exposição sobre as atividades do dia; apresentação da cantiga, cantando e ensinando, se necessário; atividade prática com os jogos teatrais e as cantigas; e avaliação coletiva, que é um diálogo no coletivo sobre a aula/oficina.

Em algumas das aulas/oficinas, trouxemos vídeos com as cantigas e fizemos desenhos sobre a cantiga e o jogo, essas atividades foram feitas quando foi preciso completar o tempo das duas aulas de Arte. As aulas/oficinas foram desenvolvidas a partir de planos de aula, pensados e planejados anteriormente à prática, e que estão registrados nos Apêndices de 1 a 10, e cada plano é para ser desenvolvido em duas horas/aula, totalizando 20 aulas, que são o equivalente a um bimestre da escola para a disciplina de Arte.

Além dos planos nos apêndices, mais adiante, neste capítulo, há a descrição de toda a experiência nas duas escolas com maiores detalhes de cada aplicação.

A proposta Curricular para o Primeiro Ano desta pesquisa está no apêndice 41. Nela, encontra-se sugestão de conteúdos para quatro bimestres do ano, com currículo baseado nas Artes Cênicas para as turmas de Primeiro Ano, inspirados nos conteúdos dos 10 planos das aulas/oficinas. Esses planos foram inspirados e elaborados baseados nos jogos teatrais de Viola Spolin (1987; 2014), no livro Cancioneiro da Paraíba (1993) de Idellete Fonseca dos Santos e Maria de Fátima de Mesquita Batista, na BNCC (2018), nas Propostas Curriculares Municipal de João Pessoa (2004) e do Estado da Paraíba (2019), e no livro da coleção Ligamundo do 1º ano de Rafael Presto [et al] (2017).

6.2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL DAVID TRINDADE

No dia 18 de julho de 2019 fiz a primeira aplicação das atividades de Artes Cênicas na sala do Primeiro Ano da EMEF David Trindade. O horário da aula de Arte da escola é das 07:00 horas até 08:30 da manhã. Logo que cheguei, havia apenas dois educandos na sala, aos poucos foi chegando o restante da turma, que no total da sala são 27, mas não compareceram todos nesse dia. Esperei até 07:15 para começar, e mesmo assim ainda foram chegando educandos ao longo da aula. Comecei dando bom-dia e me apresentando para a turma, mesmo tendo ido à sala na semana anterior para conhecê-los. Em seguida, expliquei a sequência da aula. Então, sem dúvidas dos educandos, comecei a aplicar a experiência.

A primeira atividade foi cantar a cantiga “Pé de chuchu nasceu”. A princípio, quando estava elaborando os planos, pensei em tirar essa cantiga, devido às movimentações corporais usarem o rebolar no meio da letra, podendo gerar problemas de entendimento com algum responsável, mas pensei melhor e vi que as possibilidades de movimentações corporais não podem ser limitadas, até porque não se dissocia uma parte do corpo do todo. Em seguida perguntei aos educandos se conheciam a cantiga, e a maioria conhecia, então pedi para cantarmos juntos. Em seguida fizemos uma variação do canto, fazendo somente o som da música sem falar as palavras, e a intensidade deste ia diminuindo até o calar por completo, pois a intenção agora era prepará-los para a outra atividade e para isso precisariam estar mais calmos e atentos.

A segunda atividade foi fechar os olhos e imaginar cada parte do corpo, inspirado no jogo teatral do Fichário de Viola Spolin, “ficha A2 e A8”. Nessas fichas, o foco era “sentir o contato com a parte do corpo indicada” na ficha A2; e “o movimento físico do esqueleto no espaço” na ficha A8. Nessa segunda atividade, fui dando as “instruções” de perceber cada parte do corpo, pés, pernas, quadril, peito, coluna, pescoço e cabeça, também perceber o

contato dessas partes do corpo com os materiais com que estavam em contato, como sandálias, tênis, cadeira e carteira.

Alguns fecharam os olhos e outros preferiram ficar de olhos abertos. Em sequência expliquei a atividade da segunda ficha a A8, que era fazer essas percepções do corpo mais agora caminhando e preenchendo o espaço da parte da sala que foi escolhida para tal atividade. Nessa parte da atividade, tive que dividir a turma em duas, a metade vinha fazer a parte prática e a outra metade observava. Nesse formato, conseguíamos seguir a “instrução” da autora Viola Spolin que sugere que haja jogadores e observadores.

Na primeira metade da sala, vieram somente meninas, não por separação de gênero propositalmente, mas por ser assim que estavam divididos na sala. Os grupos fizeram então a caminhada no espaço, como demonstrado na *Foto 1*, percebendo todas as partes do corpo, a partir da minha orientação. Depois, pedi para ficarem parados, sem caminhar, e que mostrassem para a turma quais as possibilidades de movimentação de cada uma das partes do corpo que perceberam quando estavam sentados e na caminhada, e com a minha instrução, fui sugerindo cada parte do corpo a ser movimentada.

Após explorarem as possibilidades de movimentação das partes do corpo, cantamos novamente a música “Pé de chuchu nasceu” e, juntamente com a cantiga, fizeram movimentos corporais sugeridos na música, mas não da forma que conheciam, como na brincadeira, e sim da forma que quisessem, movimentando a parte do corpo que achassem conveniente para aquela parte da cantiga, saindo assim do que conheciam e explorando novas possibilidades.

Lembrando que, tanto na caminhada quanto na movimentação com a música, foi necessária a minha participação, mas não como forma de imitação dos meus movimentos, e sim para estimulá-los, pois eu perguntava sempre como poderia ser feito cada movimento e assim que um fazia eu ia imitando e instigando os outros a fazerem outros movimentos, e com isso íamos fazendo toda a coreografia da música a partir de sugestões deles.

Ao término da cantiga, sugeri que agradecessem e os que estavam assistindo aplaudissem, e assim foi feito, sem resistência e tudo tranquilo e com muito respeito. Em

Foto 1 - Movimento físico do esqueleto no espaço



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

seguida, chamei a equipe que estava assistindo, nesse grupo havia mais meninos e somente duas meninas. Foi feita a mesma sequência de atividades (*Foto 1*), na qual foram sugeridas movimentações diferentes como também idênticas às outras do primeiro grupo. Com essa segunda sequência, fica claro que os educandos aprendem também com movimentos repetitivos e visualizando outros que fazem atividades culturais. Após essa atividade, todos foram para suas cadeiras, foi quando passei um vídeo com a cantiga que encontrei na internet da “Cia. Dindô-lê-lê”, em que cantavam e dançavam em círculo a cantiga aplicada nessa aula/oficina. Eles assistiram em seus lugares enquanto o vídeo passava no computador. Depois que passei o vídeo perguntei quem gostaria de vir fazer a dança em círculo assim como tinham visto no vídeo. De forma aleatória fui chamando quem levantava a mão, não mais dividindo a sala pela metade, mas de acordo com as escolhas deles.

Foto 2 - Dança em círculo com a cantiga



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Foram feitos dois grupos novamente devido ao espaço da sala ser pequeno e também pela orientação do Jogo Teatral, em que sempre é preciso haver os observadores e os jogadores. Mas, nesse caso, predominou a questão do tamanho do espaço da sala, pois não cabiam todos. Dançaram sem olhar para o vídeo, como é demonstrado na *foto 2*, e mesmo fazendo em círculo, como era a sugestão do vídeo, eles fizeram movimentos livres de acordo com a orientação da letra da cantiga. No vídeo, havia uma variação na letra da cantiga, pois onde se falava “rebola” diziam-se outras palavras como: “requebra”, “roda” e “pula”, essas alternativas permitiram

explorar outras formas para desenvolver habilidades motoras.

Quando todos voltaram para seus lugares fiz a avaliação coletiva. A avaliação coletiva é uma conversa com perguntas sobre o que foi trabalhado, com objetivo de que eles possam entender a relação do exercício e da cantiga com a expressão corporal e a coordenação motora desenvolvida. Perguntei se já tinham pensado alguma vez nas partes do seu corpo, se conseguiram sentir as partes do corpo e como foi essa percepção. Algumas crianças disseram que já tinham pensado no corpo e outras não. A maioria disse que conseguiu sentir o corpo, outros ficaram calados. Uma educanda disse que foi boa a atividade porque fazia com que ela tivesse mais atenção.

Eles perceberam a diferença de movimentação da primeira vez para a segunda após o vídeo, pois na segunda vez havia sugestões de palavras diferentes e, portanto, movimentações corporais diferentes do que a primeira vez que fizeram. Devido a uma parte da sala não ter participado, em torno de trinta por cento, a experiência acabou antes das oito e meia. Então, sugeri que fizessem desenhos, deixando registrados em seus cadernos de Arte sobre a música e sobre as movimentações deles, e com isso foi possível concluir o tempo de duas aulas de arte estabelecido na escola.

Observando esse último momento da aula, percebi que tenho que rever os exercícios e acrescentar mais variações da atividade para não ficar com esse tempo livre, e assim não precisar adaptar a atividade com as Artes Visuais. Embora esses desenhos sirvam também como forma de expressão em relação à atividade, não são os objetivos da experiência.

Acredito que essa primeira aula cumpriu o objetivo, que era o de trabalhar os jogos sensoriais e início de consciência corporal e exploração dos movimentos corporais no espaço a partir da cantiga de brincar “Pé de chuchu nasceu”. Despedi-me da sala cantando a música do “mosquitinho” e de forma afetiva indo em cada cadeira e dando um beijo na cabeça deles enquanto fazia o som da música. Esse ato fez-se por eu acreditar no poder da afetividade no desenvolvimento da criança e na sua aprendizagem.

No dia 25 de julho de 2019, foi aplicado em duas aulas de arte da escola mais um plano de aula. Nesse plano, a base das atividades cênicas era a cantiga de brincar “Passarás”, que na internet encontrei com uma variação de nome “meu barqueiro”. A aula começou com a explicação e orientação de todo o plano de aula e em seguida com o jogo sensorial “ouvindo o ambiente”. O objetivo desse jogo é tentar se concentrar nos sons ambientes, da sala de aula, da escola e do ambiente externo à escola. Depois que passou esse momento, houve depoimentos dos que escutaram. Esse momento me surpreendeu muito, pois pensava que eles não se concentrariam em ouvir, mas os relatos foram de encontro à minha ideia inicial, com detalhes minuciosos dos sons escutados por eles. Eles prestaram atenção e conseguiram captar até sons mínimos como o som do vento do ventilador dentro da sala, sons de passarinho fora da sala. Dei a orientação de que fizessem esse exercício pelo menos uma vez por dia, sozinhos em suas casas. Uma educanda relatou que na casa dela fazem muito barulho e que não conseguiria, então sugeri que tentasse mesmo assim e, se não conseguisse, fizesse à noite, quando fosse dormir, pois esse exercício diário é necessário para aguçar os sentidos, visto que eles são partes fundamentais na criação artística. Em **Fonte:** Arquivo pessoal, 2019.

seguida, começamos os jogos de percepção e aquecimento, com caminhada no espaço, observando como está seu corpo e logo dentro desse caminhar foram feitas variações de

tempo e ritmo com o cantar da música “Passarás”. Os tempos utilizados nessa caminhada ao acaso foram: o normal, rápido e lento como demonstrado na *foto 3*.

Isso serviu para aquecimento do corpo como também para aprender de forma segura a música, a fim de que estivessem seguros na letra e pudessem desenvolver o jogo tradicional “Passa-passa gavião” da ficha A5 do Fichário de Viola Spolin, demonstrado na *foto 4*. Ocorre que essa música do fichário sofreu alteração, devido à localidade, mas não modificava o jogo em si, mudava somente a letra. Os aquecimentos em três tempos foram feitos em grupos diferentes, sempre divididos em jogadores e

Foto 3 - Caminhada em três ritmos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

observadores. Dessa vez, a adesão foi maior, ficando sem querer fazer somente 2 educandos, um menino e uma menina. Com o aquecimento seguido do jogo tradicional, a aceitação foi muito grande, ficaram muito felizes e empolgados na atividade a ponto de criar uma pequena euforia para se tentar brincar novamente.

Foto 4 – jogo tradicional Passarás



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O objetivo foi alcançado, pois, com os depoimentos detalhados em ouvir os sons, o fazer a caminhada nos três ritmos e a satisfação e compreensão de jogar corretamente deixam clara a aprendizagem do conteúdo, tanto da cantiga quanto do jogo tradicional, além de trabalhar habilidades do sensório-motor e cognitivo. No fim, perguntei se conheciam o jogo e um só educando disse que conhecia. Esse educando relatou que quem tinha ensinado essa música e o jogo para ele foi a sua avó, que mora em Goianinha.

Mesmo que a maioria não conhecesse a música e o jogo, o envolvimento foi satisfatório, a adesão foi da maioria. A minha percepção inicial, devido aos anos de experiência em sala de aula, era de que a maioria dos educandos de alguma forma conheciam ou tinham já algum contato com a música, mas para aqueles que não conheciam precisei readaptar a atividade e ensinar passo a passo da música para que todos conseguissem participar. Esse ensinar passo a passo da letra da cantiga é uma nova dica de acréscimo para o plano de aula desta pesquisa. Houve também

sucesso, pois a repetição da música e do jogo desenvolve a capacidade de associar em si mesmo as informações e com isso acomodar experiência para as próximas atividades.

A aula prática começou de 07:15 e foi até 08:15, havendo ainda 15 minutos de aula para concluir, então passei dois vídeos da mesma música para eles. Esses vídeos tinham característica distintas, um dava ênfase à letra da música e o outro dava ênfase à história através da animação. E nos últimos cinco minutos, eles puderam registrar a música, a história e o jogo em desenhos nos seus cadernos.

No dia 8 de agosto de 2019, na sala do Primeiro Ano, aconteceu a terceira aula da pesquisa. Geralmente está sendo desenvolvida em uma hora e quinze minutos de aula. E nos 15 minutos que restam das duas horas/aula, o educando registra suas impressões da aula prática de teatro em desenhos. A atividade desse dia foi baseada na música “Samba lê lê”. Primeiro, expliquei a sequência das atividades e depois começamos com a prática. Cantei a música para ver se eles conheciam e foi comprovado que conheciam. Perguntei de onde conheciam e eles responderam que era dos vídeos da “Galinha pintadinha”. Então, repetimos e cantando todos juntos.

Em seguida fiz a sessão de atenção e concentração com a orientação de fecharem os olhos, perceberem seus corpos e perceber a respiração. Depois desse exercício de concentração chamei equipes de quatro em quatro para fazer a atividade dos jogos teatrais. A sequência das atividades foram: caminhada pelo espaço, ocupando os espaços que decidimos para as ações cênicas; observando sua caminhada, percebendo como estava seu corpo e trabalhando a consciência desse corpo; durante a caminhada, falei números em que eles precisavam se juntar, caminhando juntos de acordo com o número sugerido.

Percebi uma dificuldade nessa parte, pois alguns educandos não estavam respondendo às orientações de caminhar de acordo com a numeração, provavelmente não conheciam os números ou estavam envergonhados de caminhar juntos, e alguns só caminhavam próximos uns aos outros. Mesmo assim dei continuidade ao exercício, com mais instruções até conseguirem.

Quando a caminhada chegou ao número de dois, pedi para parar, ficarem em frente um do outro e fazer o jogo teatral do espelho, que é o da ficha A15 do Fichário de Viola Spolin, que está demonstrado na *Foto 5*. Esse jogo consiste em fazer os mesmos movimentos

Foto 5 - Jogo do espelho



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

do colega, ao mesmo tempo, o mais precisamente possível, para que os espectadores não percebam quem é o espelho ou o reflexo.

A maioria da sala fez o jogo e conseguiu entender, pois percebi que eles faziam os movimentos que o colega fazia. Em alguns momentos, não faziam em sincronia, como um espelho, e sim em sequência. Então, eu orientava que o espelho era para ser no mesmo horário, que esse não era o jogo da sequência. Mas, no geral, eles conseguiram fazer a atividade, e com o tempo se familiarizarão melhor com os jogos. Em seguida ao jogo do espelho, fazia-se o círculo dos quatro participantes, o restante da sala cantava a música e eles dançavam fazendo movimentos que exploraram no jogo e o que a letra pedia, demonstrado na *Foto 6*. Em seguida passei vídeos que baixei da internet, todos com essa música “Samba lê lê”. Em um desses vídeos, estava o do grupo “Barbatuques”⁵. Quando os educandos viram, percebi que tiveram afinidade, pois estavam tentando criar sons com o corpo, assim como o grupo no vídeo. Então, quando terminou, orientei que ficassem de pé, ao lado da cadeira, que eu iria repetir o vídeo para que eles pudessem explorar os movimentos corporais e sonoros junto ao vídeo, e assim foi feito. Eles gostaram muito, exploraram, ficaram à vontade e se divertiram. Com esse exercício de hoje, pude trabalhar mais ainda a concentração, o sensorial, a coordenação motora e o cognitivo quando associam informações já concebidas à novas informações. O aumento de bagagem cultural

Foto 6 – Dança em círculo da cantiga



Fonte Arquivo pessoal, 2019.

também é um propósito nestas experiências para que eles possam ir além do “Galinha Pintadinha”. Esse ir além do seu conhecimento cotidiano é muito importante para novas etapas ao longo de suas vidas.

Na avaliação coletiva, houve o relato de uma educanda dizendo que conversou com a sua avó sobre a aula de Arte. Ela relatou que a avó tinha gostado muito do seu relato sobre as aulas, pois conhecia as músicas que estávamos trabalhando.

Essa informação é de muita valia, pois percebermos que as aulas estão indo além da sala de aula, servindo até como um aumento de vínculo familiar. E nesse momento foi onde concluímos a aula e despedi-me da turma.

⁵Grupo artístico e pedagógico que trabalha com percussão corporal. Pesquisando expressões musicais por meio dos sons produzidos com o corpo.

No dia 29 de agosto de 2019, foi feita a quarta aula/oficina na sala do Primeiro Ano. A aula começou com a explicação da sequência das atividades, em sequência foi cantada a música do dia, o “Sapo Cururu”. Os alunos conheciam a música e por várias vezes me corrigiam na letra da música. Os educandos corrigiam a letra da música porque conheciam a cantiga de forma diferente da que eu conhecia. Isso acontece por questões culturais, pois a cultura não é estagnada, ela vai se modificando ao longo dos anos, e chegou para eles de forma diferente da que chegou para mim em meu tempo de criança.

Continuando a sequência das atividades, foram chamados de quatro em quatro educandos para fazer a caminhada ao acaso. Nessa caminhada, eles eram induzidos, por minha orientação, a fazer alguns impulsos como por exemplo: pular, girar, voar, mergulhar e seguir caminhando pelo espaço. Essa atividade trabalha a atenção, coordenação motora, percepção do espaço cênico como também aquecimento.

Em sequência, parados, fizeram o exercício de “tornar visível o que é invisível”. Nesse exercício, os educandos jogavam uma bola invisível, como se demonstra na *Foto 7* e, nesse jogo, precisavam mostrar corporalmente a manipulação desse objeto. A instrução é que a bola começasse com o peso normal de uma bola de futebol, depois mudaria de tamanho para grande, pesada, leve e pequena como uma bola de gude. Com isso, os alunos experimentaram vivências diferentes ao manipular o objeto. Observei que a maioria conseguiu visualizar e fazer fisicamente os formatos normal, grande e principalmente a pequena. A manipulação com a bola pequena foi o mais expressivo, pois eles tinham muito cuidado em manusear e em passar para o colega (*Foto 7*). **Fonte:** Arquivo pessoal, 2019.

Foto 7- Jogo da bola invisível



Tiveram dificuldades de transparecer o pesado e o leve, salvo algumas poucas crianças que já conseguiam abstrair e vivenciar ações tão subjetivas. Em seguida, foi feito o exercício do “tornar visível o invisível” agora com a brincadeira de pula corda, como mostrado na *Foto 7.1*. Os educandos precisavam trabalhar a sincronia entre o movimento de pular com os que estavam bombeando a corda; e a maioria conseguiu realizar a atividade. Tiveram dificuldade de demonstrar sincronia quando o tempo era o rápido, pois o exercício foi feito nos três ritmos, normal, lento e rápido, mas isso é compreensível porque no ritmo rápido a pessoa precisa ter mais agilidade e isso só é possível com mais treinos. No momento em que estavam

pulando corda, cantou-se, em conjunto com a turma, a música do “Sapo Cururu”. Nessa atividade, os educandos que estão sentados sempre participam cantando a música.

Depois que todos fizeram, mostrei os vídeos que foram baixados da internet e eles

Foto 7.1- Jogo do pula corda invisível



Fonte Arquivo pessoal, 2019.

desenharam sobre a música e sobre o exercício em

seus cadernos, pois essa também é uma forma de deixar registrado as suas impressões sobre o exercício.

Conversamos também sobre a aula/oficina, e perguntei se tiveram dificuldades em tornar visível o invisível, e alguns falaram que sim, pois, tinham que ter muita atenção, alguns também falaram que não conseguiram visualizar o objeto invisível que estavam manipulando, mas que fizeram através da imitação do outro. Essa reação em parte dos participantes era esperada, porque nessa atividade os educandos

precisam estar no estágio categorial, em que a criança consegue fazer assimilação do movimento com o que

está pensando, e nem todos da turma estão desenvolvidos totalmente nesse estágio, estão mais desenvolvidos no estágio personalismo, na fase da imitação.

Aos 26 de setembro de 2019, foi aplicada a quinta aula/oficina na sala do Primeiro Ano do David Trindade. Em primeiro lugar, expliquei como seria a sequência de atividades, o jogo foi “fazer parte do todo” e a cantiga, a “Barata mentirosa”. Depois da explicação, começamos com uma caminhada no espaço cênico, trabalhando os impulsos para aquecimento como: pular, girar, mergulhar, voar e andar para trás e para frente. Em seguida, caminharam como se fossem elementos da natureza como água, fogo, terra (pedra) e vento, já trabalhando a expressividade corporal com essas sugestões de personagens. Esse caminhar é pré-requisito para entendimento sobre como ser pesado, leve, rápido e flexível para utilizá-los em outros exercícios cênicos que precisem dessa habilidade. Essa caminhada também abre espaço para a próxima atividade que é a da ficha A41, que sugere fiscalizar um objeto, mas os exemplos podem ser animais também, começando a trabalhar o “Quem” no jogo teatral.

Entendia que nessa aula/oficina a compreensão dos educandos em interpretar um personagem, no caso a baratinha da cantiga, tanto na expressão corporal individual quanto fazendo “parte de um todo” era muito subjetivo para a faixa etária. Então precisei fazer uma invertida do jogo com a cantiga, fazendo com que eles exercitassem experiências passo a

passo até chegarem ao entendimento de expressão corporal que era sugerida no jogo teatral, e assim a associarem à cantiga de forma verdadeira fisicamente.

Essa modificação de colocar a caminhada e o jogo antes da cantiga não segue a sequência de exercícios que vem sendo trabalhada nas aulas/oficinas, pois sempre é a cantiga primeiro, mas em alguns casos precisarei adaptar para melhor aprendizagem da consciência corporal dos educandos, como foi o caso nessa aula/oficina. Com essa justificativa vemos que essa proposta metodológica não é uma sugestão fixa, que não pode ser modificada, dependerá muito da percepção do professor com sua turma. Então, foi feita uma adaptação com os elementos da natureza, em que eles poderiam caminhar como se fossem animais da água, do ar, da terra, sendo estes de grande porte e os pequenos até chegar a ser uma baratinha, como é demonstrado na *Foto 8*. Nessa fase de imitar a baratinha, era cantada a música “Barata mentirosa”, e eles, além de fazerem individualmente, tentaram ser um animal só, como o jogo teatral “parte de um todo” sugere, e esse fazer parte do todo está demonstrado na *Foto 9*.

Foto 8 - Jogo imitando animais



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

No caminhar, como se fosse um animal só, percebi ainda que não tínhamos alcançado os objetivos, pois percebia que os corpos dos educandos não correspondiam ao que estavam pedindo. A compreensão ainda não fora possível, e eles acabaram imitando o primeiro grupo, que fez o animal seguindo em uma fila (*Foto 9*). Esse fazer precisará ser repensado, pois o nível de subjetividade é maior e eles ainda não compreendem. Afirmo que não compreenderam, porque pedi para congelarem e perguntei quem fazia cada parte do corpo do inseto: eles não souberam responder; e quando perguntei quem fazia a cabeça da barata, três dos quatro integrantes levantaram a mão. Essa resposta e a imitação em fila deixaram clara a não compreensão ainda do jogo, mas isso não é impossível, só precisarei adaptar o jogo para que os educandos dessa faixa etária compreendam.

Na avaliação, foi feita uma conversa sobre o que entenderam do jogo e quais as dificuldades. As respostas sempre são de que se divertiram muito fazendo os jogos e de que não tiveram dificuldades. Mas, eu observando, na hora do jogo, percebi algumas limitações em relação ao jogo, principalmente no fazer “parte do um todo”, pois se viam individualizados fazendo o

animal todo (*Foto 9*), ao invés de cada um fazer uma parte do animal, mas essa questão será melhor trabalhada com o tempo quando se adaptarem aos jogos e também com a maturidade nos estágios de desenvolvimento. No fim perguntei de onde conheciam a música, eles responderam que através das mídias. Depois, vimos o vídeo e os alunos registraram em desenhos sobre as atividades. Dessa forma, eles imprimem as impressões do jogo e da cantiga.

No dia 10 de outubro de 2019, foi feita a sexta aula/oficina. Assim que cheguei à sala, a professora de Arte me avisou que precisaria dar aula a partir das oito horas, pois iam fazer um projeto com as crianças, o “Show de Talentos”, então de 07:10 começamos as atividades. O jogo teatral de hoje foi “identificação de objetos”, e a cantiga de brincar “O pião”. Comecei explicando a sequência da atividade e depois fui

chamando de um em um para identificar os objetos que tinha levado. A grande maioria dos educandos participou, exceto uma educanda que não quis ir à frente. Perguntei se ela queria identificar o objeto sentada em sua cadeira, pois poderia ser vergonha de ir à frente, e mesmo assim ela não quis participar.

Os objetos escolhidos foram: lápis de quadro, apagador, cola, borracha, tesourinha, calculadora, coisas de escola; e outros que não fazem parte do mundo escolar como: bonecos de pelúcia, escova de dente, pente, esmalte, batom e óculos. Havia um objeto para cada aluno, assim poderiam trabalhar a diversidade de objetos, a sensibilidade, o sensorial, a atenção e a imaginação. A maioria dos educandos acertou os objetos e dava detalhes, como por exemplo: se eram óculos de grau ou de sombra. Somente dois educandos não acertaram, talvez porque o objeto não fizesse parte do seu conhecimento prévio, como um lápis de cor hidrocor e a calculadora, mas esses educandos repetiram o exercício com outro objeto e os dois acertaram o objeto trabalhado.

Em seguida, chamei grupos de cinco educandos para fazer o círculo onde teriam que cantar a cantiga “O pião” e um dos integrantes seria o próprio objeto, o pião, no centro da roda. Na letra da cantiga, as ações do pião são rodar e bambejar, mas acrescentei outras ações além dessas, como: pula pião, dança pião e sapateia pião. Dessa vez, todos participaram, inclusive a educanda que não quis ir ao jogo de identificação dos objetos, ela participou do círculo, mas não quis fazer o pião. Em seguida, mesmo em meio à arrumação da sala para o

Foto 9 - Jogo parte de um todo



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

evento que ia acontecer, ainda consegui passar o vídeo com a cantiga. Depois fizemos a avaliação, perguntando pelos objetos identificados e sobre a cantiga, comparando os personagens do vídeo com eles, para que percebessem que eles próprios incorporaram o objeto em seus corpos.

No dia 31 de outubro de 2019, aconteceu a sétima aula/oficina na sala do Primeiro Ano. Tudo seguiu como planejado, com explicação da atividade, canto da cantiga e jogo teatral em prática, avaliação coletiva e vídeo. A cantiga desse dia foi “Marcha soldado” e o jogo teatral A36 “três mocinhos da Europa”. Dessa vez, não foi cantada a música com todos sentados, mas sim já com as equipes no espaço selecionado para a cena. Foram chamados de seis em seis educandos e o aquecimento já começava com eles caminhando pelo espaço e imitando corporalmente a música e seus

personagens, no caso o soldado. Em seguida o grupo de seis se dividia em duas equipes para a aplicação do jogo: a equipe A e a B. As equipes precisariam fazer um jogo de perguntas e respostas antes da imitação de personagens. Essas perguntas e respostas prontas são sugeridas pela ficha A36 do Fichário de Spolin. As perguntas e respostas são: 1º grupo: “Somos os três mocinhos da Europa”, 2º grupo: “O que vieram fazer?”, 1º grupo: “Muitas coisas bonitas”, 2º grupo: “Então faz para a gente ver”.

Foto 10 - Imitando profissões 1



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Depois dessa parte, eu ia sugerindo profissões para as equipes criarem movimentos específicos referentes às mesmas para que a outra equipe tentasse adivinhar. Algumas das vezes, os próprios educandos sugeriam as profissões. Foram criadas movimentações corporais das profissões: equilibristas, malabaristas, bailarinas (profissões de circo), como também diarista, policial, cozinheira, ciclista, profissional de Educação Física, pedreiro, estas sugeridas pelos próprios participantes, algumas destas imitações estão demonstradas nas *fotos 10 e 11*.

Lembrando que antes de fazerem os exercícios, na explicação da aula, perguntei sobre as profissões de seus familiares, pois assim poderiam partir de um conhecimento prévio em relação às movimentações dos profissionais conhecidos por eles. Foi muito tranquilo, mesmo que cada grupo tenha demorado mais na parte da sequência prática, pois eles tiveram que

repetir todo o processo desde a sequência de perguntas e respostas até a imitação de duas profissões para cada equipe. Mesmo assim, a sala continuou atenta e paciente.

Foto 11- Imitando profissões 2



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

No início, aconteceram algumas dificuldades em executar as movimentações. Percebi que era por não lembrarem desses profissionais, visto que foram os que eu sugeri. Mas, quando os deixei sugerirem, eles se soltaram e fizeram imitações bem precisas, com bastante detalhes, e com movimentos minuciosos e bem compreendidos por todos. Exemplo desse detalhe foi quando um educando fez um ciclista deitado no chão, pois assim ele conseguia fazer com que as pernas fizessem o movimento circular parecido com o do pedal da bicicleta (*Foto 10*). Outro movimento preciso foi de outro educando, que fez com precisão o

movimento de segurar uma ferramenta e uma peça a ser consertada, utilizando a experiência vivida na outra aula com o jogo do “tornar visível o invisível” (*Foto 11*). O educando relatou que a profissão que ele imitou era a do pai dele. Concluímos a aula assistindo ao vídeo com a animação da cantiga e depois registrando em seus cadernos através de desenhos, pois a conversa coletiva tinha acontecido ao longo da atividade, primeiro sobre as profissões dos familiares e também sempre ao término de cada equipe nas perguntas e respostas sobre a imitação.

No dia 21 de novembro de 2019, foi feita a oitava aula/oficina na sala do primeiro ano da Escola David Trindade. A aula/oficina começou com uma conversa de resgate dos conteúdos trabalhados até aqui. Perguntou-se quais cantigas já tínhamos trabalhado, quais jogos teatrais já tinham sido trabalhados. Os educandos falaram quase todas as músicas, exceto “Pé de chuchu” e “Samba lê lê”. Os jogos teatrais que lembraram foram o do “espelho”, o do “tornar visível o invisível”, com exemplos do pular corda e manipular bola imaginária. Perguntei se dava para fazerem os jogos individualmente; eles responderam que não. Então, fiz a relação dessa resposta com as atividades de teatro que geralmente são coletivas. Perguntei também pelos espaços da sala que utilizamos, correlacionando com um espaço cênico. Perguntei a eles qual espaço de um teatro seria aquele em que eles estão sentados; eles responderam que seria onde as pessoas assistem. Perguntei, sobre o espaço na frente das cadeiras, onde acontecem os jogos, corresponderia a que espaço em um teatro; eles

responderam que seria onde acontece a cena. Perguntei também, se fosse em um teatro, quem estaria fazendo a peça; e eles responderam que eram os artistas.

Relembrando algumas questões em relação aos conteúdos trabalhados, dei início à aula/oficina. Expliquei as atividades que serão trabalhadas, dizendo qual a cantiga daquele dia, que é a “Escravos de Jó”, e o jogo teatral, “pegando o pegador com explosão e em câmera lenta”. A música foi cantada, a maioria sabia decorada, mesmo assim repetimos três vezes para que os que não conheciam pudessem se acostumar com o ritmo e a letra. Ao final do canto perguntei de onde eles conheciam a canção e duas crianças responderam que da internet. Perguntei se era a mesma versão que eu estava cantando ou tinha outra variação, eles responderam que a letra era aquela mesma. Expliquei o jogo teatral, que era tipo um jogo de pega, mas dentro do espaço que determinamos para cenas; e o ritmo era normal, mas cada educando que fosse pego teria que fazer uma explosão, seja um grito, um pulo ou o que determinassem; e assim que pegos e depois da explosão, seriam os pegadores, essa parte está demonstrada na *Foto 12*.

Foto 12 - Pega com explosão



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Em seguida era o pega em câmera lenta e quem fosse pego precisaria congelar, como demonstrado na *Foto 13*. Em seguida seria cantada a música em um círculo onde teriam que fazer uma sequência de passos, pulando para o lugar do outro como se estivessem fugindo, como no jogo do pegador, só que em um espaço determinado, em um círculo, e não mais livre no espaço todo. Esse brincar seria nos dois ritmos que foram feitos no jogo teatral, normal e em câmera lenta. Foi feita toda a sequência em equipes de seis em seis educandos. Quando concluímos com todos, propus que afastássemos mais as cadeiras, porque iríamos experimentar a sequência de passos na cantiga com todos da sala, e assim foi feito. Dois educandos não quiseram participar.

Em seguida todos sentaram e fiz perguntas sobre os ritmos, se foi mais fácil fazer no ritmo normal ou em câmera lenta, e os educandos responderam que, no jogo, os dois momentos foram fáceis, mas que na roda com a cantiga, o momento em câmera lenta foi o mais difícil. Perguntei por que teria acontecido isso, e as respostas foram, que no momento do jogo eles estavam mais livres e que na roda teriam que seguir os passos como uma

coreografia. Então perguntei o que seria necessário para eles conseguirem fazer com mais facilidade; e eles responderam que com treino. Hoje as atividades foram cumpridas nas duas aulas de Arte somente com a parte prática cênica, explicação e avaliação, não sobrando tempo para ver vídeo ou desenhar sobre a atividade, cumprindo assim a proposta de aulas somente com artes cênicas nas cantigas. Ainda avaliando as questões de desenvolvimento dos educandos no jogo de hoje percebi que os educandos são mais ágeis, rápidos em pegar uns aos outros no jogo do pegador e as educandas mais estrategistas, pois via que algumas pegadoras observavam primeiro o movimento dos colegas para poder agir.

Em relação à coordenação nos passos junto às cantigas, realmente eles tiveram mais dificuldades de acompanhar, como eles mesmos relataram, tendo a necessidade de repetição, com treino para conseguir sincronizar, como eles mesmos falaram. Aproveitei também para fazer uma reflexão da letra da música, que por coincidência fala da escravidão, e por coincidência esta era a semana da Consciência Negra. Perguntei se sabiam o que eram escravos, se sabiam o que eles passaram, se sabiam quais pessoas de qual etnia sofreram com a escravidão; e eles responderam todas as questões de forma bem consciente. Em relação aos maus tratos que os escravos sofreram, eles relataram que era errado e que as pessoas não mereciam isso. Falaram também que eles eram guerreiros como a própria letra da música sugere. Nada mais a acrescentar, despedi-me dos educandos e a outra professora assumiu a turma.

No dia 28 de novembro de 2019, foi feita a nona aula/oficina na sala do Primeiro Ano da Escola David Trindade. A cantiga de brincar escolhida para essa aula/oficina foi “Atirei o pau no gato” e o jogo teatral “sílabas cantadas”. Com essa música, tive preocupação com a letra da cantiga no que diz respeito aos maus tratos com os animais, mas quis me ater, nesse momento, à versão da cultura popular, pois isso está ligado aos objetivos, dentre os quais está utilizar as cantigas como recurso de sensibilização para o conteúdo de Artes Cênicas e, para tal, seria necessária a versão de acordo com a herança cultural da região, por ser mais conhecida. Essa desconstrução do pensamento violento com os animais sempre será oportuno trabalhar em sala de aula, não só com a questão da violência, mas também com outros temas

Foto 13 - Pega em câmera lenta



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

transversais que perpassam sempre pelos conteúdos das diversas áreas de conhecimento da educação.

Comecei a atividade explicando o jogo, em que um educando seria escolhido para sair da sala, enquanto a sala se divide em dois grupos para cantar, na melodia da cantiga “Atirei o pau no gato”, uma palavra simples e dividida em duas sílabas. Cada grupo cantaria uma sílaba da palavra, e o educando que estava fora da sala entra e tenta descobrir qual é a palavra cantada. No jogo original, do fichário de Spolin (2014), são os jogadores que escolhem as palavras, e são sugeridos dez participantes que terão que se subdividir para cantar as sílabas das palavras escolhidas por eles, mas como os educandos são pequenos, precisaríamos de mais tempo para eles desenvolverem o jogo nesse formato. Então fiz um planejamento, adaptando o jogo para que todos participassem, e sem maiores dificuldades para a faixa etária deles, visto que alguns ainda estão aprendendo a ler. Então, foi feito da seguinte forma: um educando saía da sala, e eu dividia a sala meio a meio, e cada parte da sala cantaria uma das sílabas das palavras sugeridas dentro da melodia da cantiga. As palavras sugeridas foram palavras com duas sílabas, seguindo uma ordem alfabética e todas começavam com consoantes. Eram palavras simples para o nosso vocabulário, mas para eles são palavras que ainda estão desenvolvendo em suas leituras e escritas, como por exemplo: bola, casa, dado, faca... e assim sucessivamente até as últimas consoantes do alfabeto.

O jogo, dessa forma, foi muito bem recebido pelos educandos, a maioria da sala quis ser o participante que saía para tentar adivinhar a palavra. Somente dois educandos não quiseram participar saindo da sala, mas observei que eles participavam cantando as sílabas em seu devido grupo. Para que eles entendessem bem o ritmo da cantiga, primeiro cantamos a música na sua forma original, conhecida por eles e pela cultura popular, e em seguida cantamos juntos uma palavra simples para entender as divisões das sílabas.

A palavra escolhida para treino foi a palavra bolo, então houve o treino com um grupo da primeira sílaba, no caso o *bo*, e depois um treino com o grupo da sílaba *lo*. E no fim desse treino, cantamos as sílabas juntos na melodia da cantiga e todos entenderam como era o jogo. Antes de o participante entrar em sala, eu falava a palavra aos grupos, dizia qual sílaba cada grupo iria cantar e havia um breve ensaio, bem baixinho só para que eles encaixassem a sílaba dentro da melodia.

Cada educando que entrava para tentar adivinhar a sílaba, ouvia toda a cantiga que os colegas cantavam e depois falavam qual era a palavra. A maioria acertava de primeira, trabalhando a audição e a percepção e comunicação oral. Poucos educandos não conseguiam decifrar a palavra, ou percebiam uma sílaba diferente com o som parecido com o da outra

sílaba. A percepção errada da palavra, quando acontecia, era devida à questão de fonemas que se parecem, como por exemplo *va* e *fa*, em palavras como *faca* e *vaca*. Quanto aos que mais tiveram dificuldade para acertar, foi preciso dar um olhar diferenciado, para que eles não desanimassem e, por isso, foi criada uma dinâmica no jogo para ajudá-los.

Então sugeria que o grupo da primeira sílaba cantasse e o educando decorasse qual era a sílaba, e em seguida o outro grupo cantasse a outra sílaba da palavra e também decorasse, e assim, ao terminar os cantos separadamente e tendo decorado as sílabas, eles conseguiam formar a palavra. Com essa variação do jogo, todos os educandos que se dispuseram a participar conseguiram juntar as sílabas e falar a palavra que estava sendo cantada pelos colegas. Essa aula/oficina foi uma das mais surpreendentes para mim, pois pensei que os educandos fossem se dispersar em suas concentrações, pois a maioria estava sentada e não era um jogo que trabalhava os movimentos, como vinha acontecendo nas aulas anteriores. Mesmo assim, foram duas aulas em que se concentraram do começo ao fim, sem nenhum imprevisto em relação à dispersão. Por fim, perguntei se gostaram, o que se trabalhava nesse jogo e quais palavras foram usadas. Eles responderam que gostaram, falaram as palavras cantadas e que servia para aprender as palavras. Então, percebi que esse era um jogo que poderia, inclusive, ser utilizado pela professora polivalente da sala, visto que a aprendizagem da leitura e escrita passa também pela percepção dos fonemas e exercício da oralidade.

No dia 05 de dezembro de 2019, foi feita a décima e última aula/oficina da pesquisa no Primeiro Ano da Escola David Trindade. Nessa aula/oficina, foi trabalhada a cantiga “O Cravo e a Rosa” e o jogo teatral “Construindo uma história”. A sequência da aula/oficina foi cantar a música, conversar sobre a história, criar uma história conjunta sobre o que antecede a ação da cantiga e fazer a montagem das cenas que eles criaram vinculadas à música. Nessa aula/oficina, a orientação do jogo teatral, no fichário de Spolin, era sentar em círculo, escolher alguém para começar uma história, e em sequência, de acordo com a indicação do coordenador, de forma aleatória, outro participante do círculo teria que dar continuidade à ideia até se concluir a história quando todos tivessem dado a sua contribuição. Mas, novamente, assim como na aula anterior, houve uma adaptação do jogo, e a história foi criada com o meu direcionamento. Sugeri que cantássemos a música “O Cravo e a Rosa”, depois fui perguntando o que acontecia na história da música. Quando eles relataram a história que acontece na música comecei a indagar sobre o que aconteceu antes de o Cravo brigar com a Rosa, e assim eles foram desenvolvendo uma história em que os personagens tinham pais e que tudo começava desde o tomar café com suas famílias até à hora em que ‘o cravo tem o desmaio e a rosa põe se a chorar’. A história, segundo a contribuição deles, começava com as

famílias, do Cravo e da Rosa, com pai e mãe, em suas casas, tomando café da manhã para irem à escola, como se demonstra na *Foto 14*, em seguida os pais levam seus filhos para a

Foto 14 - Cena tomando café



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

escola, no meio do caminho as duas famílias se encontram, se cumprimentam e seguem juntas para a escola, como mostra a *Foto 15*. Na escola, os dois personagens principais se encontram com a professora, e logo começa a aula de matemática, mostrada na *Foto 16*. A professora (personagem criado na história) coloca os dois juntos para se ajudarem com a tarefa de matemática que foi sugerida por ela. Quando os dois começam a fazer a atividade, eles se desentendem por não concordarem com as alternativas das respostas e assim começa a briga, essa cena é demonstrada na *Foto 17*. Daí em diante, a história da música segue na sua origem até onde “o cravo saiu ferido e a rosa despedaçada”. Na segunda parte da música, em que cravo fica doente, os educandos também fizeram uma intervenção na história. Depois da “briga” entre os dois personagens, ambos vão para casa com seus pais. Chegando em casa, o Cravo fica doente, os pais o levam para o hospital, lá ele é atendido por um médico (personagem também criado por eles) e fica em observação, como está demonstrado na *Foto 18*. Quando a Rosa vai visitá-lo, cena mostrada na *Foto 19*, ocorre que “o cravo tem um desmaio e a rosa põe-se a chorar”. E assim concluem as cenas criadas e vivenciadas cenicamente pelos próprios educandos. A criação da história foi feita aleatoriamente com a sala toda, cada um ia sugerindo o desenvolver da história. Eu ia perguntando o que acontecia a cada situação e, quando eles iam sugerindo, eu ia indagando com mais perguntas sobre o desenrolar da história.

Por exemplo, quando sugeriram que eles estavam com os pais tomando café eu perguntei: “e eles iam para onde?”, e eles responderam: “para a escola”; e continuei perguntando: “com quem iam para a escola?”, e “quando chegaram lá, fizeram o que?”, “se encontraram com

escola, no meio do caminho as duas famílias se encontram, se cumprimentam e seguem juntas para a escola, como mostra a *Foto 15*. Na escola, os dois personagens principais se encontram com a professora, e logo começa a aula de matemática, mostrada na *Foto 16*. A professora (personagem criado na história) coloca os dois juntos para se ajudarem com a tarefa de matemática que foi sugerida por ela. Quando os dois começam a fazer a atividade, eles se desentendem por não concordarem com as alternativas das respostas e assim começa a briga,

Foto 15. Indo para escola



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

quem?”, “o que faziam?” e assim até construir a história citada acima. Em relação à encenação, primeiro fiz com que eles pensassem e falassem quem eram os personagens da

Foto 16. Cena da escola



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

história; eles falaram que eram o Cravo, a Rosa, os pais, no caso pai e mãe para cada um, o professor e o médico, num total de oito integrantes. Então, fui convidando quem queria participar da cena para fazer esses personagens. Quem ia levantando o braço eu ia chamando para a frente e, assim que se completou o número, começamos a decidir quem faria quem. Eles mesmos foram pedindo para fazer os personagens. Só houve mais resistência, da parte deles, em

escolher quem seriam os pais dos personagens principais, acredito que por vergonha, pois eles ficavam rindo e os colegas também riam, com um pouco de insinuação como se os dois que fossem se tornariam um casal. Então tive que explicar que eles não fariam os personagens deles mesmos, que eles iriam imitar uma outra pessoa e assim foi resolvido. As cenas foram apresentadas com dois grupos diferentes, totalizando 16 participantes em cenas. Eu ia narrando a história que eles construíram e eles iam fazendo as ações (*Fotos 14 a 19*). Nas partes cantadas, os que estavam sentados

ajudavam cantando e assim concluíram-se as cenas, com a construção da história baseada na cantiga “o cravo e a rosa” e a criação das cenas na própria sala de aula.

A avaliação foi feita de uma forma geral, pois era o último dia, e a parte prática já tinha tomado a aula toda, e a professora da sala já estava de volta. Então fiz perguntas sobre o que gostaram, o que aprenderam, o que acharam que desenvolveram. Eles responderam que gostaram muito, que queriam que eu voltasse no outro dia

para continuar dando aula para eles. Falaram que aprenderam a fazer os jogos que eram sugeridos, e uma educanda falou que acha que se desenvolveram na forma de se comunicar.

história; eles falaram que eram o Cravo, a Rosa, os pais, no caso pai e mãe para cada um, o professor e o médico, num total de oito integrantes. Então, fui convidando quem queria participar da cena para fazer esses personagens. Quem ia levantando o braço eu ia chamando para a frente e, assim que se completou o número, começamos a decidir quem faria quem. Eles mesmos foram pedindo para fazer os personagens. Só houve mais resistência, da parte deles, em escolher quem seriam os pais dos personagens principais, acredito que por vergonha, pois eles

Foto 17 - Cena do Cravo briga com a Rosa



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Foto 18- O Cravo doente

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Foto 19 - A Rosa visitando o Cravo

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Como relatei a aula/oficina tomou toda as duas aulas de arte, mas solicitei à professora de sala mais meia hora para que eu mostrasse a eles um vídeo que eu tinha feito para eles como forma de agradecimento e de finalização das aulas. Eu utilizei todas as fotos deles em um programa de computador e coloquei de fundo algumas cantigas que trabalhamos durante as dez aulas/oficinas. Assim as fotos deles nos jogos iam passando ao som das cantigas como demonstrado na *Foto 20*. Levei *datashow*, computador e caixinha de som para realizar essa atividade. E ao passar o vídeo das fotos as reações foram muito receptivas, eles riam, apontavam um para o outro e as carinhas de muita felicidade, e ao invés de ser um presente para eles foi um presente para mim, pois fiquei muito feliz com a felicidade deles. Tiramos fotos no final e nos despedimos com muita emoção.

Foto 20 - Demonstração de fotos das aulas/oficinas para a turma

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

6.3 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA ÍNDIO PIRAGIBE

Dando continuidade aos relatos das experiências, agora realizadas na segunda escola, a E.M.E.F Índio Piragibe. No dia 19 de agosto de 2019, comecei a aplicar a atividade referente à primeira aula/oficina da pesquisa, cujo plano está registrado no Apêndice 1. Começamos explicando e em seguida passamos a aplicar. A primeira atividade foi a de concentração, de olhos fechados, sentindo cada parte do corpo.

Nesse exercício, percebi que alguns tiveram dificuldades de fechar os olhos, outros ainda conversavam um pouco. Com isso, foi pedido que se concentrassem, pois esse era o jogo de sentir e não de falar. Em seguida, foi feito o exercício sensorial de escutar os sons ambiente, da sala, da escola e os de fora da escola. Nesse, dois educandos tentaram intervir fazendo sons vocais, e foi pedido que se concentrassem nos sons ambiente, pois esse era o jogo de escutar e não o de criar sons. A partir dessa aula/oficina já

Foto 21 - Caminhada ao acaso



Fonte: Arquivo pessoal, 2019

comecei a adaptar as aulas para melhorar o tempo de duração a partir da experiência da primeira escola, com mais diálogo e repetição do exercício de formas diferentes.

Pedi para que eles abrissem os olhos e perguntei se conseguiram perceber o corpo e ouvir os sons ambiente; a resposta da maioria foi que sim. Perguntei para que serviam esses exercícios e uma educanda respondeu que “era para ter atenção”. A segunda sequência de exercício era a caminhada no espaço, sentido as partes do corpo e, em sequência, ainda em caminhada, trabalhando os ritmos normal, rápido e lento, como demonstrado na *Foto 21*. Na terceira atividade, os educandos se posicionavam em frente à turma para experimentarem os movimentos corporais na música “Pé de chuchu nasceu”, como demonstrado na *Foto 22*. Toda a turma ajudava cantando, enquanto as equipes dançavam o que a música pedia. Nessa escola, só três educandos dessa sala se recusaram a fazer essa sequência de exercícios. No geral, os educandos se concentraram, pois se comportaram, escutaram, se interessaram em fazer, participaram e observaram os colegas fazerem à frente. Depois que todos fizeram essas sequências de atividades, colocamos o vídeo com a música cantada da “Cia. Dindô-lê-lê”, encontrada no *Youtube*. Nesse vídeo, a sequência da música fazia variações de movimentos como: rebolar, requebrar, girar e pular. Foram chamados os grupos novamente para fazer a

cantiga, agora em roda e fazendo o que o vídeo sugeria. Nessa atividade, os educandos ficaram muito felizes, riam muito e trabalharam

Foto 22 -Movimentos da cantiga



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

bastante a espontaneidade, pois estavam bem à vontade. A sequência de atividades durou uma hora e vinte minutos. Conversamos sobre as atividades para entendimento da parte prática, e nos últimos minutos foi pedido que desenhassem sobre a música como registro no caderno a atividade de arte do dia.

No dia 9 do mês de setembro de 2019, foi aplicada a segunda aula/oficina na segunda escola com os educandos do Primeiro Ano. O plano dessa aula/oficina está registrado no

Apêndice 2. A distância de dia se deu devido às aulas de arte desta escola serem somente na segunda feira, e uma das segundas foi reservada à formação para a professora de Arte e por isso não houve aula para essa disciplina. Na outra segunda, não houve aula na escola, em virtude do desfile ocorrido no bairro, no domingo anterior e consequentemente ter sido folga nessa segunda. Então, a continuidade da pesquisa só foi possível no dia mencionado acima.

Senti falta de decorar os nomes dos alunos, e antes de começar a ação cantei para eles a música de acolhida para saber os nomes deles. A letra da música é simples e, quando terminada, aponto para uma criança e esta diz o seu nome. A letra da música é: “Que bom, que bom, que bom que você veio. Foi bom, foi bom, foi bom você ter vindo”. Não pesquisei a origem dessa música, aprendi-a com uma supervisora, na primeira escola em que trabalhei quando entrei no Município de João Pessoa como prestadora de serviço antes do concurso. Em sequência, expliquei a aula, o que ia acontecer e como seria a prática. Em primeiro lugar, cantei a música para eles, “Passarás”. Repeti várias vezes até eles aprenderem. Perguntei se conheciam a música e só dois educandos falaram que conheciam. Um disse que não lembrava de onde conhecia e a outra educanda falou que conhecia, pois a avó dela e a mãe cantavam para ela. Essa música está sugerida tanto no livro Cancioneiro da Paraíba quanto na ficha A5 do “Fichário de Viola Spolin”. Só que no fichário a música tem uma variação e a estrofe da música é cantada “Passa, passa, gavião”. Em seguida, passamos para a parte corporal, em que foram chamados grupos de quatro em quatro. Após a música, foi pedido que se concentrassem, de olhos fechados, nas partes do seu corpo e nos sons ambientes. Depois,

passamos para a prática corporal, caminhada no espaço livre da sala, geralmente à frente das cadeiras, e nessa caminhada os educandos seguiam as minhas orientações. As orientações eram: caminhar nos três ritmos (rápido, normal e lento), em sequência caminhar em linhas retas, curvas e ziguezague. Nessa etapa, percebi que os educandos não conseguiam caminhar seguindo em linhas curvas e nas linhas retas, utilizavam as linhas da cerâmica da sala, como uma referência concreta para desempenharem a orientação. No ziguezague, eles fizeram com mais facilidade, sem referências externas, somente abstraindo o

conceito em suas mentes. Logo após a caminhada, foi feito o jogo tradicional “Passarás”. Todos muito eufóricos e participativos. Brincaram em equipes de quatro com a ajuda da professora como demonstrado na *Foto 23*. Depois que todos os grupos fizeram suas sequências da caminhada ao jogo, senti a necessidade de fazer o jogo com todos da sala, como demonstrado na *Foto 24*, pois além de

Foto 24 - Passarás com a turma



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

avaliação que faço desse momento é que foram alcançados os objetivos de participação, envolvimento corporal com o exercício e compreensão do que se pedia, pois eles executavam as orientações de toda a aula/oficina.

Foto 23 - Passarás em grupo de 4



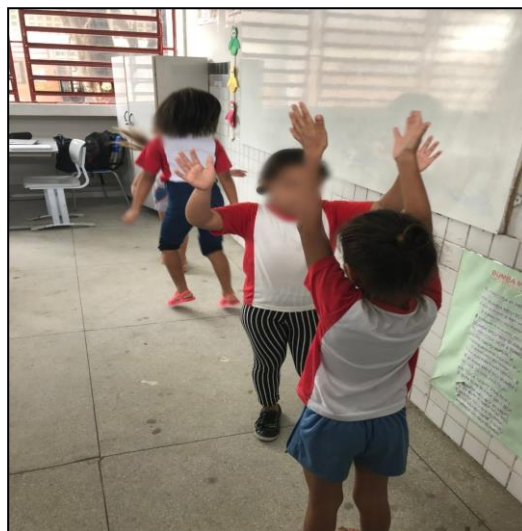
Fonte: Arquivo pessoal, 2019

eles solicitarem que queriam muito continuar ainda estava sobrando tempo. Sobrou tempo, pois faltaram muitos educandos nesse dia, então as sequências não demoraram muito tempo. Por fim, foi passado um vídeo da música e depois registraram o jogo tradicional em seus cadernos através do desenho e da pintura. Preferi deixar a avaliação coletiva para uma avaliação individual através do registro no caderno, pois, como foi uma atividade bem ativa, os educandos estavam bem agitados e o desenho é uma forma de acalmar e se concentrar para ajustar mentalmente o conhecimento adquirido com a vivência. Mas a

No dia 23 de setembro de 2019, foi feita a terceira aula/oficina na sala. O plano dessa aula está registrado no Apêndice 03. A cantiga escolhida foi “Samba lê lê” e o jogo “espelho” do fichário de Viola Spolin. Início a aula/oficina explicando sempre a sequência de atividades. Em seguida, perguntei se lembravam das cantigas já trabalhadas; e responderam que sim e cantaram. Então, ensinei a cantiga “Samba lê lê”, mas a maioria já a conhecia. Perguntei de onde conheciam a música; uns responderam que foi na internet, no *Youtube*, outros que foi a mãe que lhes ensinou e que cantava quando iam dormir. Então, chamei de grupo em grupo para as sessões práticas. Primeiro com caminhada no espaço, ocupando o espaço disponível determinado como espaço cênico, que é à frente das cadeiras. Os educandos que antes andavam em círculos começam agora a preencher o espaço todo determinado, uns até corrigem outros quando estão andando em círculos. Pedi para que se cumprimentassem com as partes do corpo, primeiro com as mãos, depois com as outras partes do corpo como: ombros, costas, cotovelos, quadril, joelhos e pés. Esse exercício é para que percebam que podem comunicar com todas as partes do corpo. Na outra escola, a caminhada ao acaso foi formando grupos a partir dos números que eu ia sugerindo e, além de eles sentirem dificuldades na compreensão do caminhar com a quantidade de participantes determinada, ficaram um pouco tímidos também de caminharem juntos. Então fiz a modificação para a caminhada de cumprimentar com as partes do corpo, que deu certo e os educandos aceitaram e desempenharam com muita facilidade. Isso não quer dizer que não possam utilizar a atividade de caminhar e se juntar de acordo com o

número solicitado. Mas, para isso, é importante o professor verificar se os educandos conhecem os números e até sugerir exemplos na prática para melhor entendimento. Em seguida, pedi que fizessem as duplas para o jogo do espelho como demonstrado na *Foto 25*. No jogo do espelho, precisam fazer movimentos corporais sincronizados: enquanto um comanda o movimento, o outro é o espelho, fazendo movimentos iguais e juntos quase no mesmo instante. Todos entenderam bem como era o jogo,

Foto 25 - Jogo do espelho



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

alguns queriam acelerar e acabava que o colega não conseguia seguir, então sempre era dada a instrução de que o colega devia seguir no mesmo tempo para que não percebêssemos quem era o espelho, e para isso precisariam diminuir o ritmo para ter mais sincronia. Poucos foram

os educandos que perdiam o foco, mas eu sempre lhes orientava a segui-lo. Em sequência do jogo do espelho, cantaram e dançaram a cantiga “Samba lê lê”, em ciranda e fazendo gestos sugeridos pela letra como demonstrado na *Foto 26*. Na parte do sambar, expliquei que poderiam se expressar com o corpo da forma que quisessem, assim saíam do modelo pré-determinado. Também fizemos variações da palavra sambar, com pular, girar e dormir.

Depois dessas sessões eles sentaram e avaliamos a experiência, eles expressaram que gostaram muito do jogo do espelho, e que podiam brincar em outros momentos com os colegas. Expliquei que esses jogos ajudam a nos expressarmos melhor através do nosso corpo. O exercício também trabalha as funções sensório-motoras quando associam o movimento ao ouvir os comandos da cantiga; trabalham também o cognitivo, raciocinando sobre a criação de um movimento para o colega espelhar; e a afetividade, quando interagem com felicidade e harmonia no momento do jogo e da dança. Depois do diálogo, assistiram ao vídeo da cantiga de brincar. Também

Foto 26 - Dança “Samba lê lê”



Fonte: Arquivo pessoal 2019.

passsei para eles a cantiga feita pelo grupo “Barbatuques”, em que faziam toda a percussão da música explorando o corpo. Eles assistiram e tentaram fazer juntos, com o vídeo. Por fim, registraram os exercícios no caderno através de desenhos e pinturas.

No dia 14 de outubro de 2019, aconteceu a quarta aula/oficina na sala do Primeiro Ano dessa escola. O plano dessa aula está registrado no Apêndice 4. A cantiga trabalhada foi “Sapo cururu” e o jogo teatral, “tornar visível o invisível”. Seguiu-se a mesma sequência de atividade da outra escola, mas o que mais surpreendeu nesta é que os educandos conseguiram reagir mais rapidamente ao que era solicitado. Por mais que a sala seja mais agitada, os educandos conseguiram fazer as atividades com bastante detalhe na manipulação dos objetos invisíveis. O pular corda com mais sincronia entre quem estava pulando com quem estava bombeando quanto na manipulação da bola em seus variados tamanhos. Alguns educandos conseguiram fazer os movimentos bem convincentes com o entendimento do que se pedia, fazendo a ligação do pensamento com os movimentos corporais apropriados ao que pensava. Depois da sequência da prática, perguntei aos educandos que mais se destacaram no quesito concentração e habilidade em mostrar o objeto invisível quantos anos eles tinham; eles responderam que tinham sete anos. Percebendo que uns são mais velhos do que os outros,

geralmente é natural que os mais velhos comecem a compreender melhor seus movimentos e correlacioná-los ao seu pensamento, desenvolvendo melhor o cognitivo como foi estudado no estágio categorial. Terminada a sequência de atividades, despedi-me da turma.

No dia 21 de outubro de 2019 foi feita a quinta aula/oficina. O plano dessa aula está registrado no Apêndice 5. A ficha trabalhada foi A41 com o jogo “parte do todo” e a cantiga foi “Barata mentirosa”. Como na outra aula/oficina aplicada na primeira escola, a subjetividade da imitação de um animal, fazendo em grupo, não foi muito bem compreendida, precisei orientar mais o que eu queria que fizessem. Então, a adaptação foi que precisei sugerir quem dos participantes iria fazer cada parte do corpo do inseto. Então, de início expliquei a sequência do exercício, cantamos a música e começamos a parte prática do jogo em seguida. A parte prática do jogo começava com equipes de cinco caminhando pelo espaço, trabalhando os impulsos pular, girar, mergulhar, voar, andar para frente e andar para trás. Com esse exercício, é possível trabalhar coordenação motora, agilidade, percepção e também aquecimento. Em seguida orientei que caminhassem como se fossem elementos da natureza como água, fogo, terra (pedra) e vento, e com essa habilidade podem exercitar a questão da criatividade e expressividade, sendo esse exercício um pré-requisito para trabalhar com criação de personagens. Nessa caminhada, expressando os elementos da natureza com o corpo, os educandos puderam perceber modificações físicas ao imitar cada elemento da natureza. Perceberam que podem trabalhar o corpo, representando-o de forma pesada no caso da terra (pedra), mais leve no caso do vento, flexível no caso da água e ágil no caso do fogo. Em seguida, sugeri que iriam caminhar como animais que viviam nesses mesmos ambientes que eles acabaram de exercitar, como exemplos de animais terrestres, aquáticos e os que podem voar. Passaram por vivências desde leão, peixe, passarinho até aos insetos, como formigas, até chegar à baratinha, pois ao chegar nesse personagem poderíamos cantar junto com a música escolhida. Como relatei, no início dessa aula/oficina foi preciso fazer uma adaptação quando eles vão para o jogo “parte de todo”, que requeria uma integração em comum acordo para que entendessem que todos faziam parte daquele animal, mas como essa parte era bem subjetiva para a faixa etária, então foi feita a modificação. Os grupos que se formavam faziam toda a sequência dos exercícios, mas quando chegava na parte do todo, eu orientava que de um em um fossem a cabeça, dois o corpo e dois as pernas, e assim se repetiu com todos os outros grupos. Depois da prática, conversamos sobre a cantiga e sobre o exercício. Relataram que conheciam as músicas das mídias, assim como na outra escola também. E sobre a prática responderam que gostaram do exercício, que foi bom imitar os animais e, na “parte do todo”, perceberam que tinham que fazer em grupo, que era uma

atividade que dependia de todos que estavam naquele grupo. Nesse dia não foi preciso passar vídeo nem registrar a atividade em desenho, pois devido à adaptação no final, na “parte do todo”, que foi mais demorada porque todos faziam a cabeça da baratinha, a aula/oficina se estendeu e assim se conseguiu fazer toda a aula planejada dentro das duas horas/aula.

No dia 28 de outubro de 2019, foi feita a sexta aula/oficina na sala do Primeiro Ano da Escola Índio Piragibe. O plano dessa aula está registrado no Apêndice 6. As atividades de então estavam baseadas no jogo teatral “identificação de objetos, ficha A29, e na cantiga “O pião”. Comecei explicando a sequência das atividades: primeiro cantar a música para saber se conheciam, em seguida chamar de um em um para que, com olhos fechados, pudessem identificar os objetos que eu iria colocando em suas mãos. Depois da identificação de todos os objetos e com a participação de todos, chamei grupos de cinco a seis educandos para cantar e dançar a música “O pião”, onde quatro ou cinco estariam em círculo e um no meio sendo o pião. Então assim foi feito: cantamos a música e, para os que não conheciam, a cantamos parte por parte para que pudessem aprendê-la. Após essa parte, fui chamando um a um para que identificassem o objeto colocado em suas mãos e, através do sentido do tato, pudessem descobrir qual era o objeto. Todos fizeram esse exercício, inclusive, o aluno autista. Mas o educando autista não quis fechar os olhos, bateu o objeto, que era uma carta de baralho, e falou o que era, acertando assim também o objeto escolhido, mesmo esse objeto não fazendo parte do cotidiano escolar. Os objetos utilizados nesse exercício foram: lápis de quadro, apagador, cola, borracha, tesourinha, calculadora, sendo esses objetos coisas utilizadas no ambiente escolar. Outros objetos também fizeram parte desse exercício como: bonecos de pelúcia, escova de dente, pente, esmalte, batom, óculos e outros do cotidiano de uma pessoa.

Os educandos tinham que identificar os objetos e falar seu nome, e a maioria descobriu. Tinham que sugerir também as cores dos objetos para que estimulasse a criatividade, a maioria errava a cor do objeto, mas eu sempre reforçava que isso acontecia porque não havia adivinhos na sala; os educandos falavam as cores que vinham à sua cabeça e também devido ao conhecimento que tinham daqueles objetos em suas casas ou de uso pessoal.

Era normal falar a cor que conheciam dos seus pertences, mas isso era muito importante para entender a variedade de coisas do mundo. Eu lhes disse que tínhamos objetos em casa ou na escola parecidos, mas com cores e formatos diferentes, pois isso compete ao gosto e à escolha de cada um. Só um educando não identificou o objeto estudado, tentei dar pistas sobre a função do objeto e mesmo assim não acertou, então foi preciso trocar o objeto por um de seu uso escolar para que ele pudesse acertar.

O objeto não identificado por esse educando foi a calculadora, novamente reforçando que esse objeto não faz parte de suas atividades diárias e por isso o não reconhecimento. O segundo objeto que foi escolhido foi um tubo de cola branca, e esse educando conseguiu identificar, porque em momentos escolares e em casa já o tinha utilizado alguma vez e, portanto, identificava o formato.

Em seguida, foram chamados grupos de cinco ou seis para que pudessem fazer a brincadeira de roda, na qual um seria o pião e os outros cantariam ao redor. Todos participaram. Na cantiga, pede-se que algumas ações sejam desenvolvidas por quem

Foto 27 – Dança roda pião



Fonte: Arquivo pessoal 2019.

está representando o pião, como rodar e bambejar, como se mostra na *Foto 27*. Nessa parte da cantiga, fui substituindo essas ações por outras como pular, como se demonstra na *Foto 28*, e também girar, sapatear, e acrescentei também o descansar. A variação da ação de rodar em descansar foi necessária pois percebi que os educandos dessa turma são mais enérgicos do que os da turma da outra escola, e se dispersam mais rápido, então sempre que possível faço adaptação para que eles voltem ao estado de calma, relaxamento para poder voltarem a atenção para as atividades de sala de aula. Como foram acrescentadas variações nas ações da cantiga na oficina/aula, utilizamos todo o horário das duas horas/aula, sobrando somente

Foto 28 – Dança pula pião



Fonte: Arquivo pessoal 2019.

cinco minutos para conversar sobre a atividade.

Na conversa, perguntei sobre os objetos que foram utilizados e também sondei com eles sobre a função do exercício. Os educandos lembraram de todos os objetos utilizados, expliquei também para que servia uma calculadora, visto que um educando não tinha acertado por não conhecer o objeto, e eles relataram que foi muito bom o exercício principalmente quando fizeram a roda e puderam ser o pião porque era legal brincar daquela cantiga de roda.

A atividade trabalha com a sensibilização, pois utiliza o sentido do tato, trabalha a imaginação quando visualiza mentalmente o formato do objeto e sua cor, desenvolve também a imaginação quando representa o objeto, e trabalha coordenação

motora na brincadeira de roda. Essa aula foi uma das mais proveitosas no sentido de concentração de todos os educandos dessa turma, pois estavam atentos ao seu colega quando vinha para a frente. Tinham interesse em ver se o colega acertava, criando assim um estímulo em participar dos exercícios. Terminado as atividades me despedi da sala e em seguida a professora polivalente assumiu.

No dia 4 de novembro de 2019 foi feita a sétima aula/oficina na sala do Primeiro Ano da Escola Índio Piragibe. O plano dessa aula está registrado no Apêndice 7. A aula/oficina foi baseada no jogo teatral A 36 “três mocinha da Europa” e a cantiga “Marcha soldado”. A cantiga “Marcha soldado” foi escolhida porque trabalha uma profissão ao sugerir interpretar um soldado em seus afazeres, e o jogo irá sugerir outras profissões para que os educandos experimentem as expressões corporais de profissões variadas. Comecei a aula/oficina explicando a sequência, dizendo qual cantiga iria ser trabalhada, onde grupos de seis educando iriam para a frente cantar e interpretar a cantiga em suas ações como marchar, apagar fogo para salvar a bandeira nacional e depois ficar congelado, parando bruscamente sem se mexer. E depois o grupo seria dividido em dois, onde fariam o jogo “três mocinhos da Europa”.

Depois de explicar a sequência perguntei para eles sobre as profissões de seus familiares, pois iriam precisar entender os movimentos feitos em algumas interpretações sobre profissões. Eles comentaram que tinham familiares cozinheiras, motoristas, policiais, donas de casa. Expliquei algumas profissões artísticas também, fui perguntando se sabiam o que era ator, atriz, bailarina, malabaristas, equilibristas, contorcionistas e músicos. Dos que eles não conheciam, eu explicava como era o trabalho, por exemplo: eles não sabiam o que era equilibrista, mas quando falei que eram aqueles artistas que andam na corda bamba eles responderam que conheciam, só não sabiam que era esse o nome da profissão. Essa conversa inicial é importante para o desenvolver da atividade, pois partirá do conhecimento prévio deles para conseguirem as movimentações corporais para interpretar as ações físicas das profissões que irei sugerir no jogo. Então, começamos cantando a música, com os educandos ainda sentados para ver se conheciam a música e todos conheciam. Em seguida fui chamando de seis em seis para começar a parte prática. Pedi para que comessem a caminhar pelo espaço, utilizando o espaço todo determinado para as ações, e começamos todos a cantar a música, enquanto os seis faziam a interpretação da música, marchando como soldado, apagando o fogo, salvando a bandeira e depois congelando. Nessa parte do congelar, fui mexendo com todos, até que eles se movimentassem e o último a se mexer ganharia, isso foi acrescentado de uma escola para a outra, pois essa turma era mais ágil e assim seria um

acréscimo na variação da brincadeira para não sobrar tempo da aula/oficina. Em seguida dividia os grupos em dois e eles fizeram a sequência do jogo “três mocinhos da Europa”, no qual há uma sequência de perguntas e respostas até chegar às ações das profissões. As perguntas e respostas são: 1º grupo: “– Somos três mocinhos da Europa”, 2º grupo “– O que vieram fazer?”, 1º grupo: “– Muitas coisas bonitas,” 2º grupo: “– Então faz para a gente ver”. Depois dessas perguntas, eu falava em seus ouvidos as profissões que iriam representar. Comecei sugerindo as profissões artísticas como bailarinas, equilibristas, músicos e malabaristas, como se demonstra nas *Fotos 29 e 30*; depois com as profissões dos familiares deles, cozinheira, dona de casa, policial e motorista. Os educandos adivinharam todas as profissões, acredito que as explicações iniciais puderam ajudar para que fizessem as expressões corporais parecidas com as profissões.

Depois que todos participaram, tivemos novamente uma conversa e perguntei qual a função do jogo; alguns responderam que era para saber imitar as profissões. Então, expliquei

Foto 30 – Imitando malabaristas



Fonte: Arquivo pessoal 2019.

que era importante experimentar movimentos corporais referentes às profissões, pois essas ações os ajudariam a entender o teatro e o que um ator e uma atriz fazem, mas que o exercício serve para experimentar, criar, se divertir e aprender coisas novas e não para virarem artistas, a não ser que quisessem quando crescessem. Por fim, nessa aula/oficina me despedi da turma e saí. A aula/oficina foi muito proveitosa, pois a cada dia eles participavam mais e aprendiam sobre a linguagem cênica,

Foto 29 – Imitando bailarinas



Fonte: Arquivo pessoal 2019.

pois correspondiam às solicitações nos exercícios, demonstravam entender quando colocavam em prática o que era solicitado. Também percebi que com a experiência na primeira escola pude aprimorar o plano de aula, com mais perguntas e conversas com os educandos, mais variações do jogo do dia e isso fez

com que o plano de aula fosse trabalhado no tempo de duas horas/aula, sem precisar registrar em desenho, mas só com aula de Artes Cênicas com as cantigas.

No dia 25 de novembro de 2019, foi realizada a oitava aula/oficina na sala do Primeiro Ano da Escola Índio Piragibe. O plano dessa aula está registrado no Apêndice 8. A cantiga trabalhada nesse dia foi a “Escravos de Jó” e o jogo teatral de ficha A55 e A56 “pegador e câmera lenta”. Comecei os trabalhos fazendo levantamento das impressões deles sobre as atividades das aulas/oficinas até ali. Perguntei sobre as cantigas, sobre os jogos e sobre o que aprenderam nesse decorrer das aplicações das atividades. As respostas foram muito parecidas com as da outra escola. Falaram das músicas trabalhadas, lembraram principalmente do jogo do “espelho”, do jogo “tornar visível o invisível”, “identificação de objetos”, e da “imitação das profissões”. Em relação ao que eles aprenderam, relataram que estavam entendendo como é uma aula de arte sem desenhar. Essa questão foi muito importante para a minha pesquisa, pois o desafio é que entendam sobre os conteúdos de Artes Cênicas, não diminuindo os outros conteúdos das outras áreas das artes, mas porque isso possibilita outros conhecimentos, requer outras habilidades não desenvolvidas até então, segundo minha percepção em escolas.

Relataram também que faziam dança, usavam músicas nas aulas, mas sempre em momentos de projetos e não como aula de arte em si. Nesta escola, por exemplo, antes de começar essas aulas/oficinas, eles só tinham mais aulas de artes visuais, por ser essa a área que a professora mais dominava, então eles não estavam habituados a ter esse tipo de aula, ou não faziam a relação de teatro e dança como sendo conteúdo de arte, e por isso a importância dessa fala dos educandos para esta pesquisa.

Dando sequência à aula/oficina, expliquei sobre as atividades do dia, que iríamos trabalhar com a cantiga “Escravos de Jó”, depois seria feito um jogo de pega, jogo onde tem um educando pegador, enquanto os outros fogem dele; e quando um é tocado, este fica sendo o novo pegador. O jogo foi realizado de duas formas, com explosão, em que quem era pego teria que explodir em um grito, pulo ou qualquer forma explosiva, e em câmera lenta. Perguntei se eles conheciam o jogo de pega, e eles relataram que brincavam nos recreios. Mas expliquei que era exatamente assim de pegar, tocar o outro, mas que, uma vez pegos, teriam que explodir com um grito, ou um pulo, ou outra expressão e depois virariam o pegador. E quando todos fossem pegos, faríamos uma variação do jogo, agora o pegador e participantes andariam em câmera lenta e quem fosse pego ia congelando, e o primeiro a ser congelado seria o próximo pegador, e assim sucessivamente até todos serem pegadores. Depois fizemos um círculo e tentamos executar uma sequência de movimentos cantando a música que também seguiria o ritmo trabalhado no jogo, em seu ritmo normal e em câmera lenta. Então,

cantamos a música e eles conheciam, perguntei de onde conheciam e eles responderam que das mídias, mas que também já tinham cantado na escola. Em seguida convidei grupos para virem à frente e começarem o jogo de pega. Foram formados grupos de cinco, de seis e até de sete educandos, isso porque não limitei um número para essa atividade, dizendo-lhes que poderiam escolher seus grupos. A limitação somente foi em relação ao espaço que ficava entre o quadro e as carteiras, e sendo assim não poderia comportar mais de sete para esse exercício. Mas poderiam vir com quem eles tivessem afinidade, pois esse jogo é mais livre e parecido com o que eles

brincam nos recreios. Todos os educandos participaram com muito desempenho e entendimento, alguns queriam sair do espaço determinado para a ação, mas eu orientava a voltar a utilizar os espaços determinados, pois assim estavam quebrando as regras do jogo. Eles entendiam a orientação e voltavam para o espaço determinado sem quebrar a regra da brincadeira. Um destes grupos que participaram desse jogo está demonstrado na *Foto 31*.

Depois que todos participaram fizemos a roda para cantar e fazer uma sequência de passos nos ritmos normal e lento, assim como o jogo de pega. As sequências dos passos eram quatro passos para a direita, (nas partes da música “escravos de Jó, jogava caxangá”), um

Foto 32 – Dança “escravos de Jó”



Fonte: Arquivo pessoal 2019.

Foto 31 – Jogo do pega com explosão



Fonte: Arquivo pessoal 2019.

passo para trás (na parte da música “tira”), um passo para frente (na parte da música “bota”), um intervalo parado (na parte da música “deixa ficar”), e mais dois passos para a direita (na parte da música “guerreiros com guerreiros”) e depois direita, esquerda e direita novamente (na parte da música “fazem ziguezigue zá”). E assim fizemos com todos os grupos em uma variação de ritmo normal e lenta, mas cada grupo repetiu três vezes para poder conseguir decorar as sequências dos passos, um desses grupos está demonstrado na *Foto 32*. Esses passos foram

inspirados em um vídeo na internet, só que eles faziam com as mãos e com copos e eu adaptei para serem feitos com o corpo. Por fim afastamos as

cadeiras um pouco para que todos pudessem participar da grande roda e tentar fazer o jogo coreográfico com a música. As sequências com grupos menores serviram para treino para a grande roda e mesmo assim repetimos três vezes para poder ter um pouco de sincronia.

Depois sentaram-se todos e perguntei sobre a aula/oficina, eles relataram que gostaram muito e que poderiam fazer esse jogo também em suas brincadeiras nos recreios. Então, despedi-me da sala cantando “a música do mosquitinho”, pois ainda estavam eufóricos devido ao exercício com a sala toda e precisavam se acalmar para eu poder entregá-los à professora de sala. Despedi-me e a professora assumiu a sala.

As atividades desse dia reforçaram o trabalho coletivo, trabalharam a coordenação motora, reforçaram a conscientização corporal dos impulsos e seguiram as regras do jogo. Essas habilidades são importantes para o crescimento intelectual, conhecimento de si mesmo e em seu grupo, facilitam também a liberação da criatividade e aumentam seu desempenho de forma prazerosa.

No dia 2 de dezembro de 2019, foi feita a nona aula/oficina na sala do Primeiro Ano da Escola Índio Piragibe. O plano dessa aula está registrado no Apêndice 9. A cantiga de brincar escolhida para essa aula/oficina foi “Atirei o pau no gato” e o jogo teatral, o de ficha A 72 “sílabas cantadas”. Primeiro falei sobre a cantiga e perguntei se conheciam e todos responderam que sim. Continuei a atividade explicando o jogo, em que um educando é escolhido para sair da sala enquanto a sala se divide em dois grupos para cantar, na melodia da cantiga “atirei o pau no gato”, uma palavra simples e dividida em duas sílabas. Então, demos início ao jogo cantando a música “atirei o pau no gato”, mas ainda todos em sala, pois eles precisavam entender como funcionava. Então sugeri uma palavra para que treinássemos, e a palavra escolhida foi a palavra “bolo”. Cantamos a sílaba “bo” na melodia do “atirei o pau no gato” e em seguida o “lo” do mesmo jeito da primeira sílaba. Fiz a divisão da sala meio a meio: uma metade iria cantar agora o “bo” e a outra o “lo”, todos ao mesmo tempo, e assim foi feito e eles conseguiram entender o jogo. A explicação e o dar exemplos, sempre é parte fundamental para que o educando, nessa fase, possa desenvolver-se, pois ao fazer imitando ele desenvolve suas habilidades próprias. Então, é fundamental essa parte explicativa e de exemplo, para se ter êxito em alcançar o objetivo da aula e do conteúdo que se está ensinando. Depois do treino, começamos o jogo propriamente dito, com um educando saindo da sala e eu falava a palavra para quem ficava. Da mesma forma se dividia a palavra, uma parte da sala cantava uma sílaba e a outra parte da sala a sílaba final da palavra. Fizemos várias palavras de duas sílabas, começadas com consoantes, desde a consoante *b* até a *z*. O jogo foi feito com todas as consoantes, menos *y*, *w* e *k*, pois geralmente palavras em português que começam

com essas letras são nomes próprios, e para facilitar foram utilizadas palavras simples de objetos ou animais de duas sílabas. Como são várias as consoantes, todos da sala puderam ser a pessoa que saía. E assim foi feito e a aula/oficina durou as duas aulas de arte sem problemas e sem precisar de acréscimo de atividades extras, pois esta é bem demorada. Mas, devido a eles estarem sempre cantando sílabas diferentes, eles não dispersam e ficam sempre atentos. Eles relataram que gostaram muito. Perguntei por que gostaram, e eles responderam que era bom para aprenderem a falar e a entender as palavras, que seria bom para suas leituras. Me despedi da turma e saí, então a professora de sala assumiu.

Esse jogo poderia ser trabalho com qualquer melodia de outra cantiga, mas escolhi a “atirei o pau no gato” justamente por causa do jogo ser “sílabas cantadas”, e como na própria cantiga já vem toda compassada e com sugestões de repetições de sílabas foi que veio a ideia da escolha dessa cantiga.

No dia 9 de dezembro de 2019, foi feita a décima e última aula/oficina na sala do Primeiro Ano da Escola Índio Piragibe. O plano dessa aula está registrado no Apêndice 10. A cantiga escolhida foi “O Cravo e a Rosa” e o jogo teatral foi o de ficha A 76 “construindo uma história”. Comecei falando sobre a cantiga, perguntei se conheciam e todos disseram que sim. Depois, expliquei que o jogo que faríamos era construir a história da cantiga. Então comecei a perguntar como era a história, quem eram os personagens, o que eles faziam e onde estavam. Eles iam respondendo a cada pergunta de forma esperada. Disseram que os personagens eram o Cravo e a Rosa, que eles brigavam, se machucavam, desmaiavam e estavam embaixo de uma sacada.

Com essas respostas, pude explicar que nessa história trabalharíamos os três elementos da estrutura dramática que a autora dos jogos teatrais, Viola Spolin, propõe, que são “Quem”, “O quê” e “O onde”. Três conceitos principais para os jogos teatrais, essenciais para entendimento de quem está jogando e/ou fazendo teatro em sala de aula ou em teatro propriamente dito. E para aumentar o desafio sugeri que criássemos uma história em conjunto a partir daquela cantiga e dos relatos deles. E foi feito igual à outra escola, fui sugerindo algumas situações para que eles pudessem ir desenvolvendo a história. Então, sugeri que os personagens o Cravo e a Rosa começavam o dia em suas casas com seus pais, e a partir daí eles continuaram a história. Que ficou muito parecida com a da outra escola porque eu os conduzia em algumas situações de ligação da história, com perguntas como: onde eles estavam? o que estavam fazendo? e iam para onde? Então eles sugeriram que eles comeriam juntos, também fossem para a escola, a professora os recebia, e que na escola também brincariam e estudariam juntos, até que acontecia o desentendimento em relação à tarefa de

classe (que é a parte da cantiga que diz “o cravo brigou com a rosa”, “o cravo saiu ferido e a rosa despedaçada”). Então, depois da briga os pais foram chamados à escola, levaram seus filhos para casa. A história continua com o Cravo ficando doente, os pais levam para o hospital, onde é atendido pelo médico; a Rosa vai visitar, daí segue a música onde “o Cravo teve um desmaio e a Rosa põe se a chorar”. Conversamos novamente sobre a história e perceberam que tinham colocado mais personagens, mais ações e mais locais onde desenvolviam as cenas. Com essa construção coletiva, foi reforçado que eles conseguem fazer outras histórias sozinhos se desejarem. A partir daqui, eles estão aptos a construir outras histórias sozinhos, em grupo, pois já entendem o mecanismo e a técnica.

Construída então a história, passamos para a parte de encenação. Tivemos dois grupos apresentando a história, pois agora seriam necessários nove intérpretes. Os personagens eram os pais do Cravo e a Rosa, somando quatro intérpretes, mais dois intérpretes para os personagens principais, o professor, o diretor e o médico, somando mais três intérpretes, totalizando nove integrantes. Foram feitas as cenas com muita empolgação e euforia. Todos os que estavam participando e assistindo me transpareceram com muita alegria e diversão. Alguns momentos da encenação estão registrados nas *Fotos 33, 34, 35 e 36*.

Fotos - 33 - Cena indo para a escola; 34 – Cravo brigando com a Rosa; 35 – Cravo no hospital; 36 – Rosa pôs-se a chorar



Enfim, todos voltaram aos seus lugares e conversamos sobre o que eles tinham feito. Eles responderam que fizeram uma peça de teatro e que também conseguiram criar uma história em conjunto com seus colegas. Reforcei que eram exatamente essas as intenções do teatro: criar, construir e apresentar histórias, sejam fictícias ou parecidas com a vida real. Acrescentei que as peças são representações de ações de personagens em um tempo e em um local e que querem comunicar algo para seu público, que o teatro pode acontecer em uma escola e em uma sala de aula também. Ressaltei também que podem exercitar essa forma de arte em conjunto com seus amigos e apresentar para a sala e até para a escola, mas o mais importante é vivenciar e ver também os colegas vivenciando essas atividades, pois assim aprendemos uns com os outros.

Como esta aula era a última e por coincidência eram os últimos dias de aula na escola para essa turma, pois iriam começar as férias, não foi possível passar o vídeo com as fotos deles. A professora de sala estava fechando avaliações deles e também eram as festas de despedidas e infelizmente não pude me deter ficando mais tempo nesse dia. Ficando marcado para eu mostrar o vídeo quando retornassem as aulas.

7 APLAUSOS: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

Para analisar os dados desta pesquisa, é importante pensar nas questões: os participantes da pesquisa; o ambiente em que foi desenvolvida; a participação dos educandos nas atividades; o auxílio da professora de artes da escola e cuidadora; o conhecimento prévio dos educandos sobre as cantigas; sobre os vídeos utilizados; e os objetivos da pesquisa alcançados através da percepção que os educandos e a professora tiveram durante o processo de aulas/oficinas.

Em relação à frequência dos educandos, temos um pouco de diferença, pois na primeira escola, a EMEF David Trindade, há mais educandos frequentando que na segunda escola, a EMEF Índio Piragibe. Mas isso não influenciou muito, pois a diferença era um número baixo. Por isso, não foi preciso fazer modificação no tempo da atividade devido à quantidade, pois consegui desenvolver as mesmas atividades em ambas escolas. Mas, se esse trabalho for utilizado depois, em outras instituições escolares, é preciso ver a questão da quantidade de educandos, pois nesta pesquisa, os planos de aula foram desenvolvidos para serem trabalhados com 25 a 30 educandos, em um tempo de duas horas/aula. Se o número de educandos for inferior a esse, provavelmente sobrar tempo, e se o número for superior, faltará tempo para concluir as atividades com todos.

Em relação ao gênero, tivemos na primeira escola, na David Trindade, mais educandos meninos e na segunda escola, a Índio Piragibe, mais educandas meninas. Essa questão também não alterou o resultado dos objetivos; porém, em alguns casos, viam-se mais agilidades por parte dos meninos e mais estratégias por parte das meninas.

Em relação à faixa etária, nas duas escolas a maioria dos educandos completou sete anos no ano de 2019. Esses informes, dos educandos, são importantes para sabermos com qual estágio de desenvolvimento da criança se está lidando, que é o estágio do personalismo (de 3 a 6 anos), e principalmente o categorial (de 6 a 11 anos), ambos estágios de desenvolvimento da criança defendidos no livro “Henri Wallon: Psicologia e Educação” (2012) já citados nessa dissertação no capítulo três. Fazendo-nos perceber que eles estavam mais experientes nas suas funções motoras, cognitivas e emocionais para receber os estímulos das atividades dos jogos e cantigas, que sugeriam trabalhar essas habilidades. Em alguns momentos, muitos ainda estavam no estágio “personalismo”, pois faziam as atividades utilizando a sedução, quando demonstram suas habilidades para os outros colegas, e a

imitação, quando olhavam para os colegas e repetiam os movimentos destes. Lembrando que essa imitação faz parte da formação de sua personalidade, pois ao imitar conseguem abarcar mais vivências e depois escolher as que querem para sua personalidade. No “estágio categorial” elas desenvolvem mais suas funções sensoriais, motoras, afetivas e intelectuais. Por isso, em vários momentos das aulas/oficinas se percebia esse posicionamento físico e intelectual mais apurado e concreto diante dos outros em uma atividade que estavam desenvolvendo, como exemplo, o domínio de criar sem se espelhar em ninguém, fazendo suas relações do pensamento com o movimento que desejava.

Em relação ao espaço, a opção por utilizar somente a sala de aula foi proposital, pois eu queria perceber se as atividades práticas seriam capazes de acontecer nesse espaço pré-determinado, visto que, se essa pesquisa chegar a outros professores, que por acaso só tenham esse espaço de sala para trabalhar, não seja um empecilho para fazê-lo. Mesmo nesse espaço, as aulas/oficinas foram bem proveitosas, sem nenhum problema, pois eu chamava para participar das atividades em grupos, de até no máximo seis a sete educandos por grupo. Essa quantidade de educandos por grupos, foi satisfatória para as movimentações deles, no espaço que havia entre as carteiras dos educandos e o quadro escolar. Portanto, não foi preciso modificar o formato das cadeiras e carteiras já utilizadas pela escola, que é o formato das carteiras e cadeiras em filas paralelas.

Sobre as professoras de arte em sala de aula, elas estavam presentes em todas as aulas/oficinas, pois era o horário de aula destas naquela sala. Foi de extrema importância para mim e também uma ajuda na ligação com os educandos, pois como eu não era professora deles, poderia levar mais tempo para se concentrarem ou atender os comandos, visto que os educandos acabam criando um vínculo com quem está com eles desde o começo do ano. E mesmo as atividades sendo atrativas, poderiam achar que era hora somente de brincar e não levar em questão o momento educativo. Por mais que entendamos que o lúdico é educativo, e que eles se envolvem mesmo, sem o vínculo com o professor poderia não ser tão proveitoso. Elas, as professoras, apresentaram-me as turmas, ficaram conosco todos os dez encontros em sala, sempre estavam dispostas a auxiliar quando algum educando precisasse de algo pessoal ou na atividade e também foram as pessoas que fotografavam a experiência, pois só estavam nós duas de professoras na sala, e como eu estava orientando a atividade não conseguia fazer os registros. Outra pessoa importante nesse processo foi a cuidadora do educando autista, pois ela sempre se dispôs a ajudar e até participar dos jogos a fim de estimular o educando em seu desenvolvimento e envolvimento com a turma. A função do cuidador já está dizendo, é para cuidar, não precisaria participar ou fazer as atividades, no entanto a cuidadora foi além de sua

função, dando o máximo de si para que o educando aprendesse novos conteúdos e tivesse novas vivências importantes para o seu desenvolvimento. Sem a sua participação não saberia dizer se o educando se envolveria tanto. Então, agradeço e homenageio seu trabalho junto a esta pesquisa.

Sobre a participação dos educandos nas atividades, sempre havia a adesão da maioria. Algumas vezes, ficavam de dois a três educandos sem querer participar do jogo teatral, mas sempre participavam cantando ou dando opiniões sobre a participação dos colegas na prática. Isso também mudava de acordo com o dia, nem sempre eram os mesmos que não queriam participar. Uns não se agradaram do exercício específico e/ou outros tinham vergonha de ir a frente. Quando eu perguntava por que eles não queriam participar, só respondiam que não queriam e às vezes só não queriam ser os primeiros. Mas, no geral, as atividades foram bem aceitas pelos educandos e estavam sempre dispostos a participar. Como Viola Spolin (1987) coloca, é na espontaneidade que fazemos as descobertas da experiência criativa, e isso realmente aconteceu na prática, nas participações deles, pois estavam bem focados e envolvidos nos jogos, concluindo bons resultados ao final das aulas/oficinas.

Sobre as cantigas, a maioria dos educandos as conhecia, só um número mínimo não conhecia algumas, mas quando percebia isso eu trabalhava por etapas da cantiga até todos aprenderem. Os educandos conheciam as cantigas através das mídias, através da família e de atividades na escola com as professoras de sala, pois essa informação foi confirmada nas falas dos educandos. Houve uma vez, na quarta aula/oficina, a variação de uma letra da música de uma das cantigas, que foi a do “sapo cururu”, pois por questões culturais tinha sido alterada com o passar do tempo, mas não houve problemas, pois logo propus a troca, sendo eles a me ensinarem qual a forma que eles conheciam. Assim eu trabalharia a partir do conhecimento prévio deles, como é sugerido em toda a proposta, quando parto da cantiga de brincar como forma de sensibilização para os novos conhecimentos em Artes Cênicas.

As cantigas de brincar, nesta pesquisa, foram utilizadas como recurso de sensibilização para introduzir conteúdos básicos de Artes Cênicas. Mas elas não deixam de ser conteúdos em si, pois são sugeridas na BNCC e Propostas Curriculares Municipal e Estadual dentro do conteúdo relacionado à cultura popular, porém, não como sugestão de vincular conteúdos como foi trabalhado nesta proposta, mas de forma separada. O aprofundamento nos conteúdos vinculados às cantigas como estudo de letra, estudo de melodia, elementos da música e sua ligação com temas transversais não foram possíveis de ver nas aulas/oficinas, pois para isso teríamos que ter mais tempo em sala de aula, como também não é a minha área de conhecimento. E me adentrar mais a esses conteúdos sobre as

cantigas poderia invadir áreas que não domino e isso seria de extrema preocupação na aprendizagem dos educandos além de não defender a polivalência do ensino de Artes.

Sobre os vídeos das cantigas trabalhados em algumas aulas/oficinas, estes ficam sendo como mais um apoio didático. Esse apoio sempre é sugerido no livro de arte, para reforço de vivências, a partir da apreciação das artes, como sugerem o PCN de Artes (1997), a BNCC (2018) e as Propostas curriculares do Município (2004) e do Estado (2019), na questão do fazer, apreciar e refletir sobre arte para desenvolvimento do ser humano no meio social como citado no capítulo dois. Então, sempre que os exercícios práticos eram concluídos antes de terminar as duas horas/aula eu propunha os vídeos como mais um material didático sobre o conteúdo.

Em relação aos objetivos alcançados nas aulas/oficinas, que era o entendimento e desenvoltura dos participantes, para saber se os planos funcionavam, descreverei sobre cada encontro no texto abaixo. E esta análise foi baseada no texto do capítulo seis sobre a descrição da experiência. Relembrando a estrutura das aulas/oficinas, as mesmas eram compostas com parte teórica e parte prática, que se interligavam ao longo de toda a aula. Na parte teórica há a explicação, o diálogo e avaliações coletivas. A parte prática vai desde o cantar até a parte física com os jogos aplicados.

No primeiro encontro, nas Escolas David Trindade e Índio Piragibe, com o exercício de percepção do corpo, consciência corporal e movimentos corporais, foi percebido que os educandos puderam sentir seus corpos, utilizando movimentos corporais de acordo com o que era solicitado e depois associa-lo à cantiga. Trabalharam com espontaneidade, como sugere Viola Spolin (1987) citada no capítulo cinco, pois seguiam fazendo com foco o que se orientavam, seguiam a minha instrução, sem deixar de se divertir e interagir. Esses exercícios dialogam com conteúdo que estão nos documentos citados no capítulo três como PCN de Arte (1997), BNCC (2018), Proposta Curricular do Município de João Pessoa (2004) e a Estadual (2019), com sugestões de vivências em artes como teatro e dança.

Os educandos puderam associar, através de falas na avaliação coletiva, que os exercícios serviam também para ter mais atenção. Poucos educandos não quiseram participar da atividade prática, tanto na primeira escola quanto na segunda, preferiram somente fazer o exercício mental de percepção do corpo e o cantar, ambas as atividades sentadas. Mesmo não participando do restante do exercício, da parte do jogo, acredito que a participação na primeira parte seja também muito importante para o desenvolvimento cognitivo, de acordo com os estágios de desenvolvimento que se encontram. Na Escola David Trindade, foram dois educandos e na Índio Piragibe três educandos que não quiseram participar do restante da

prática nesse dia, preferiram só observar. Acredito que por uma questão de timidez e também por ser a primeira atividade naquelas salas.

No segundo encontro, nas duas escolas, foi feito o jogo tradicional “passarás”. Mas, antes foi sugerido um momento de percepção, de ouvir os sons do ambiente de olhos fechados. Esse exercício trabalha a questão da atenção e o foco no ambiente, além de despertar nos educandos uma sensibilidade para tal exercício de forma diária. Todos os educandos fizeram o exercício com muito respeito. Percebi o envolvimento deles, pois as respostas que deram sobre os sons eram condizentes com o que estava acontecendo ao redor.

Na parte prática física, foi pedida uma caminhada ao acaso, andar em linhas retas, curvas e em ziguezague, trabalhando assim a coordenação motora e também a cognição, pois dessa forma associam a linha de forma mental ao movimento corporal. A surpresa foi que tiveram mais facilidade em andar em ziguezague do que em retas e curvas, pois na linha reta eles se utilizavam de suportes como as linhas de cerâmica da sala, e na curva eles repetiam o colega da frente. No caminhar em ziguezague fizeram livres e independentes, pois estavam mais seguros de si e do que faziam, estavam criando suas próprias experiências, pois não tinha suporte extra para fazê-lo como a cerâmica ou o colega da frente, deixando claro que eles precisaram ousar mais em sua experiência corporal e com isso desenvolvendo essa habilidade.

Passando para o jogo em si, o de “Passarás”, foi bem proveitoso o exercício. Viam-se expressões de felicidade, contentamento e empolgação em participar. Isso contempla a aprendizagem a partir do lúdico, pois puderam se expressar, experimentar e atribuir sentido dessas vivências às suas vidas, como cita Braga (2017) no capítulo quatro. Com essa vivência, podem ser trabalhadas no educando as questões de ritmo, movimentos corporais e principalmente a questão da afetividade, pois havia muita cumplicidade de uns com os outros. Percebia-se muita parceria ao jogar, muita aceitação, abertura para a experiência, de forma prazerosa e com espontaneidade, e assim fortalecendo a coletividade nesse processo.

No terceiro encontro, a cantiga trabalhada foi a “Samba lê lê”. Os educandos a conheciam devido as mídias, então não tiveram nenhuma dificuldade em cantá-la. Antes de cantar a música do dia fiz perguntas sobre as aulas anteriores, isso é necessário para que consigam fazer a ligação dos conteúdos, mesmo sendo aulas/oficinas independentes, mas estão sempre dentro de um conjunto.

Na parte prática física tivemos primeiro a caminhada ao acaso. Os educandos deviam caminhar em grupos de acordo com os números que eu ia falando até chegar a dois. O dois é o número sugerido no Fichário de Spolin (2014) para fazer o “jogo do espelho”. Percebi a dificuldade logo na primeira escola, na David Trindade, pois eles não andavam juntos com o

número determinado. Não tinham ainda o total conhecimento dos números, acredito que por não terem trabalhado muito esse conteúdo na escola, pois estão ainda na primeira série escolar. Percebi também que tinham vergonha em andar juntos e isso foi mais um agravante em não concluir o exercício da forma que era esperada. Devido a essa percepção, fiz modificações nesse exercício para a outra escola. Poderia optar também por ensinar os números que iríamos trabalhar naquele exercício, como também fazer exemplos, isso ajuda na compreensão e no bom desempenho, pois a aprendizagem se associa a conhecimentos pré-existentes, mas como fiquei preocupada com o tempo da aula, optei pela modificação no exercício de caminhada ao acaso.

Então, na segunda escola, a Índio Piragibe, propus na caminhada ao acaso que cumprimentassem uns aos outros com várias partes do corpo. Com essa modificação o entendimento foi alcançado, e o desenvolvimento da atividade foi cumprida. No exercício da caminhada ao acaso ainda, foi possível perceber que os educandos começam a explorar todo o espaço cênico determinado nas aulas/oficinas, que é entre as carteiras e quadro, pois eles não andam mais em círculos e sim por todo o espaço determinado, explorando os cantos e o meio.

Em relação ao jogo do espelho, foi muito proveitoso, porém nem todos conseguiam reproduzir os movimentos dos colegas instantaneamente, porque a questão da coordenação motora ainda está em desenvolvimento e por isso a percepção é diferente dos estágios mais adiantados. Mas o desempenho e concentração foram bem trabalhados, não se dispersaram em nenhum momento do exercício. Exploraram os movimentos corporais com bastante desenvoltura, trabalharam as articulações do corpo todo. Poucos tentaram acelerar os movimentos para que o colega não conseguisse imitá-lo instantaneamente, mas utilizei da “instrução”, como sugere Viola Spolin (1987) citada no capítulo cinco. A “instrução” foi dada sem citar nomes, para que eles percebessem que estavam quebrando a regra do jogo, e com isso foi o necessário para voltarem ao foco.

Na avaliação houve um relato de uma educanda que disse estar conversando com a família sobre as aulas, este sendo um relato muito valioso para a pesquisa, pois deixa claro que alguns levam esses conteúdos e experiências para além da sala de aula, proporcionando um maior vínculo familiar.

No quarto encontro, a cantiga trabalhada foi a “sapo cururu” e o jogo teatral o “tornar visível o invisível”. Esse jogo está mais próximo de um dos pontos importantes do trabalho de Spolin, que é sobre “o que” estão fazendo. Na Escola David Trindade, os educandos conseguiram visualizar e manipular o objeto invisível. A surpresa foi que conseguiram manipular, com mais precisão, a bola pequena e tiveram algumas dificuldades em

transparecer fisicamente quando estavam manipulando o objeto pesado e o leve. No pular corda, os educandos tiveram dificuldades em sincronizar de quem pulava com quem bombeava, principalmente quando o ritmo era o rápido.

Essa falta de sincronia no pular mais rápido se dá pelo fato de eles ainda estarem em estágio de desenvolvimento da coordenação motora, como também porque é um exercício que requer treino para se tornar o mais realista possível. No ritmo normal, eles conseguiam fazer fisicamente em sincronia, trabalhando aí melhor a percepção e o raciocínio lógico ligado ao movimento. Relataram no final a importância da atenção para não errarem o exercício.

Na Escola Índio Piragibe, os educandos manipularam os objetos com mais detalhe, mais precisão nos movimentos físicos, como também o pular corda com mais sincronia. Isso nos traz a questão de que, se utilizado, esse plano em diferentes lugares poderá haver diferentes resultados, pois estamos lidando com pessoas, e estas são diferentes, cada um com seu histórico social diferente, com estímulos diferentes e aprendizagens diversas.

Percebi também nesse exercício, que os educandos que mais conseguiram sincronizar no jogo do pular corda eram educandos com sete anos ou mais, e nesse estágio que eles se encontram, que é o do categorial, o sensorio motor está mais desenvolvido.

Nesta atividade, participou também o educando autista. Ele participou manipulando os objetos, com a ajuda da cuidadora, e ao passar os objetos invisíveis para os colegas, estes recebiam com muita paciência e apoio à sua desenvoltura. A Proposta Curricular do Estado (2019) traz sete dimensões sobre experiências humanas que os educandos podem desenvolver ao longo de sua vida e principalmente nesse período escolar, como citado no capítulo três desta dissertação. Uma dessas dimensões servirá para enaltecer esse momento de participação do educando autista, que é a dimensão relacional.

Essa dimensão está em um contexto da inclusão e da diversidade. Com ela, estarão pautadas coisas como respeito ao outro, aos seus limites, seu tempo de aprendizagem e as suas diferenças. Portanto sendo de extrema importância essa dimensão ter sido incorporada na Proposta Curricular do Estado (2019), pois na BNCC (2018) não a tinha. Isso faz com que olhemos com mais cuidado, atenção e sensibilidade para propor atividades que acolham todos.

No quinto encontro, o jogo era fiscalizar objetos ou animais fazendo “parte do todo” e a cantiga foi a “Barata mentirosa”. Nesse jogo, trabalha-se outro elemento importante nos exercícios de Spolin (2014), que é “o quem” está representando, explicado no capítulo cinco. No primeiro momento precisei sugerir uma caminhada ao acaso, imitando elementos da natureza, animais do ar, da terra, e da água para depois chegar a fiscalização da baratinha,

personagem principal da cantiga, pois, precisavam vivenciar experiências corporais para se chegar ao entendimento de como fazer “parte do todo”. Percebi que foi muito subjetivo o exercício, pois tiveram dificuldades em representar como se fosse um animal só, geralmente seguiam imitando o primeiro grupo em gestos e caminhada.

O primeiro grupo, sempre são aqueles que pedem para participar primeiro, com bastante abertura para conhecer coisas novas. Então, percebendo essa dificuldade da maioria, adaptei o exercício, e com a nova adaptação foi melhor o resultado. A adaptação era, quando eles chegassem na “parte do todo”, eu ia orientando quem fazia cada parte do corpo do animal, dividindo entre cabeça, tronco e membros. Na segunda escola, nessa aula/oficina, conseguimos fazer os dois horários de aula somente com atividades de Artes cênicas, ajustando assim os planos como era prioridade. Com esse desenvolvimento dos educandos e as adaptações para que eles compreendam melhor os exercícios, percebo que eles continuam se desenvolvendo e compreendendo cada vez mais e melhor a linguagem das Artes Cênicas. Consigo ver em suas opiniões e nas desenvolturas corporais maior expressividade e propriedade em relação ao conteúdo.

No sexto encontro, o jogo era “identificação dos objetos” e a cantiga “O pião”. Trabalhando nesse exercício também “o quem”, pois este está representado quando fazem o próprio pião. Nessa atividade, trabalham-se conteúdos como formas, texturas e cores diferentes, como também o sensorial, a percepção, e a criatividade, pois na identificação de objetos tinham que estar de olhos fechados. Todos os que participaram levaram muito a sério, não abriram os olhos em nenhum momento. A criatividade é trabalhada também quando imaginavam as cores dos objetos que iam identificando, sem ter visto, simplesmente pelo toque. Foi bem satisfatória a participação dos educandos, principalmente, quando jogaram com a cantiga e imitaram o pião. Nesta parte da dança do pião, as expressões eram de muita felicidade. Na segunda escola, a Índio Piragibe, aconteceu o mesmo envolvimento e felicidade. Nessa atividade, houve a participação também do educando autista e percebi que os colegas o acolhem muito bem, sendo assim o correto em uma inclusão verdadeira. Lembrando que os autistas têm dificuldades em fazer coisas novas e interagirem com pessoas que não estão acostumadas, mas como a turma é a dele desde o começo do ano e a cuidadora está sempre perto o apoiando, ele consegue participar normalmente das atividades sugeridas por este plano.

Na avaliação, trabalhamos a questão da memória coletiva, lembrando de todos os objetos que foram identificados no exercício. Relataram que gostaram muito, principalmente na parte da cantiga, pois era legal a brincadeira. Esse depoimento reforça o que Farias (2013,

p.10) traz sobre as cantigas citadas no capítulo quatro, que “[...] elas são mecanismos para a socialização e que através dessas vivências a criança pode construir aprendizados para toda a vida [...]”. Essa aula/oficina foi uma das que mais tiveram atenção, foco e concentração de quem estava jogando e de quem estava assistindo.

No sétimo encontro, a cantiga foi “marcha soldado” e o jogo teatral foi “três mocinhos da Europa”. Nessa aula/oficina, é trabalhado também “o quem” está representando, pois também tem um personagem principal na letra da cantiga. A parte cantada veio junto às interpretações físicas da história da música, para que entendessem o interpretar de profissões depois. Trabalhar a música aqui, dessa forma, incorporando as ações e personagens é uma das questões mais importantes dessa sequência da aula, pois esta fará parte de uma incorporação de novos conhecimentos em relação aos conteúdos de Artes Cênicas para as crianças. Como diz Silva (2016, p.20) no capítulo quatro, a “[...] música contribui para o desenvolvimento integral da criança, nas funções cognitivas, linguísticas, psicomotoras, afetivas e no social [...]”. Elas foram partes essenciais para introdução dos conteúdos de Artes Cênicas nestas salas do Primeiro Ano, foi o elo entre o conhecimento prévio e os novos conteúdos.

As sugestões das profissões a serem interpretadas neste sétimo aula/oficina foram minhas e dos educandos. Nas que sugeri, optei por profissões artísticas, e eles sugeriram algumas que conheciam no seu dia a dia. Na Escola David Trindade, os educandos começaram a interpretar profissões artísticas, utilizando expressões corporais e manipulando objetos invisíveis, assim como fazem os profissionais em seu dia a dia. Em seguida, interpretaram as profissões que eles mesmos sugeriram. Percebi que eles faziam com mais precisão as expressões corporais nas profissões que eles deram exemplos, confirmando aqui que o conhecimento prévio sobre algum conteúdo é muito importante para adquirir um novo. Então, para alcançar mais os objetivos, em ir além do conhecimento prévio deles, na Escola Índio Piragibe, precisei dar uma aula expositiva antes sobre as profissões artísticas. Com isso, eles conseguiram não só imitar as profissões dos seus cotidianos como também as que eu tinha proposto. Ficaram muito atentos ao exercício, com bastante foco e aceitação. Relembrou fisicamente o exercício do “tornar visível o invisível”, quando manipularam objetos que os profissionais trabalhavam. Alcançamos os objetivos nessa aula/oficina, que é o de trabalhar as expressões corporais, compreender o jogo e seus comandos e desenvolver mais a linguagem cênica.

No oitavo encontro, a cantiga foi “Escravos de Jó” e o jogo teatral foi o “pegando o pegador com explosão e câmera lenta”. Antes do jogo e cantiga foi feita uma conversa relembando quais atividades foram trabalhadas até ali. Essa parte foi importante como

sondagem, avaliação e sensibilização para darmos continuidade a pesquisa. Na conversa, os educandos perceberam que as atividades são coletivas, e com essa percepção deles pude aproveitar para fazer a ligação com mais conteúdo da linguagem cênica. Relembrei que as Artes cênicas sempre são coletivas, mesmo que tenha um só artista em palco, mesmo assim precisa dos que estão assistindo para acontecer o espetáculo. Fizeram comentários também sobre o teatro ser arte, e não só artes visuais como estavam acostumados a ver na escola. Esse comentário veio após eles lembrarem que antes trabalhavam dança e música na escola só em projetos e não como aula. Esse acesso às áreas das artes deveria ser garantido em todas as escolas, visto que são orientações de documentos já citados nessa pesquisa no capítulo três como o PCN de Arte (1987), a BNCC (2018), e as Propostas Curriculares Municipal (2004) e Estadual (2019). Esses documentos propõem que o teatro esteja dentro do processo de formação da criança, pois isso garante que se apropriem criticamente e construtivamente de conteúdos sociais e culturais. Nessa conversa com os educandos, debateu-se também sobre espaço cênico, palco e plateia, estes também conteúdos que estão diretamente ligados às atividades das aulas/oficinas.

No jogo de “pegando o pegador” puderam trabalhar coordenação motora, livre expressão, consciência corporal, jogo tradicional, ritmos, impulsos e reforço das regras em atividades como estas. Na hora em que estavam jogando, percebi que os meninos foram mais ágeis em pegar os colegas e as meninas mais estrategistas, pois paravam e observavam o movimento dos colegas para conseguir pegá-los. Todos participaram, e na avaliação relataram que podem estar levando esse jogo para seus recreios também. Nessa fase das aulas/oficinas nas escolas percebo mais entrosamento da sala em desenvolver as atividades, mais liberdade em produzir, menos inibição. Isso tudo se torna muito favorável para dar sequência às aulas de Artes Cênicas, pois agora os educandos começam a se familiarizar com os conteúdos e tendo mais conhecimento sobre a linguagem cênica, sendo esse um dos objetivos do plano de aula desta pesquisa. O PCN de Arte (1997) também reforça isso, como foi citado no capítulo três, que a aprendizagem do educando nas questões artísticas e estéticas sejam um processo contínuo, e que esse processo de domínio do conhecimento seja cada vez mais complexo com o passar dos anos no ambiente escolar.

No nono encontro, a cantiga foi “Atirei o pau no gato” e o jogo “sílabas cantadas”. A escolha da cantiga é devida à música já ter algumas divisões silábicas na canção. Lembrando que não defendo uma letra de música que incentiva a violência de animais, mas optei por trabalhar em sua forma advinda da cultura popular por conta do conhecimento prévio dos educandos e também, se fosse me deter a trabalhar mais conteúdos, poderia ultrapassar as

duas horas/aulas determinadas para Arte. Mas com certeza é importante também trabalhar essas questões vinculadas a cultura de violência que está subtendido em algumas letras de cantigas populares a fim de desconstruir esse tipo de incentivo.

No exercício trabalhamos com vocabulário, sons, ritmo, percepção, coletividade, sensorial, comunicação oral e atenção. Antes de entrar na questão do exercício dessa aula/oficina queria deixar uma sugestão que aprendi nessa prática pedagógica. A sugestão é que, a partir dessa aula/oficina, uma das coisas mais importantes para uma aula funcionar como desejado é acontecer a explicação do conteúdo antes do exercício, assim também como exemplificar a parte prática, para que eles associem a explicação à parte que vão desenvolver. Isso é um pré-requisito para um bom desenvolvimento de uma aula.

Ao começar o exercício, tive insegurança de que eles dispersassem ao longo da aula, pois no desenvolver do jogo eles estariam sentados todo o tempo, sem escrever ou movimentar, exceto o educando que sairia da sala e que iria adivinhar a palavra que os colegas estariam cantando. Mas, a música, a variação dos sons silábicos, a repetição e a vontade de ver o colega acertando os mantiveram bem concentrados durante as duas aulas inteiras. Na avaliação deles, comentaram que esse exercício os ajudava na fala, no entendimento das palavras e que seria bom para suas leituras. E realmente é fundamental na sua aprendizagem, pois trabalhando oralidade os educandos conseguem perceber os sons e associá-los à forma escrita, visto que estão começando a ler e escrever na escola. Essa percepção passa pelos sentidos, trabalhando com a memória auditiva. Trabalhar todos os sentidos é de extrema importância para um bom desempenho escolar.

No décimo encontro, a cantiga foi “o Cravo e a Rosa” e o jogo teatral foi o “construindo uma história”. Nessa atividade foi possível ver os três princípios da estrutura dramática vista nos jogos teatrais, que é “o quê; o onde e o quem”, pois na história toda da música e na que eles construíram estão incluídos esses três elementos. A participação na construção da história foi satisfatória, pois foi feita coletivamente, usaram a criatividade a partir das minhas perguntas, caracterizando assim uma aula dialogada. Gostaram muito também da participação das cenas e dos resultados que viram do trabalho dos colegas. Na Escola David Trindade uma educanda disse que essa era uma boa forma de desenvolver a comunicação. Na Escola Índio Piragibe, eles relataram que conseguiram criar uma história coletivamente. Os objetivos foram alcançados, pois desenvolveram criatividade ao construir histórias, melhoraram suas expressões corporais com a prática, montaram as cenas de uma história, ensaiaram através dos jogos e cenas, e apresentaram-se uns para os outros durante todo o processo.

A BNCC (2018), traz a questão de que o teatro tem como função uma experiência multifuncional, em que se trabalham os processos de criação baseados na coletividade, nos jogos, nas improvisações, nas encenações e na interação do atuante com o espectador. Então, ficam trabalhados aqui, nesse processo todo, muitos conteúdos, desenvolvimento de habilidades na área cênica, e uma possibilidade de ampliação para mais ensino desta área nestas duas escolas.

8 CRÍTICA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é o resultado de um processo de planejamento, aplicação e análise de aulas de Artes Cênicas em duas Escolas do Município de João Pessoa, distribuídos em oito capítulos. Os títulos dos capítulos fazem analogias ao processo de montagem de um espetáculo, desde o abrir das cortinas até a crítica, com subtítulos sobre currículo e metodologias do ensino de Artes Cênicas e trajetória da pesquisa.

O primeiro capítulo é a introdução com informações técnicas relacionadas à pesquisa como objetivos, problema de pesquisa, referencial teórico, metodologia e explicação sobre os demais capítulos. No segundo capítulo, falo da minha trajetória artística, profissional da educação e acadêmica. Descrevo também sobre a composição metodológica da pesquisa como o tema escolhido, o problema de pesquisa, a hipótese, os objetivos e a metodologia da pesquisa.

No terceiro capítulo, descrevo sobre o ensino e conteúdos de Artes cênicas no Brasil desde a sua regulamentação como componente curricular na educação. Abordo nesse capítulo a trajetória do ensino de Artes na educação desde o ano de 1971, com suas dificuldades, lutas e superação. Falo também sobre os documentos e leis que regulamentam o ensino de arte na escola e seus objetivos, conteúdos, habilidades a serem alcançadas e dimensões de experiências a serem vivenciadas pelos educandos.

No quarto capítulo me aprofundo sobre os estágios de desenvolvimento da criança, mais especificamente no personalismo e categorial, pois são nestes estágios que os educandos participantes dessa pesquisa fazem parte. Falo também da importância do lúdico, da brincadeira, música e da cantiga de brincar para o processo de ensino aprendizagem da criança.

No quinto capítulo, explico a metodologia dos jogos teatrais de Viola Spolin e sua fusão com as cantigas de brincar escolhidas para essa pesquisa. Explico também sobre a proposta dos planos de aulas/oficinas, sua composição, conteúdos, objetivos, procedimentos metodológicos e avaliação, todos inspirados nos PCN de Arte, BNCC e Propostas Curriculares Municipal e Estadual.

No sexto capítulo, estão a descrição da experiência aplicadas nas duas Escolas do Município, David Trindade e Índio Piragibe, explicando a estrutura do local, quem são os participantes e quais ações serão realizadas na prática. Relato minuciosamente cada

aula/oficina durante dez encontros em cada escola, os momentos, vivências e observações sobre a aplicação.

No sétimo capítulo, está a análise da experiência nas duas escolas, verificando o perfil dos participantes, o local da pesquisa, a participação das professoras de arte da escola e cuidadora, o conhecimento prévio das cantigas pelas crianças, a utilização dos vídeos das cantigas em aula e os objetivos alcançados com as aulas/oficinas.

E no oitavo capítulo estão estas considerações finais, em que falo sobre pontos importantes nesse percurso todo como objetivos, a aplicação da proposta, os planos de aula, as conquistas, os documentos trabalhados e as sugestões para continuidade desta pesquisa.

O objetivo desta pesquisa foi organizar uma proposta curricular para aulas de Artes cênicas utilizando como recurso didático na sensibilização para esses conteúdos as cantigas de brincar. Esse objetivo foi alcançado tanto na elaboração dos planos quanto no resultado da sua aplicação, ajustando-o quando necessário de uma escola para a outra. Nos ajustes, não foi necessário mudar conteúdos e sim metodologia, acrescentando mais tempo na aula dialogada e com mais exemplos na parte do exercício prático, e com isso conseguindo organizar a proposta curricular para essa série.

Os planos de aula e seus conteúdos são eficazes para serem aplicados nas turmas dos educandos dessa faixa-etária, devido à percepção, compreensão e habilidades deles. Os avanços que a pesquisa conquistou foram percebidos por meio dos próprios relatos e participação dos educandos. A dúvida era que eles, por não trabalharem esses conteúdos de Artes Cênicas na escola, poderiam rejeitar e não se envolverem, mas tivemos muito envolvimento e participação.

Todos os documentos pesquisados a nível nacional, estadual e municipal reforçam que o ensino de arte seja composto pelas linguagens Teatro, Dança, Artes Visuais e Música. E nem sempre há oportunidade de trabalhar essas quatro áreas nas escolas, visto que a realidade é diferente, com situações que não contribuem para a realização do ensino das quatro linguagens. A dificuldade começa pelo pouco tempo de aulas semanais nessa disciplina. Para cumprir as orientações dos documentos que regem a parte educacional no país, seria preciso haver pelo menos oito aulas semanais para dar conta das quatro áreas das artes como é sugerido a Proposta Curricular Estadual (2019), mas que até o momento não se vê nenhuma discussão dos poderes Legislativo, Executivo com os educadores para garantia desse direito.

E mesmo assim a quantidade de conteúdos em relação às artes são muito amplas, e em frequente mudanças, pois a produção artística reage ao pessoal, ao social e ao cultural, mas já seria um avanço se a classe conseguisse mais esse direito. Outra dificuldade também

encontrada nas escolas é o fato de não ter todos os profissionais das quatro áreas em uma escola, e por isso ter um desfalque na questão do desenvolvimento da criança em relação as diversas habilidades artísticas.

A aplicação da proposta foi eficaz no desenvolvimento do conhecimento sobre as Artes cênicas, pois os resultados foram satisfatórios nos encontros. Mesmo alguns momentos em que não funcionou na primeira escola, em um exercício ou outro, tinha-se um aproveitamento de todo o conteúdo, variando somente na metodologia de aplicação do exercício. Havia muito envolvimento, participação e compreensão dos educandos sobre os conteúdos aplicados, perceptível tanto na habilidade em fazer a prática solicitada quanto por meio de suas falas nas avaliações coletivas. Percebi a aceitação e a evolução dos participantes ao longo dos encontros e com isso sendo apropriada a continuidade desses exercícios ao longo da vida escolar dos educandos. Mas para garantir esse direito de continuidade, nós da classe de professores de Arte precisaremos exigir de governantes que se executem as leis aprovadas e contratem professores para as quatro áreas de linguagem das artes, para que cada escola possa ter acesso ao ensino de arte em todas as áreas artísticas. E que estes governantes também possam estar pensando em como viabilizar estrutura e carga horária para tal, pois não é do nosso interesse ter retrocessos diante das nossas conquistas e de acontecer novamente a exigência para exercitarmos uma polivalência no ensino de Arte.

E por fim, foi alcançado o resultado desta pesquisa, que foi a organização de uma proposta curricular com conteúdos de Artes Cênicas para turma de Primeiro Ano em escolas do município, com dez planos de aulas/oficinas aplicadas, ajustadas e analisadas, sendo esta a contribuição desta dissertação para os profissionais que desejarem experimentar estes planos. Os planos de aula nos apêndices que vão de 11 a 40, são construções não experimentadas na pesquisa, mas que me dispus a organizar, pois fui me envolvendo na pesquisa e resolvi ir adiante, mas tratam-se de sugestões sobre conteúdos básicos que envolvem a área de Arte Cênica. Estes também estão com conteúdos relacionados aos documentos que embasam esta pesquisa.

Este estudo me inspira a pesquisar mais sobre a linguagem das artes de que faço parte e conheço, pois, posso estar sempre projetando nas minhas aulas estímulos para os educandos para que eles descubram cada vez mais o prazer de aprender, ver e fazer arte. Existe também o desejo de dialogar junto aos órgãos competentes da educação do Município de João Pessoa (PB) para apresentação dessa proposta curricular, para que este possa ser um estímulo para se criar nova proposta curricular mais precisa e elaborada para cada área das artes e agora incluindo o Primeiro Ano, visto que a última proposta curricular do município é de 2004 e

não inclui esta série. E por esse desejo de dialogar com os segmentos da educação que estarei enviando essa dissertação para as escolas em que apliquei a pesquisa e para a Secretaria de educação do município como estímulo para um debate acerca dessas questões. Espero também que esta pesquisa possa inspirar mais professores de Artes Cênicas e Teatro a caminhar rumo a estudos, dedicação e prazer sobre estes conhecimentos, valorizando sempre a linguagem das artes escolhida por eles, para que também possam estar inspirando seus educandos a descobrirem esse mundo encantador, rico e eclético que é o mundo das Artes.

REFERÊNCIAS

AMARAL, S. A. Estágio categorial. In: **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. ***Para uma educação de qualidade:*** Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

BASTOS, A. B. B. I; DÉR, L. C. S. Estágio do personalismo. In: Henri Wallon: **Psicologia e Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

BOAL. Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1985.

BRAGA, Lia Franco. **Onde o corpo é jogo?** uma mediação lúdica na Educação Infantil. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Educação Infantil: **Saberes e práticas de Inclusão**. Dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento. Saberes e práticas da inclusão. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF. Disponível em: <https://bit.ly/3hr150I> Acesso em: 22 mar. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, v. 6, 1997. Disponível em: <https://bit.ly/37vtH4z>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BRASIL. LEI Nº 11.274, 6 de fevereiro de 2006. Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <https://bit.ly/3d3qtGy>. Acesso em: 10 fev. 2020.

BRASIL. LEI 5.692 de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Original publicado no Diário Oficial da União - Seção 1 de 12/08/1971. Câmara dos Deputados, Brasília, 1971. Disponível em: <https://bit.ly/2MZXZmy>. Acesso em: 13 fev.2010.

BRASIL. LEI 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <https://bit.ly/3e0qjB6>. Acesso: 20 fev. 2020.

BRASIL. Resolução CNE/CEB N.07 14/12/2010 Novas Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental de 9 anos. Políticas públicas ao seu alcance. Disponível em: <https://bit.ly/2BbwgwA>. Acesso em: 21 fev. 2020.

BRASIL. BOLSA FAMÍLIA. Caixa Econômica Federal. Programas Sociais. Disponível em: <https://bit.ly/2B4p9Wy>. Acesso em: 3 maio 2020.

COSTA, L. H. F. M. Estágio sensório-motor e projetivo. In: Henri Wallon: **Psicologia e Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

DÉR, L. C. S.; FERRARI, S. C. Estágio da puberdade e da adolescência. In: Henri Wallon: **Psicologia e Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

DUARTE, M. P.; GULASSA, M. L. C. R. Estágio impulsivo emocional. In: Henri Wallon: **Psicologia e Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FARIAS, Elaine Gebrim. **As cantigas e brincadeiras de roda como instrumento pedagógico na alfabetização**. 2013. 58 f. Monografia. Licenciatura em Pedagogia. Faculdade da Educação FE da Universidade de Brasília (UNB). Alto Paraíso de Goiás (GO), 2013.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação e a curva pedagógica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2014.

KOUDELA, Ingrid. Dormien. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

KOUDELA, I. D. **Brecht: um jogo de aprendizagem**. São Paulo: Perspectiva, 1991. Disponível em: <https://bit.ly/2MXa6Az>. Acesso em: 12 jun. 2020.

MAHONEY, A. A. Introdução. In: Henri Wallon: **Psicologia e Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2012

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e da Ciência da tecnologia. **Proposta Curricular do Estado da Paraíba**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. UNDIME/PB/CEE/ UNCME, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/37wFE9P>. Acesso em: 12 jun. 2020.

PMJP. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa**: uma construção coletiva – Educação Infantil, Ensino Fundamental (1ª a 4ª série), Educação de Jovens e Adultos. João Pessoa: PMJP/SEDEC, v. 1, 2004a. Disponível em: <https://bit.ly/3hs4oou>. Acesso em: 12 jun. 2020.

PMJP. Plano Municipal de Educação de João Pessoa (2015-2025) - PME. João Pessoa: PMJP/SEDEC/CME, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2MUZX7y>. Acesso em: 12 jun. 2020.

PMJP. Conselho Municipal de Educação. Resolução nº 009, de 2006. Implantação do ensino de artes em todas as séries e modalidades nos níveis infantil e fundamental no município de João Pessoa. João Pessoa, 2006. Disponível em: <https://bit.ly/3huyZl5>. Acesso em 21 fev. 2020.

PRESTO, R. et al. **Ligamundo: arte 1º ano: ensino fundamental: anos iniciais**. São Paulo: Saraiva, (2017).

SANTOS, Idelette Fonseca dos. BATISTA, Maria de Fátima de Mesquita. **Cancioneiro da Paraíba**. João Pessoa: GRAFSET, 1993.

SILVA, C. O. As Cantigas de Roda no Contexto da Educação Infantil. III **Congresso Nacional de Educação**, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3eecmzi>. Acesso em: 8 out. 2019.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus, 1978.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: O fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

VARELA, Drauzio. Doenças e Sintomas/Transtorno do Espectro Autista (TEA). Disponível em <<https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/transtorno-do-espectro-autista-tea/>>. Acesso em 23 de julho de 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
1ª Aula/Oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
- Cantiga de brincar; - Jogo Teatral; - Jogo Sensorial; - Movimentos corporais; - Consciência Corporal; - Noções de espaço.	- Cantar a música infantil “O Pé de Chuchu” dentro da atividade dos jogos sensoriais; - Caminhada no espaço fazendo a associação com a consciência corporal; - Trabalhar os jogos sensoriais a fim de aguçar a sensibilidade sobre o meio externo e interno, trabalhando a atenção; - Fazer jogo de consciência corporal através da orientação oral a fim de estimular a consciência através da imaginação; - Fazer caminhada no espaço da sala com orientação oral sobre equilíbrio; - Coordenação para despertar a noção de espaço cênico.	- Jogo teatral do Fichário de Viola Spolin, ficha A2 e A8; - Música “O Pé de Chuchu”; - Aula expositiva e dialogada com práticas; - Vídeos da cantiga: https://bit.ly/2Y0sPBw. E https://bit.ly/2Yytqtw. - Desenho no caderno para registro das atividades.	-2 horas/aula	-A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada.

APÊNDICE 2

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
2ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos Metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Cantiga de brincar; -Jogo sensorial; -Jogo teatral; -Jogo tradicional; -Movimentos corporais; -Noções de espaço; Consciência corporal.	-Exercitar a audição com sons ambientes a fim de ampliar a sensibilidade sensorial; -Caminhada ao acaso, ocupando o espaço e aquecendo com ritmos diferentes da música Passarás como forma de aquecimento; -Cantar e fazer o jogo da música infantil “Passarás” para trabalhar coordenação motora, atenção associado à consciência corporal.	-Jogo teatral do Fichário de Viola Spolin, ficha A3 e A5; -Música “Passarás”; -Aula expositiva e dialogada; - Vídeos da cantiga: https://bit.ly/3fAZAeT - Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 3

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
3ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
- Cantiga de brincar; -Jogo teatral; -Movimentos corporais; -Consciência Corporal; -Corpo humano como forma de comunicação; Percussão corporal; -Noções de espaço.	-Cantar a música infantil “Samba Lê Lê” dentro da atividade caminhada no espaço fazendo a associação com a consciência corporal; -Cumprimentar com as partes do corpo, mãos, pés, ombros, joelhos para exercitar a comunicação não verbal; -Trabalhar o jogo teatral do espelho a fim de trabalhar a criatividade, consciência corporal e imitação; -Cantar a música “Samba Lê Lê” usando a sugestão de movimentação corporal que a música solicita a fim de trabalhar a imitação, coordenação motora e atenção; -Fazer percussão corporal seguindo a sugestão do vídeo para explorar outras possibilidades de comunicação não verbal.	-Jogo teatral do Fichário de Viola Spolin, ficha A15; -Música “Samba Lê Lê”; - Aula expositiva e dialogada; - Vídeos da cantiga: https://bit.ly/3cYBPvy . https://bit.ly/2B6ecDR . https://bit.ly/2XZyM1C . - Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 4

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
4ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
- Cantiga de Brincar; - Jogo Teatral; - Movimentos corporais; - Consciência Corporal; - Jogo tradicional pular corda e jogar bola.	- Cantar a música infantil “Sapo Cururu” dentro da atividade caminhada no espaço fazendo a associação com a consciência corporal; - Trabalhar os jogos tradicionais pular corda e jogar bola de forma invisível a fim de trabalhar consciência corporal, movimentos corporais, atenção, coordenação e raciocínio; - Trabalhar os jogo tradicional pular corda com a música “Sapo Cururu” a fim de trabalhar a atenção e a coordenação motora.	- Jogo teatral do Fichário de Viola Spolin, ficha A22; - Música “Sapo Cururu”; - Aula expositiva e dialogada; - Vídeo da cantiga: https://bit.ly/2Y2zdIQ. - Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada.

APÊNDICE 5

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
5ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
- Cantiga de brincar; - Jogo Teatral; -Movimentos corporais; -Consciência Corporal; -Expressão não verbal; -Interpretação de elementos da natureza e animais.	-Cantar a música infantil a “Barata mentirosa” dentro da atividade caminhada no espaço fazendo a associação com a consciência corporal; -Trabalhar consciência corporal, movimentos corporais, atenção, coordenação na imitação de animais, fazendo parte de um todo; -Trabalhar a consciência corporal e comunicação não verbal através da caminhada no espaço como se fosse elemento da natureza e animais (citar vários animais para imitação entre eles os das músicas); -Cantar a música fazendo as sugestões de movimentos dos animais da música.	-Jogo teatral do Fichário de Viola Spolin, ficha A41; -Música a “ Barata mentirosa”; - Aula expositiva e dialogada; -Vídeo da cantiga: https://www.youtube.com/watch?v=U6Vi1YE-vNM; - Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula.	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada.

APÊNDICE 6

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
6ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
- Cantiga de brincar; - Jogo Teatral; -Jogo sensorial; -Movimentos corporais; -Consciência Corporal; -Interpretação de personagens.	-Cantar a música infantil “O Pião” a fim trabalhar a oralidade; -Trabalhar os sentidos no ato do jogo teatral identificação de objetos; -Trabalhar consciência corporal, movimentos corporais, atenção, coordenação, e interpretação de personagens dentro da brincadeira de roda;	-Jogo teatral do Fichário de Viola Spolin, ficha A29; -Música “O Pião”; - Aula expositiva e dialogada; -Vídeo da cantiga: https://bit.ly/37yNQqb. - Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 7

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
7ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
- Cantiga de brincar; - Jogo Teatral e dramático; -Movimentos corporais; -Consciência Corporal; -Interpretação de personagens; -Expressão verbal e não verbal.	-Cantar a música infantil “Marcha Soldado” a fim trabalhar a oralidade; -Trabalhar consciência corporal, movimentos corporais, atenção, coordenação, e interpretação de personagens dentro do jogo teatral e dramático “Três Mocinhos da Europa”, pois aqui já entram as ações de personagens; -Trabalha a comunicação verbal através do diálogo no jogo e a comunicação não verbal a partir de imitação de gestos dos personagens.	-Jogo teatral do Fichário de Viola Spolin, ficha A36; -Música “Marcha Soldado”; - Aula expositiva e dialogada; -Vídeo da cantiga;; - Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 8

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
8ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
- Cantiga de brincar; - Jogo Teatral; -Movimentos corporais; -Consciência Corporal; -Ritmo; -Coreografia.	-Cantar a música infantil “Escravo de Jó” a fim trabalhar a oralidade; -Trabalhar consciência corporal, movimentos corporais, atenção, coordenação, dentro do jogo teatral “pegador com explosão e câmera lenta”; -Trabalhar os ritmos lento, normal e rápido dentro da cantiga a fim de trabalhar raciocínio lógico através do movimento; -Ensaiai coreografia da cantiga para melhorar coordenação motora.	-Jogo teatral do Fichário de Viola Spolin, ficha A55 e A56; -Música “Escravo de Jó”; - Aula expositiva e dialogada.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 9

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
9ª Aula/oficina				
CONTEÚDO	OBJETIVOS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	TEMPO DE ATIVIDADE	AVALIAÇÃO
- Cantiga de brincar; - Jogo Teatral; - Ritmo; - Letras do alfabeto; Separação de sílabas cantadas;	- Cantar a música infantil “Atirei o pau no gato” a fim trabalhar a oralidade; Trabalhar o jogo teatral “sílabas cantada”, com propósito de contribuir com a percepção; - Trabalhar os ritmos da cantiga junto a outras palavras que não a da letra da música a fim de melhorar raciocínio; - Trabalhar com as consoantes do alfabeto no início das palavras para enriquecimento do conhecimento; Exercitar a separação de sílabas dentro do ritmo da cantiga para trabalhar memória auditiva.	- Jogo teatral do Fichário de Viola Spolin, ficha A72; - Música “Atirei o pau no gato”; - Aula expositiva e dialogada.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada.

APÊNDICE 10

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
10ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
- Cantiga de brincar; - Jogo Teatral e dramático; -Construção de uma história; -Movimentos corporais; -Consciência Corporal; -Interpretação de personagens; -Expressão verbal e não verbal.	-Cantar a música infantil “O Cravo brigou com a Rosa” a fim trabalhar a oralidade; - Trabalhar o jogo teatral “construindo uma história”, com propósito de contribuir com a criatividade e raciocínio lógico e oralidade; -Interpretar a história criada sobre a cantiga identificando “O Onde, O que e O quem” através da consciência e movimentos corporais. - Exercitar a comunicação verbal na construção coletiva da história e a comunicação não verbal na interpretação da história.	-Jogo teatral do Fichário de Viola Spolin, ficha A76; -Música “O Cravo brigou com a Rosa”; - Aula expositiva e dialogada.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 11

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
11ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Movimento; -Movimentos corporais; -Corpo e espaço -Cantiga de brincar	Observar o movimento da natureza como forma de percepção dos sentidos; Observar coisas que se movem na cidade como forma de percepção dos sentidos; -Trabalhar um jogo de imitação dos movimentos do colega equilibrando o espaço, exercitando a percepção e imitação; -fazer o exercício de imitação do movimento do colega cantando a música “Escravo de Jó”, pois esta possibilita um ritmo compassado que facilita associá-la ao movimento.	Atividade do livro do 1º ano –Ligamundo, p.26 a 29. -Música “Escravo de Jó”; - Aula expositiva e dialogada.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 12

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
12ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Corpo humano; -Movimentos corporais; -Dança de Kazuo Ohno; -Cantiga de Brincar.	-Observar os movimentos na imagem do dançarino, percebendo as diferentes formas de se movimentar em uma dança criada; -Estudar a história do dançarino através de do texto e vídeo para aumento de conhecimento em relação às artes cênicas; -Cantar a música “O Pé de Chuchu” para sensibilização em criação dos movimentos; -Criar sequências aleatórias de movimentos na música “O Pé de Chuchu”, explorando o corpo e os movimentos.	-Atividade do livro do 1º ano –Ligamundo, p.30 e 31; -Música “O Pé de Chuchu”; - Aula expositiva e dialogada. -Vídeo do dançarino: https://bit.ly/2UJKs6E . -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 13

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
13ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-A dança e o movimento das coisas; -Ritmos; -Movimento corporal; -Consciência corporal; -Cantiga de brincar.	-Ler conteúdo do livro que fala sobre o movimento das coisas na natureza; -Fazer a caminhada no espaço trabalhando os ritmos lento, normal e rápido; -Trabalhar a consciência corporal e comunicação não verbal através da caminhada no espaço como se fosse elemento da natureza; -Trabalhar consciência corporal criando movimentos com um objeto escolhido; -Cantar a música fazendo as sugestões de movimentos com o objeto.	-Atividade do livro do 1º ano -Ligamundo, p.32 e 33; -Música “O Pião”; - Aula expositiva e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 14

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
14ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Dança da natureza; -Movimento corporal; -Consciência corporal; -Cantiga de brincar.	-Ler conteúdo do livro que fala sobre o movimento da natureza; -Pesquisar imagens de algum movimento de coisas da natureza: elementos, flora e fauna para inspiração da criação de movimentos; -Trabalhar a consciência corporal e comunicação não verbal através da caminhada no espaço como se fosse elemento da natureza; -Cantar a música fazendo as sugestões de movimentos como se fossem elementos da natureza.	-Atividade do livro do 1º ano –Ligamundo, p.34 e 35; -Música “A barca virou”; - Aula expositiva e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 15

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
15ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Jogo tradicional; -Brincadeiras populares; -Movimentos corporais; -Cultura popular.	-Ler conteúdo do livro que fala sobre a cultura do seu lugar para sensibilização para a prática; -Ler sobre as brincadeiras populares sugeridas como forma de inspiração para a prática; Fazer as brincadeiras sugeridas no livro trabalhando os movimentos corporais para exercitar coordenação motora e raciocínio lógico; -Cantar a música dentro da brincadeira popular, trabalhando concentração, coordenação e raciocínio.	-Atividade do livro do 1º ano - Ligamundo, p.36 e 37; -Música “Pirulito que bate bate”; - Aula expositiva e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 16

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
16ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Jogo tradicional; -Brincadeiras populares; -Movimentos corporais; -Cultura popular. -Cantiga de brincar.	-Ler sobre a brincadeira popular amarelinha sugerida como forma de inspiração para a prática; -Fazer a brincadeira sugerida no livro trabalhando os movimentos corporais para exercitar coordenação motora e raciocínio lógico; -Cantar a música dentro da brincadeira popular, trabalhando concentração, coordenação e raciocínio. -Dialogar sobre outras brincadeiras, suas regras e como o corpo se movimenta ao brincar-las como forma de reflexão para desenvolvimento do cognitivo.	-Atividade do livro do 1º ano - Ligamundo, p.38 e 39; -Música “Eu vi um sapo”; - Aula expositiva e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada.

APÊNDICE 17

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
17ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Teatro; -Lenda folclórica; -Movimentos corporais; -Ritmos.	-Ler conteúdo do livro que fala sobre a lenda Curupira para sensibilização para a prática; -Exercitar movimentos imitando o Curupira dentro de variados ritmos na caminhada no espaço para trabalhar coordenação motora. Trabalhar o jogo teatral “construindo uma história”, com propósito de contribuir com a criatividade e raciocínio lógico e oralidade; -Interpretar a história criada sobre a lenda identificando “O Onde, O que e O quem” através da consciência e movimentos corporais.	-Atividade do livro do 1º ano - Ligamundo, p.40 e 41; - Aula expositiva e dialogada; -Jogo teatral ficha A76; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada.

APÊNDICE 18

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
18ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Elemento da linguagem cênica (personagem); -Lendas folclóricas; -Jogo teatral e dramático; -Movimentos corporais;	-Ler conteúdo do livro que fala sobre a lenda Saci-Pererê e Boitatá para sensibilização para a prática; -Exercitar movimentos corporais imitando o que a história pede para trabalhar coordenação motora, raciocínio lógico. - Trabalhar o jogo teatral “construindo uma história”, com propósito de contribuir com a criatividade e raciocínio lógico e oralidade; -Interpretar a história da lenda sugerida no livro identificando “O Onde, O que e O quem” através da consciência e movimentos corporais.	-Atividade do livro do 1º ano - Ligamundo, p.42 e 43; - Aula expositiva e dialogada; -Jogo teatral ficha A76; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 19

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
19ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Elemento da linguagem cênica (personagem); -Lendas folclóricas; -Movimentos corporais;	-Ler conteúdo do livro que fala sobre Iara e Lobisomem para sensibilização para a prática; -Exercitar movimentos corporais imitando o que a história pede para trabalhar coordenação motora, raciocínio lógico. -Interpretar a história da lenda sugerida no livro identificando “O Onde, O que e O quem” através da consciência e movimentos corporais.	-Atividade do livro do 1º ano - Ligamundo, p.44; - Aula expositiva e dialogada; -Jogo teatral ficha A76; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 20

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
20ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Elemento da linguagem cênica (personagem); -Lendas folclóricas; -Jogo teatral e dramático; -Movimentos corporais;	-Pesquisar lendas folclóricas junto as famílias para compartilhar com a turma; -Escolher uma das histórias para construção da história coletivamente; -Trabalhar o jogo teatral “construindo uma história”, a partir da pesquisa em casa junto à família sobre lendas, contribuindo com a criatividade e raciocínio lógico e oralidade; -Interpretar a história criada coletivamente como forma de trabalhar, a coordenação motora, concentração e o cognitivo.	-Atividade do livro do 1º ano - Ligamundo, p.45; - Aula expositiva e dialogada; -Jogo teatral ficha A76; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 21

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
21ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Dança: (movimento, tempo, velocidade e força); - Brincadeira popular; -Jogo tradicional.	-Ler conteúdo do livro que fala sobre elementos da dança através de imagens de brincadeiras; -Dialogar sobre esses elementos durante as brincadeiras para percepção de movimentos para coreografias; -Exercitar a brincadeira “Batatinha frita um, dois, três” para percepção dos movimentos corporais.	-Atividade do livro do 1º ano - Ligamundo, p.76 e 77; - Aula expositiva e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 22

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
22ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Corpo no teatro: percepção de tamanho no espaço; -Movimentos corporais; -Percepção do corpo humano; -Cantiga de brincar.	-Ler o conteúdo do livro que fala sobre o tamanho que o corpo ocupa no espaço para percepção deste na construção de uma peça; -Fazer o jogo de caminhada no espaço explorando vários impulsos como encolher, esticar, pular e deitar para exercício e percepção dos movimentos; -Fazer o jogo de mexer todas as partes do corpo separadamente através de orientação para percepção de suas possibilidades de movimentos; -Trabalhar os impulsos e movimentos descobertos dentro da cantiga, aguçando a percepção, concentração e cognitivo.	-Atividade do livro do 1º ano - Ligamundo, p.84 e 85; - Música “O trem maluco”; -Jogo teatral “fazer parte do todo” ficha A41; - Aula expositiva e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 23

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
23ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Expressão corporal e fisionômica; -Histórias infantis; -Jogo teatral e dramático.	-Ler o conteúdo do livro que fala sobre as expressões corporais e fisionômicas nas imagens de espetáculos de histórias infantis; -Dialogar sobre as histórias infantis sugeridas no texto; -Fazer o jogo de criação de cenas das histórias infantis somente com as expressões;	-Atividade do livro do 1º ano - Ligamundo, p.86 e 88; - Aula expositiva e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 24

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
24ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Expressão corporal e fisionômica; -Histórias infantis; -Jogo teatral e dramático.	-Dialogar sobre a história infantil “Chapeuzinho vermelho” sugerida no texto e para fazer a construção da história e montagem para desenvolvimento da criatividade; -Trabalhar o jogo teatral “construindo uma história”, com propósito de contribuir com a criatividade e raciocínio lógico e oralidade; -Interpretar a história criada sobre a história identificando “O Onde, O que e O quem” através da consciência e movimentos corporais. Exercitar a comunicação verbal na construção coletiva da história e a comunicação não verbal na interpretação da história.	-Atividade do livro do 1º ano - Ligamundo, p.86; -Jogo teatral “construindo uma história” A76; - Aula expositiva e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 25

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
25ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Expressão corporal e fisionômica; -Histórias infantis; -Jogo teatral e dramático.	-Dialogar sobre as histórias infantis “Os 3 porquinhos” sugerida no texto para a construção da história e montagem para desenvolvimento da criatividade; -Trabalhar o jogo teatral “construindo uma história”, com propósito de contribuir com a criatividade e raciocínio lógico e oralidade; -Interpretar a história criada sobre a história identificando “O Onde, O que e O quem” através da consciência e movimentos corporais. Exercitar a comunicação verbal na construção coletiva da história e a comunicação não verbal na interpretação da história.	-Atividade do livro do 1º ano - Ligamundo, p.86; -Jogo teatral “construindo uma história” A76; - Aula expositiva e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 26

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
26ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Expressão corporal e fisionômica; -Histórias infantis; -Jogo teatral e dramático.	-Dialogar sobre a história infantil “Cinderela” sugerida no texto para a construção da história e montagem para desenvolvimento da criatividade; -Trabalhar o jogo teatral “construindo uma história”, com propósito de contribuir com a criatividade e raciocínio lógico e oralidade; -Interpretar a história criada sobre a história identificando “O Onde, O que e O quem” através da consciência e movimentos corporais. Exercitar a comunicação verbal na construção coletiva da história e a comunicação não verbal na interpretação da história.	-Atividade do livro do 1º ano - Ligamundo, p.86; -Jogo teatral “construindo uma história” A76; - Aula expositiva e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 27

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
27ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Expressão corporal e fisionômica; -Histórias infantis; -Jogo teatral e dramático.	-Dialogar sobre a história infantil “Rapunzel” sugerida no texto para a construção da história e montagem para desenvolvimento da criatividade; -Trabalhar o jogo teatral “construindo uma história”, com propósito de contribuir com a criatividade e raciocínio lógico e oralidade; -Interpretar a história criada sobre a história identificando “O Onde, O que e O quem” através da consciência e movimentos corporais. Exercitar a comunicação verbal na construção coletiva da história e a comunicação não verbal na interpretação da história.	-Atividade do livro do 1º ano - Ligamundo, p.86; -Jogo teatral “construindo uma história” A76; - Aula expositiva e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 28

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
28ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Circo; -Artistas circenses; -Movimentos corporais.	-Ler o conteúdo do livro que fala sobre a história do circo e seus artistas em suas modalidades; -Dialogar sobre as histórias e imagens sugeridas no texto; -Treinar a modalidade de acrobacia e equilibristas para percepção dos movimentos corporais nessa profissão;	-Atividade do livro do 1º ano - Ligamundo, p. 102 a 105 e p.108 e 109; - Aula expositiva, prática e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua através de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 29

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
29ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Circo; -Artistas circenses; -Movimentos corporais; -Cantiga de brincar.	-Treinar a modalidade de acrobacia e equilibristas para percepção dos movimentos corporais nessa profissão; -Cantar a música “Terezinha de Jesus” trabalhando oralidade e percebendo as ações sugeridas no canto; -Fazer a interpretação da cantiga introduzindo em algumas passagens as movimentações da modalidade de circo exercitada.	-Atividade do livro do 1º ano - Ligamundo, p.108 e 109; -Música “Terezinha de Jesus” - Aula expositiva, prática e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 30

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
30ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Circo; -Artistas circenses; -Movimentos corporais; -Cantiga de brincar.	-Treinar a modalidade de malabarista para percepção dos movimentos corporais nessa profissão; -Cantar a música “Cai, cai balão” trabalhando oralidade e percebendo as ações sugeridas no canto; -Fazer a interpretação da cantiga introduzindo em algumas passagens as movimentações da modalidade de circo exercitada.	-Música “Cai, cai balão”; - Aula expositiva, prática e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua através de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 31

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
31ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Jogo teatral; -Movimento corporal; -Cantiga de brincar	-Cantar a música “Pai Francisco” para sensibilização e agilidade na prática; -Fazer o jogo teatral “Quem iniciou o movimento” para trabalhar a atenção vinculada ao movimento corporal; -Fazer o jogo “Quem iniciou o movimento” cantando a música “Pai Francisco” para trabalhar coordenação motora e raciocínio lógico.	-Música “Pai Francisco”; -Jogo teatral “Quem iniciou o movimento” ficha A13; - Aula expositiva, prática e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 32

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
32ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Jogo teatral; -Movimento corporal; -Cantiga de brincar	-Cantar a música “Marcha Soldado” para sensibilização e agilidade na prática; -Fazer o jogo teatral “Três mudanças” para trabalhar a atenção vinculada ao movimento corporal; -Imitar a cantiga “Marcha soldado” e ao término fazer as poses congeladas em três movimentos diferentes para que o outro grupo adivinhe a mudança.	-Música “Marcha Soldado”; -Jogo teatral “Três mudanças” ficha A14; - Aula expositiva, prática e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 33

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
33ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Jogo teatral; -Movimento corporal; -Interpretação de animais e coisas que se movem na cidade.	-Fazer caminhada no espaço imitando animais, e coisas que se movem na cidade como sensibilização para o jogo teatral; -Fazer o jogo teatral “Transformação de objetos” para passar para o próximo e que todos adivinhem a imitação, trabalhando a criatividade.	-Jogo teatral “Transformação de objetos” ficha A35; - Aula expositiva, prática e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 34

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
34ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Jogo teatral; -Movimento corporal. -Interpretação cênica.	-Fazer o jogo teatral “O que estou comendo? Cheirando? Ouvindo?” trabalhando a interpretação em uma ação do cotidiano para que o colega adivinhe, exercitando assim a criatividade e o sensorial.	-Jogo teatral “O que estou comendo? Cheirando? Ouvindo?” ficha A37; - Aula expositiva, prática e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 35

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
35ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Jogo teatral; -Movimento corporal. -Interpretação cênica.	-Fazer o jogo teatral “Envolvimento em duplas” trabalhando a interpretação em uma ação do cotidiano para que o colega adivinhe, exercitando assim a criatividade e o sensorial. -Criar mais duas situações que antecede e uma que sucede a primeira ação do jogo anterior, montando assim uma cena.	-Jogo teatral “Envolvimento em duplas” ficha A42 - Aula expositiva, prática e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 36

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
36ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Jogo teatral; -Movimento corporal; -Cantiga de brincar; -Interpretação cênica.	-Fazer o jogo teatral “Acrescentar uma parte” trabalhando a interpretação em uma ação do cotidiano movimento algo e aos poucos o colega vai entrando fazendo parte do movimento ajudando-o, exercitando assim a criatividade. -Cantar a música “O trem maluco” dentro da movimentação no jogo “acrescentar uma parte”.	-Jogo teatral “Acrescentar uma parte” ficha A47; -Música “O trem maluco”; - Aula expositiva, prática e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 37

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
37ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Jogo teatral; -Movimento corporal. -Interpretação cênica; -Cantiga de brincar; -Construção de texto oral.	-Cantar a música “A linda Rosa juvenil” trabalhando a oralidade e história; -Fazer reflexão sobre a história; -Fazer o jogo teatral “Fala espelhada #1” trabalhando a história da música “A linda Rosa Juvenil” enquanto o outro colega espelha sua fala exercitando assim a criatividade e oralidade.	-Jogo teatral “Fala espelhada #1” ficha A52; -Música “A linda Rosa Juvenil”; - Aula expositiva, prática e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 38

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
38ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Jogo teatral e dramático; -Movimento corporal. -Expressão corporal e fisionômica; -Interpretação cênica; -Cantiga de brincar; -Construção de texto oral.	-Cantar a música “A linda Rosa juvenil” trabalhando a oralidade e história; -Fazer reflexão sobre a história da cantiga e criar a história que antecede e sucede o que acontece na cantiga como o jogo teatral “Construindo uma história”; -Fazer a encenação da história exercitando assim a criatividade e oralidade e a expressão corporal.	-Jogo teatral “Construindo uma história” ficha A7; -Música “A linda Rosa Juvenil”; - Aula expositiva, prática e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 39

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
39ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Jogo teatral; -Movimento corporal. -Interpretação cênica; -Cantiga de brincar; -Construção de texto oral.	-Cantar a música “Terezinha de Jesus” trabalhando a oralidade e história; -Fazer reflexão sobre a história; -Fazer o jogo teatral “Fala espelhada #1” trabalhando a história da música “Terezinha de Jesus” enquanto o outro colega espelha sua fala exercitando assim a criatividade e oralidade.	-Jogo teatral “Fala espelhada #1” ficha A52; -Música “Terezinha de Jesus”; - Aula expositiva, prática e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 40

Proposta de plano de aula/oficina para o 1º ano do Ensino Fundamental				
40ª Aula/oficina				
Conteúdo	Objetivos	Procedimentos metodológicos	Tempo de atividade	Avaliação
-Jogo teatral; -Movimento corporal; -Expressão corporal e fisionômica; -Interpretação cênica; -Cantiga de brincar; -Construção de texto oral.	-Cantar a música “Terezinha de Jesus” trabalhando a oralidade e história; -Fazer reflexão sobre a história da cantiga e criar a história que antecede e sucede o que acontece na cantiga como o jogo teatral “Construindo uma história”; -Fazer a encenação da história exercitando assim a criatividade e oralidade e a expressão corporal.	-Jogo teatral “Construindo uma história” ficha A7; -Música “Terezinha de Jesus”; - Aula expositiva, prática e dialogada; -Desenho no caderno para registro das atividades.	2 horas/aula	A avaliação será contínua por meio de atividades práticas e participação na aula dialogada

APÊNDICE 41

Proposta curricular para o 1º ano do Ensino Fundamental					
Área de conhecimento	Linguagem da Arte	BIMESTRES			
		1º Bimestre	2º Bimestre	3º Bimestre	4º Bimestre
ARTES	TEATRO	-Jogo sensorial;	-Movimento;	-Movimentos corporais;	-Movimentos corporais;
		-Jogo tradicional;	-Movimentos corporais;	-Percepção do corpo humano;	-Expressão corporal e fisionômica;
		-Jogo teatral e dramático;	-Corpo e espaço;	-Expressão corporal e fisionômica;	-Jogo teatral e dramático;
		-Expressão verbal e não verbal;	-Corpo humano e expressão;	-Corpo no teatro: percepção de tamanho no espaço;	-Interpretação de animais e coisas que se movem na cidade;
		-Consciência corporal;	-Corpo e ritmo;	-Jogo teatral e dramático;	-Interpretação cênica;
		-Noções de espaço;	-Consciência corporal;	-Dança: movimento, tempo, velocidade e força;	-Construção de texto oral;
		-Movimentos corporais;	-Dança e movimento das coisas;	-Brincadeiras populares;	Interpretação de personagens;
		-Estrutura corporal;	-Dança da natureza;	-Jogo tradicional;	-Interpretação da história das cantigas;
		-Corpo como forma de comunicação;	--Jogo tradicional;	Interpretação de personagens;	-Cantigas de brincar.
		-Corpo e ritmo;	-Brincadeiras populares;	-Interpretação da história das cantigas;	
		-Percussão corporal;	-Cultura popular;	-Cantigas de brincar.	
		-Coreografia;	-Jogo teatral e dramático;	-	
		-Imitação de sons e gestos;	-Elementos da linguagem cênica;		
		-Interpretação de elementos da natureza e animais;	Interpretação de personagens;		
		-Interpretação de personagens;	-Interpretação da história das cantigas;		
		-Interpretação da história das cantigas;	-Cantigas de brincar.		
		- Cantigas de brincar;			
		-Construção de texto.			

ANEXOS

ANEXO 1

Conteúdos e objetivos do Ensino de Artes da Proposta Curricular do Município de João Pessoa (2004)

PROPOSTA CURRICULAR DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE JOÃO PESSOA - UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA		
2ª SÉRIE – ARTE		
Objetivo Geral: Desenvolver a sensibilidade artística e estética, construindo relações de autoconfiança e respeito.		
EIXOS TEMÁTICOS	CONTEÚDOS	OBJETIVOS PROPOSTOS
Artes visuais	Espaço · Bidimensão (altura, largura). · Tridimensão (altura, largura, volume). · Horizontalidade (longo, curto, estreito largo). · Dimensionalidade (horizontal, vertical, grande, pequeno). · Perspectiva (próximo, distante). · Superfície (plana, acidentada, curva, lisa, porosa).	· Identificar elementos constitutivos do espaço visual reconhecendo a importância de sua distribuição em determinado plano espacial. · Exercitar a percepção visual. · Estabelecer relações entre espaço visual e outras linguagens artísticas como teatro, dança, música e ainda com outros campos do conhecimento como geografia e ciências.
	Forma · Formas geométricas simples (triângulo, pirâmide, circunferência, esfera, etc.). · Formas irregulares.	· Reconhecer as formas geométricas estudadas e distinguir as formas geométricas das irregulares. · Produzir formas geométricas e irregulares.
	Modalidades · Desenho e pintura (ponto, linha, plano, traçado, cor, suporte). · Colagem (picotes sem tesoura, organização e aplicação dos fragmentos de papel no plano). · Escultura e modelagem (estruturação de imagem, elaboração e formas). · Técnica mista (desenho, pintura e colagem).	· Organizar traços por intermédio de fechamento da forma e da aplicação da cor. · Entender a colagem como possibilitadora de expressão artística. · Expressar pensamentos e idéias modelando formas tridimensionais (altura, largura, volume). · Identificar técnicas das artes visuais e aplicá-las comunicando idéias e pensamentos. · Interpretar o real e tentar decodificar a comunicação e a expressão do simbólico. · Ser introduzido às produções artísticas local, regional e nacional refletindo sobre o trabalho artístico e o seu consumo pelo público no país.
	Iniciação à leitura de imagens · Arte figurativa. · O real e o simbólico. · Comunicação / expressão. · Arte e artistas locais. · Arte e artistas regionais. · Arte e artistas nacionais.	· Estabelecer relações entre a cultura local e as de outras regiões, refletindo a arte como produto cultural.
	Sensibilização ambiental · Objetos naturais (mangue, rio, árvore, ar, lago, terra, etc.).	· Identificar e diferenciar objetos naturais e objetos artificiais.

ENSINO FUNDAMENTAL 1ª A 4ª SÉRIE

EIXOS TEMÁTICOS	CONTEÚDOS	OBJETIVOS PROPOSTOS
Artes visuais	- Objetos artificiais (casas, prédios, igreja, cemitério, saneamento, esgoto, conjunto residencial, etc.). - Harmonia entre objetos naturais e artificiais (ordenamento de fatores e ações que resultam ou contribuem na formação de uma ambiência equilibrada e esteticamente agradável). - Desarmonia entre objetos (o contrário da harmonia entre objetos).	- Criar e/ou desenvolver valores sensíveis em relação ao sistema harmônico e ordenado entre objetos. - Estabelecer relações entre a cultura local e as de outras regiões, refletindo a arte como produto cultural. - Intervir na realidade através do pensamento e da ação estética reflexiva, objetivando uma vivência saudável.
Música	Iniciação à apreciação musical - Audição de músicas do próprio meio sócio-cultural, músicas local, regional e nacional. - Canto das músicas apreciadas. - Nome da música. - Nome do compositor. - Nome do intérprete. - Estilos. - O texto poético musical. Som - Audição de sons. - Ambiente sonoro. - Ruído - Barulho. - Criação de sons. - Poluição sonora.	- Ouvir e cantar músicas enquanto princípio de prazer artístico e estético. - Entender a arte enquanto campo de conhecimento. - Estabelecer inter-relações entre arte e outros campos do conhecimento, notadamente história, geografia e língua portuguesa. - Identificar e diferenciar tipos de sons. - Confrontar os sons agradáveis organizados, daqueles que causam problemas de saúde. - Estabelecer inter-relações deste conteúdo com outras áreas do conhecimento como ciências, história e geografia.
Teatro	Introdução ao teatro - Iniciação ao relaxamento. - Iniciação à concentração. - Expressão verbal. - Expressão não-verbal. - Imitação de sons, gestos, etc. - Jogos dramáticos.	- Exercitar práticas de relaxamento e de concentração. - Valorizar o trabalho de expressão verbal e não-verbal em grupo. - Aprender o valor e a importância do teatro na vida do ser humano. - Entender a importância do comportamento ético nos jogos dramáticos.
Dança	Corpo - Reconhecimento da pele, músculos, ossos e suas funcionalidades em relação a proteção, movimento e estrutura corporal. - Características corporais (forma, volume, peso). - Peso, equilíbrio, espaço e movimento. - Danças individuais. - Danças coletivas.	- Reconhecer a importância do domínio do corpo para execução da dança. - Perceber as relações entre peso e equilíbrio, espaço e movimento. - Iniciar uma relação de autoconfiança com a expressão artística pessoal respeitando a produção do colega. - Criar comportamentos éticos entre as pessoas.

PROPOSTA CURRICULAR DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE JOÃO PESSOA - UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

3ª SÉRIE – ARTE

Objetivo Geral: Compreender a arte como sendo um fato histórico e cultural, identificando e respeitando a diversidade de produção e expressão artística e estética.

EIXOS TEMÁTICOS	CONTEÚDOS	OBJETIVOS PROPOSTOS
Artes visuais	Elementos constitutivos · Ponto (distribuição no plano). · Linha (traçado e posição). · Plano (suportes possíveis). · Cores puras. · Cores secundárias. · Criação colorista. · Efeitos visuais.	· Distribuir harmonicamente pontos e linhas em diferentes planos. · Nomear as cores puras e as cores secundárias. · Criar formas harmonicamente coloridas. · Relacionar elementos das artes plásticas em obras(s) de arte.
	Arte Indígena · Cerâmica. · Arte plumária. · Pintura nos corpos. · Adereços.	· Identificar e caracterizar as artes indígenas, reconhecendo sua importância na nossa formação cultural.
	Arte Afro – brasileira · Pintura. · Escultura. · Figurino. · Ourivesaria. · Produção artística: local, regional, nacional e internacional.	· Identificar e caracterizar a arte afro-brasileira, respeitando e valorizando sua contribuição na nossa formação cultural. · Realizar pesquisa etnográfica respeitando e valorizando a riqueza estética da pluralidade cultural.
Música	Elementos · Variedade de sons. · Altura. · Duração. · Intensidade (maior ou menor grau de força sonora). · Timbre. · Acústica (ambiente e distribuição sonora).	· Identificar e caracterizar elementos da música.
	Música e Cultura · A música religiosa. · A música profana. · Música e espaço / tempo. · A música na contemporaneidade. · Cantores e interpretações musicais.	· Distinguir a música religiosa (mantras) das músicas profanas, respeitando as preferências musicais das pessoas. · Reconhecer a música como necessidade humana associada às tradições e às culturas no espaço / tempo. · Conhecer cantores e refletir sobre suas interpretações.

ENSINO FUNDAMENTAL 1ª A 4ª SÉRIE

EIXOS TEMÁTICOS	CONTEÚDOS	OBJETIVOS PROPOSTOS
Teatro	Elementos / dramatização · O texto. · O corpo (matéria e vida do texto). · Caracterização. · Penteado. · Máscaras. · Iluminação.	· Reconhecer elementos da linguagem teatral aplicando com desempenho esses elementos na ação dramática.
Dança	· Música e sonoplastia. · Cenário. · Tipos de espaços cênicos. · Lendas e cantos. · Ação dramática. Elementos · Corpo e movimento. · Corpo e espaço. · Movimento e espaço / tempo. · Esboço coreográfico. · Expressão / comunicação plástica e dramática do corpo. · O movimento dos corpos em grupo. · Consciência do corpo no espaço / tempo. · Sinergia dos corpos no espaço / tempo.	· Conhecer a selecionar tipos de espaços cênicos. · Apresentar dramatização de lendas e contos do folclore nordestino. · Reconhecer elementos da dança e usá-los corretamente. · Utilizar os diversos segmentos corporais em velocidade e direções diversas. · Adequar corretamente sua velocidade, direção dos movimentos e gestos aos dos colegas. · Ter consciência da responsabilidade em relação a sua saúde e a dos colegas. · respeitar os colegas livre de preconceito de classe social, de religião, de sexo, de etnia, entre outros.

PROPOSTA CURRICULAR DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE JOÃO PESSOA - UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

4ª SÉRIE – ARTE

Objetivo Geral: Saber expressar-se e comunicar-se em arte, estabelecendo uma atividade constante de busca pelo conhecimento, criação e reflexão ao apreciar e produzir objetos artísticos.

EIXOS TEMÁTICOS	CONTEÚDOS	OBJETIVOS PROPOSTOS
Artes visuais	História da arte Noções básicas de: - Artes: Rupestre, egípcia, grega, dos povos Maias e Astecas, africana, indígena, européia. - Arte figurativa. - Arte abstrata. Elementos - Forma, espaço, ponto, linha, superfície. Arte e memória - Arte nos templos religiosos. - Objetos artísticos como principais recursos reveladores da história da humanidade em galerias e museus. - A arte enquanto produto cultural com valores e estéticas próprias. - Símbolos do imaginário social na arte moderna e contemporânea. - Qualidade da arte. Poema - Leitura e interpretação. - Verso e estrofe. - Forma gráfica do poema. - Ilustração. - A poesia chamada cordel. - Poetas brasileiros: vida e produção poética. - Produção de poemas.	- Identificar artes de diferentes povos em diferentes espaços / tempos. - Distinguir a arte figurativa da arte abstrata. - Utilizar, com adequação elementos das artes visuais. - Entender a estreita ligação entre arte e religião nos momentos anteriores à modernidade. - Pesquisar o trabalho e o consumo de arte desde os primórdios da civilização até o atual momento histórico. - Entender a arte como bem social e não como "dom" de poucos eleitos. - Saber interpretar pensamentos que tenham representações simbólicas, modernas e contemporâneas. - Entender a arte como expressão universal seja ela considerada popular ou erudita. - Ler e interpretar poemas com fluência e argumentos. - Entender e caracterizar elementos básicos para análise de poema. - Estabelecer relações entre poema, música, artes visuais, artes cênicas e língua portuguesa. - Saber elaborar poemas.
Música	História e estética - Gêneros e estilos musicais. - A música de Chiquinha Gonzaga. - O samba e suas raízes culturais. - A música regional. - Cantorias.	- Identificar estilo e gêneros musicais. - Apreciar a música de Chiquinha Gonzaga. - Estabelecer relações entre a história da música e conteúdos de história e geografia. - Apreciar e valorizar a música regional, em particular a cantoria.

ANEXO 2

Objetivos de aprendizagem e conteúdo para o ensino de Dança e Teatro da Proposta Curricular do Estado da Paraíba (2019)

5.2.4.1 Direitos de aprendizagem para o ensino de Dança

1. Compreender a estrutura e funcionamento do corpo, aguçar os sentidos, assim como experimentar e explorar as possibilidades expressivas do movimento corporal;

2. Fruir e participar das produções de dança presentes na cultura local, regional e global, criando relações entre essas produções e o contexto onde foram criadas, assim como ter habilidades para recriar e ressignificar tais danças a partir de sua leitura de mundo.

3. Exercitar a capacidade de criação em dança, de forma individual e/ou coletiva, protagonizando o processo criativo e entrando em contato com ele-

mentos de pré-produção, produção e pós-produção necessários para as apresentações.

4. Desenvolver capacidades crítico-reflexivas pertinentes às questões do corpo, do movimento e da dança, a partir do reconhecimento da mesma como uma linguagem comunicativa.

5.2.4.2. Objetivos de aprendizagem e conteúdos para o ensino de Dança

A seguir, são apresentados quadros contemplando os objetivos de aprendizagem, conteúdos e habilidades da BNCC, propostos para o Ensino de Dança no Ensino Fundamental.

1º, 2º E 3º ANO		
ENSINO DE DANÇA		
OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDO	HABILIDADE BNCC
Cultivar o imaginário infantil e a capacidade de simbolizar a partir de experiências com diferentes danças.	Danças brasileiras. Danças de matrizes étnicas. Danças criativas a partir da fruição de danças codificadas.	EF15AR08
Reconhecer o corpo em sua singularidade por meio do autoconhecimento.	Aguçamento dos sentidos. Escovação corporal, toque, experimentação de odores e sabores, exercícios com olhos vendados, diferentes sons e texturas. Massagens (individual e coletiva).	EF15AR09
Desenvolver o entendimento do próprio corpo de modo integrado (sem dissociação entre corpo, pensamento, sentimento, ação) e em relação ao movimento.	Consientização do movimento. Espaço articular, propriocepção e autoconhecimento.	EF15AR09
Ampliar as noções e experiências com o espaço e o tempo e suas implicações subjetivas.	Diferentes espaços da escola e as possibilidades de movimentos em cada um deles. Movimentação em tempo rápido e o lento. Frases de movimento relacionando espaço e tempo.	EF15AR10
Aprender a improvisar em dança fazendo relação com as possibilidades de improvisação na vida cotidiana.	Improvisação em dança. Jogos corporais com objetivos definidos capazes de gerar movimentações não codificadas e ainda sim estéticas e com significados para que as crie.	EF15AR11
Desenvolver o respeito, empatia, diálogo e colaboração com relação à dança produzida na escola e no entorno.	Danças que acontecem no entorno da escola. Danças da cultura de massa. Diversidade de corpos e formas de movimentação.	EF15AR12
Reconhecer a possibilidade de criar movimento a partir do estímulo de diferentes linguagens artísticas.	Jogos corporais. Escultor x Escultura. Pintor x Pintura. Fotógrafo x Fotografia.	EF15AR23
Consientizar sobre as contribuições das diferentes matrizes estéticas e culturais na formação do sujeito.	Jogos, brincadeiras e danças populares de matrizes estéticas e culturais.	EF15AR24

Conhecer, reconhecer e valorizar as danças de matrizes indígenas, africanas e europeias, assim como identificar suas contribuições nas danças populares brasileiras.	Danças e jogos corporais que fazem parte da cultura local. Identificação das matrizes que contribuíram para aquela dança.	EF15AR25
--	---	----------

4º E 5º ANO		
ENSINO DE DANÇA		
OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDO	HABILIDADE BNCC
Fruir danças locais, regionais, nacionais e internacionais e refletir sobre a produção artística em dança nos diferentes contextos culturais.	Apresentações de dança em teatros, praças ou locais onde elas aconteçam. Apresentações artísticas na escola. Vídeos de danças de diferentes estilos para os(as) estudantes e promover reflexões a respeito das diferentes danças apreciadas.	EF15AR08
Desenvolver a capacidade de criação artística, a partir de danças já existentes.	Apropriação de danças e passos de danças do entorno para ressignificação e recriação em trabalho coreográfico.	EF15AR08
Desenvolver o entendimento do próprio corpo de modo integrado (sem dissociação entre corpo, pensamento, sentimento, ação) e em relação ao movimento.	Conscientização do Movimento. Propriocepção, espaço articular e autoconhecimento. Técnicas Somáticas.	EF15AR09
Experimentar o espaço e o tempo no movimento dançado e na relação do sujeito com o mundo.	Espaço pessoal e espaço global. Tempo lento e rápido. Uso do espaço e tempo na dança e no mundo cotidiano, na relação do sujeito com o mundo. Movimento cotidiano como material para criar movimento de dança.	EF15AR10
Trabalhar a dança de modo individual, coletivo e colaborativo com ênfase no processo criativo.	Composição a partir de improvisação. Processos criativos a partir de temáticas de interesse do grupo. Movimentos codificados de dança (passos de dança) como material para criação de trabalhos autorais.	EF15AR11
Identificar e discutir a pluralidade de propostas de danças no Brasil.	Danças que evidenciem a diversidade de corpos e propostas cênicas. Danças da cultura de massa. Dança do entorno da escola. Construção de vocabulários e repertórios próprios.	EF15AR12
Experimentar dança a partir de obras artísticas de outras linguagens.	Danças a partir de pintura, escultura, história, fotografia, audiovisual entre outros.	EF15AR23
Reconhecer a diversidade da cultura brasileira, suas contribuições para a formação do sujeito.	Jogos, brincadeiras e danças populares de diferentes matrizes estéticas e culturais. Brincadeiras populares como ponto de partida para criação em dança.	EF15AR24
Conhecer, reconhecer e valorizar as danças de matrizes indígenas, africanas e europeias, assim como identificar suas contribuições nas danças populares brasileiras.	Danças populares ou jogos corporais de outras regiões Matrizes e suas contribuições para danças e jogos corporais.	EF15AR25

150

PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DA PARAÍBA - ÁREA DE LINGUAGENS

5.2.6.1 Direitos de aprendizagem para o ensino de Teatro

1. Conhecer e participar de jogos, explorando o corpo e a voz, sendo capaz de vivenciar o “faz de conta” e sua ludicidade e compreendendo as diferenças entre a realidade objetiva e o fazer teatral, o encenar;

2. Experimentar/explorar os aspectos da cena e seus elementos básicos, a partir da ludicidade, percebendo a prática do teatro como manifestação coletiva e relacional;

3. Estar em contato com o percurso histórico do Teatro, seus(suas) artistas e produções, as-

sim como em espaços de arte informais ou formais, como teatros e anfiteatros;

4. Conhecer, participar e analisar as produções culturais locais, percebendo sua teatralidade.

5.2.6.2. Objetivos de aprendizagem e conteúdos para o ensino de Teatro

A seguir, são apresentados quadros contemplando os objetivos de aprendizagem, conteúdos e habilidades da BNCC, propostos para o Ensino de Teatro no Ensino Fundamental.

1º CICLO		
ENSINO DE TEATRO		
(1º, 2º E 3º ANOS)		
OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDO	HABILIDADE BNCC
Apreciar e reconhecer manifestações do teatro em diferentes contextos.	A teatralidade na Literatura Infantil e o “faz de conta”.	(EF15AR18)
Conhecer, vivenciar e interagir com materiais, tecnologias, técnicas, instrumentos e procedimentos variados da linguagem teatral, experimentando-os de modo a utilizá-lo nos trabalhos pessoais e coletivos de criação artística.	Brinquedos infantis (ênfase em brinquedos da cultura popular paraibana e da comunidade local) e suas possibilidades cênicas.	(EF15AR19)
Vivenciar experiências educativas, coletivas e colaborativas em teatro.	Jogos de improvisação – representação de cenas do cotidiano.	(EF15AR20)
Vivenciar experiências de movimento e de voz na criação teatral.	Teatro de bonecos -Mamulengos, dedoches e fantoches. Dramatização de histórias com os bonecos.	(EF15AR22)
Conhecer e reconhecer os elementos que constituem as linguagens artísticas a partir da leitura e análise de objetos artísticos.	Jogos dramatúrgicos	(EF15AR23)
Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.	Lendas, Parlendas e outros elementos da cultura popular brasileira, paraibana e local, inclusive de diferentes matrizes estéticas e culturais- utilizando-se do faz de conta e da confecção de elementos cênicos.	(EF15AR24)

2º CICLO		
ENSINO DE TEATRO		
(4º E 5º ANOS)		
OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDO	HABILIDADE BNCC
Conhecer e reconhecer os elementos que constituem a linguagem teatral a partir da leitura e análise de objetos artísticos.	Brincadeiras infantis e suas possibilidades cênicas – ênfase nas brincadeiras populares paraibanas e locais.	(EF15AR19)
Conhecer, vivenciar e interagir com materiais, tecnologias, técnicas, instrumentos e procedimentos variados do teatro, experimentando-os de modo a utilizá-lo nos trabalhos pessoais e coletivos de criação artística.	Experimentação teatral – uso de adereços, figurinos, objetos cênicos, etc.	(EF15AR20)
Vivenciar experiências educativas em teatro.	Jogos dramatúrgicos – representação de cenas do cotidiano.	(EF15AR21)
Conhecer e reconhecer os elementos que constituem a linguagem teatral a partir da leitura e análise de objetos artísticos.	Personagens de contos de fadas – características e estereótipos.	(EF15AR22)
Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, e incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas.	Manifestações culturais brasileiras, nordestinas, paraibanas e da comunidade local – brincadeiras de cunho dramatúrgico de diferentes matrizes (indígena, europeias, africanas...)	(EF15AR25)
Vivenciar processos educativos de diálogo interdisciplinar da arte com diferentes áreas de conhecimento e de diálogo inter territorial das diferentes linguagens artísticas, inclusive com as novas tecnologias	Representação cênica de pinturas com registro fotográfico – Exposição de trabalhos.	(EF15AR26)

3º CICLO		
ENSINO DE TEATRO		
(6º E 7º ANOS)		
OBJETIVO DE APRENDIZAGEM	CONTEÚDO	HABILIDADE BNCC
Reconhecer e apreciar artistas e grupos de teatro locais, brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas, entendendo os diferentes contextos históricos e culturais da humanidade.	O Teatro em diferentes períodos, na cultura local, no Brasil e no mundo. Artistas e grupos de teatro brasileiros, paraibanos e locais.	(EF69AR24)
Identificar e analisar diferentes estilos cênicos.	Gêneros e estilos Cênicos - Mímica, pantomima, Teatro de bonecos em suas variações, de máscaras, de sombras.	(EF69AR25)
Explorar diferentes elementos envolvidos na composição dos acontecimentos cênicos e reconhecer seus vocabulários.	Os Signos Teatrais (Organizar dialogicamente o vestuário, a maquiagem, os objetos de cena, o espaço, o cenário, a iluminação, os sons, os ruídos, a música, o texto e os adereços como componentes estruturadores da cena, o cenário, a iluminação, os sons, os ruídos, a música, o texto e os adereços como componentes estruturadores da cena)	(EF69AR26)
Pesquisar e criar formas de dramaturgias e espaços cênicos para o acontecimento teatral, em diálogo com o teatro contemporâneo.	Teatro de rua; Saltimbancos; O circo e a cultura paraibana.	(EF69AR27)